Pollyanna

Pollyanna

Eleanor H. Porter

Do original em inglês
Pollyanna
Copyright © 1912

Este livro, cujo original na língua inglesa já é de domínio público, foi traduzido especialmente para os leitores do GOLFINHO e seus direitos de tradução estão reservados, sendo sua divulgação proibida.

Para minha prima Belle

CAPÍTULOS

I.	Miss Polly	5
II.	Nancy e o velho Tom	7
III.	A chegada de Pollyanna	9
IV.	O quartinho do sótão	13
V.	O jogo	17
VI.	Uma questão de dever	20
VII.	Pollyanna e os castigos	24
VIII.	Pollyanna faz uma visita	27
IX.	O que se fala do “homem”	31
X.	Uma surpresa para Mrs. Snow	33
XI.	Apresentando Jimmy	37
XII.	As senhoras da Caridade	42
XIII.	No bosque de Pendleton	44
XIV.	Uma simples geleia	47
XV.	O Doutor Chilton	50
XVI.	O xale de renda e uma rosa vermelha	55
XVII.	Como um livro	59
XVIII.	Os prismas	62
XIX.	Uma surpresa	65
XX.	Ainda mais surpreendente	67
XXI.	A resposta a uma pergunta	70
XXII.	Os sermões e a caixa de lenha	73
XXIII.	O acidente	77
XXIV.	John Pendleton	80
XXV.	O jogo de espera	84
XXVI.	Uma porta entreaberta	87
XXVII.	Duas visitas	89
XXVIII.	O jogo e seus jogadores	93
XXIX.	Através de uma janela aberta	98
XXX.	Jimmy assume o controle	100
XXXI.	Um novo tio	102
XXXII.	Uma carta de Pollyanna	103

Capítulo I

Miss Polly

Naquela manhã de junho, Miss Polly Harrington entrou em sua cozinha um pouco apressada. Ela normalmente não fazia movimentos precipitados. Especialmente ela, que se orgulhava de seus modos educados. Mas hoje estava com pressa – estava realmente muito apressada.

Nancy, que lavava os pratos na pia, olhou para ela com surpresa. Ela trabalhava na casa de Miss Polly havia apenas dois meses, mas já sabia que a sua patroa nunca tinha pressa.

– Nancy!

– Sim, senhora – respondeu Nancy, alegremente, sem interromper a lavagem de um jarro.

– Nancy! – agora a voz de Miss Polly soava mais áspera. – Quando eu estiver falando com você, eu quero que você pare o seu trabalho e ouça o que estou dizendo.

Nancy ficou corada e largou imediatamente o jarro, quase o deixando cair, o que não ajudou em nada em sua postura.

– Sim, senhora, já vou – gaguejou ela, endireitando o jarro e virando-se rapidamente. – Eu só estava fazendo o meu trabalho, pois a senhora me disse, hoje de manhã, para terminar logo com a louça.

A patroa franziu as sobrancelhas.

– Está bem, Nancy. Eu não pedi explicações. Só quero que preste atenção.

– Sim, senhora – Nancy abafou um suspiro. Ela estava imaginando se alguma vez conseguiria agradar àquela mulher. Nancy nunca havia trabalhado fora antes. Porém, sua mãe estava doente e enviuvara recentemente, com três filhos pequenos, além da própria Nancy. A jovem se viu obrigada a fazer algo para ajudar no sustento da família e ficou muito contente em encontrar um lugar na cozinha da mansão, situada no alto da colina. Nancy tinha vindo de Corners, uma vila a seis quilômetros dali. Ela sabia que Miss Polly Harrington era a única dona da velha propriedade dos Harrington, e uma das mais ricas moradoras da cidade. Isto fora há dois meses. Agora ela conhecia Miss Polly como uma senhora carrancuda, que fazia cara feia se uma faca caísse no chão ou se uma porta batesse, mas que nunca sorria, mesmo quando as facas e as portas ficavam imóveis.

– Quando você acabar o trabalho da manhã – disse Miss Polly – pode limpar o quartinho que dá para a escada do sótão e faça a cama. Varra, limpe o quarto e, depois, retire as caixas e as malas.

– Sim, senhora. E, por favor, onde ponho as coisas que vou retirar de lá?

– Na parte da frente do sótão. – Miss Polly hesitou um momento e depois prosseguiu: – Eu acho bom já lhe contar, Nancy. A minha sobrinha, Miss Pollyanna Whittier, vem viver comigo. Tem onze anos e vai dormir naquele quarto.

– Uma menina, aqui, Miss Harrington? Que bom! – exclamou Nancy, pensando na alegria que eram as suas irmãs na sua casa em Corners.

– Bom, essa não seria exatamente a palavra que eu usaria – respondeu Miss Polly com rigor. – Contudo, pretendo fazer o melhor que puder. Sou uma boa pessoa e conheço meus deveres.

Nancy ficou com o rosto vermelho.

– Com certeza, senhora. Eu só pensei que uma menina aqui poderia trazer um pouco de alegria.

– Obrigada – murmurou, secamente, a senhora. – No entanto, eu não posso dizer que vejo alguma necessidade disso.

– Mas, com certeza, a senhora quer bem a filha da sua irmã – se arriscou Nancy, sentindo que, de alguma maneira, devia preparar as boas vindas para essa pequena estranha.

Miss Polly levantou arrogantemente o queixo.

– Realmente, Nancy, justo por ter tido uma irmã suficientemente tola para casar e colocar, sem necessidade, mais uma criança nesse mundo, que já está bem cheio, é que eu não vejo por que razão eu mesma devo ter que cuidar dela. Entretanto, como já disse, conheço meus deveres. E vê se limpa bem os cantos, Nancy – concluiu ela com severidade, saindo da cozinha.

– Sim senhora – suspirou Nancy, apanhando novamente o jarro, agora já meio seco, tanto que ela teria que lavá-lo de novo.

Em seu próprio quarto, Miss Polly pegou mais uma vez a carta que havia recebido dois dias antes, vinda de uma distante cidade no oeste, e que tinha sido uma desagradável surpresa para ela. A carta estava endereçada a “Miss Polly Harrington, Beldingsville, Vermont” e dizia o seguinte:

Prezada senhora: lamento informá-la de que o reverendo John Whittier faleceu duas semanas atrás, deixando uma filha única com onze anos de idade. Ele não deixou praticamente nada, salvo alguns livros, pois, como a senhora certamente sabe, ele era pastor de uma pequena paróquia e tinha um salário muito miserável.

Suponho que ele era marido da sua falecida irmã. Antes de morrer, ele deu a entender que, apesar do relacionamento entre as famílias não ser o melhor, ele pensou que pela memória da sua irmã a senhora talvez quisesse cuidar da criança e levá-la para morar entre os seus outros parentes do leste. É por essa razão que estou lhe escrevendo.

Quando receber essa carta, a menina estará pronta para partir, e, se puder ficar com ela, agradeceríamos muito que a senhora nos confirmasse imediatamente, visto que há um casal indo em breve para o leste, e eles poderiam levá-la até Boston e colocá-la no trem para Beldingsville. Naturalmente, a senhora será informada do dia e horário da chegada de Pollyanna.

Aguardando sua resposta favorável, subscrevemo-nos.

Respeitosamente,

Jeremiah O. White

Com um olhar carrancudo, Miss Polly dobrou a carta e a colocou no envelope. Ela havia respondido no dia anterior, dizendo que naturalmente ficaria com a criança. Ela sabia perfeitamente bem qual era o seu dever – por mais desagradável que fosse a situação.

Sentada com a carta nas mãos, os seus pensamentos voltaram-se para sua irmã Jenny, a mãe da criança, e até a época em que ela, com vinte anos, tinha teimado em casar com o jovem pastor, apesar da oposição de todos. Havia um homem bastante rico que a desejava, e a família preferia este no lugar do pastor. Mas Jenny não cedera. O homem, embora tivesse mais dinheiro, era mais velho, enquanto o pastor tinha a cabeça cheia de ideais e de entusiasmo, bem como um coração cheio de amor. Jenny, muito naturalmente, tinha preferido estes atributos. Casou-se com o pastor e foi para o sul como a esposa de um missionário.

A ruptura foi inevitável. Miss Polly recordava-se bem, apesar de ter apenas quinze anos. Na época era a mais nova, e a família tinha mais o que fazer do que pensar numa esposa de missionário. Jenny tinha escrito algum tempo depois, comunicando o nascimento de sua filha Pollyanna, assim chamada em homenagem às suas irmãs Polly e Anna. Tinha tido outros bebês, que morreram. Foi a última vez que Jenny escreveu e, alguns anos depois, tinha chegado a notícia do seu falecimento, através de uma carta lacônica do próprio pastor, enviada de uma pequena cidade do oeste.

Entretanto, o tempo não havia parado para os moradores da mansão na colina. Miss Polly, com os olhos postos no vale que se estendia à sua frente, refletiu nas mudanças que aqueles vinte e cinco anos haviam trazido.

Ela agora já tinha 40 anos e estava completamente só no mundo. O pai, a mãe e as irmãs, todos tinham morrido. Desde há alguns anos ela era a única dona da casa e dos milhares de dólares deixados pelo pai. Existiam algumas pessoas que lamentavam abertamente a sua vida solitária, aconselhando–a a cultivar amigos e companhias, mas ela rejeitava todos os conselhos. Não era solitária, dizia ela. Gostava de estar assim.

Gostava da tranquilidade. E, agora...

Miss Polly levantou-se com a testa franzida e a boca cerrada. Claro que estava satisfeita, considerava-se uma mulher de bem e não só conhecia o seu dever, como também tinha força de caráter suficiente para cumpri-lo.

Mas – POLLYANNA! – que nome ridículo!

Capítulo ll

Nancy e o velho Tom

No pequeno quarto do sótão, Nancy varria e esfregava com vigor, prestando especial atenção aos cantos. Em certos momentos, o vigor que colocava em seu trabalho era mais para desabafar seus sentimentos do que por entusiasmo em limpar a sujeira. Nancy, apesar de sua submissão um tanto amedrontada, não era nenhuma santa.

– Eu só queria poder varrer os cantos da alma dela – murmurava irritada, marcando suas palavras com golpes de pano molhado. – Certo, bem que isto precisava de uma limpeza! Mas que ideia colocar essa pobre criança aqui em cima nesse quartinho que faz calor no verão e frio no inverno, com tantos quartos para escolher nesse casarão! Criança não faz falta! Hum! – Nancy bateu tão forte com o pano que seus dedos doeram com o esforço. – Aposto que não existe criança no mundo que não seja mais necessária para alguém do que essa.

Durante algum tempo ela trabalhou em silêncio. Terminado seu trabalho, olhou para o quartinho quase nu com sincero desgosto.

– Bem, pelo menos minha parte está pronta. Ao menos já não existe mais sujeira por aqui, embora também não existam muito mais coisas. Pobre criança! Que belo lugar para colocar uma criança órfã e desamparada! – concluiu ela, saindo e fechando a porta com um estrondo. – Ih! – exclamou, mordendo os lábios. Logo em seguida pensou, obstinada: – Que me importa! Espero que ela tenha ouvido a porta bater!

No jardim, nesta tarde, Nancy achou uns minutos para conversar com o velho Tom, que há muitos anos cuidava do jardim.

– Mr. Tom – começou Nancy, lançando um olhar rápido para trás para ter certeza de que ninguém a observava – sabe que vem uma menina para morar aqui com a Miss Polly?

– O quê? – exclamou o velho, tentando endireitar as suas costas com dificuldade.

– Uma menina. Vem morar com a Miss Polly.

– Brincadeira sua, Nancy! – disse o velho Tom incrédulo. – Por que não diz que o sol amanhã vai nascer do outro lado?

– Mas é verdade, ela mesma me disse. É a sobrinha dela, que tem onze anos de idade.

O velho ficou de queixo caído.

– Impossível! – disse ele. Mas logo seus olhos brilharam. – Bem, na verdade pode. Deve ser a filha menor da Miss Jenny. Todos os outros morreram. Nancy, deve ser a filha pequena de Miss Jenny! Deus seja louvado! Nunca pensei que os meus velhos olhos iriam vê-la.

– Quem era Miss Jenny?

– Era um anjo caído do céu – murmurou o velho com fervor, –mas os falecidos patrões a conheciam como sua filha mais velha. Tinha vinte anos quando se casou e foi embora. Todos os filhos dela morreram, exceto a última. Deve ser essa que vem agora.

– Ela tem onze anos.

– É, deve ser ela – disse o velho, concordando com a cabeça.

– E vai dormir no sótão, parece impossível! – desabafou Nancy, olhando novamente sobre o ombro para a casa atrás de si.

O velho Tom resmungou, mas, logo a seguir, surgiu um sorriso curioso nos seus lábios.

– Estava pensando o que a Miss Polly vai fazer com uma criança na casa.

– Hum, bem, eu estava pensando o que uma criança vai fazer com a Miss Polly na casa.

O velho Tom riu.

– Parece que você não gosta muito da Miss Polly.

– Como se alguém pudesse gostar dela!

O velho Tom sorriu de modo estranho e começou a trabalhar de novo, dizendo:

– Suponho que você não saiba nada sobre o caso amoroso de Miss Polly.

– Caso amoroso, ela? Não! E também acho que mais ninguém sabe.

– Pois eles se apaixonaram – disse o velho. – E o sujeito vive aqui na cidade, até hoje.

– Quem é ele?

– Isso eu não posso dizer – o velho endireitou-se de novo. Em seus olhos azuis estava estampada a velha lealdade dos criados que servem a vida inteira a uma mesma família.

– Mas isso parece impossível! Ela e um namorado... – insistiu Nancy.

O velho Tom balançou a cabeça.

– Você não conheceu a Miss Polly como eu. Era muito bonita e ainda seria se não...

– Bonita? Miss Polly?

– Sim. Se ela penteasse o cabelo como fazia antigamente e não o usasse todo puxado para trás, e se voltasse a usar aqueles vestidos lindos cheios de laçarotes, você veria como ela ainda é bonita. A Miss Polly não é velha, Nancy.

– Se não é, finge muito bem!

– Sim, eu sei. Isso começou na época que brigou com o namorado. Desde então, parece que só se alimenta de amargura e espinhos. É por isso que é tão difícil lidar com ela.

– Pois, para mim, ela não está assim. Sempre foi assim. Por mais que se tente, não se consegue agradá-la. Se eu não precisasse ganhar dinheiro por causa do pessoal lá em casa, não ficava aqui. Mas, um dia, me canso e digo adeus.

O velho Tom balançou a cabeça.

– Eu sei. Já me senti assim. É natural, mas não será melhor para você, menina. Ouça o que eu digo, não será melhor – e novamente se curvou para continuar seu trabalho.

– Nancy! – gritou uma voz aguda.

– Sim, senhora – respondeu ela, gaguejando, e correu em direção à casa.

Capítulo III

A chegada de Pollyanna

Finalmente chegou o telegrama anunciando que Pollyanna chegaria a Beldingsville no dia seguinte, 25 de junho, às quatro horas da tarde. Miss Polly leu o telegrama, franziu a testa e subiu as escadas até o quarto do sótão. Continuou com a testa franzida enquanto olhava ao redor.

O quarto tinha uma pequena cama, muito bem feita, duas cadeiras de madeira, um lavatório, uma cômoda sem espelho e uma pequena mesa. Não tinha cortinas, nem quadros na parede. Durante todo o dia o sol tinha batido no telhado e o pequeno quarto parecia um forno. Como não havia tela, as janelas tinham que permanecer fechadas. Uma mosca grande zumbia furiosamente tentando sair, voando para cima e para baixo nos vidros.

Miss Polly matou a mosca e, levantando a vidraça, atirou-a pela janela. Arrumou a cadeira e, ainda carrancuda, saiu do quarto.

– Nancy, – disse ela, alguns minutos depois, na porta da cozinha. – Eu encontrei uma mosca lá em cima no quarto de Miss Pollyanna. A janela deve ter ficado aberta. Eu já encomendei as telas, mas, até que elas cheguem eu espero que você cuide para manter as janelas fechadas. A minha sobrinha vai chegar amanhã às quatro horas. Eu quero que você a encontre na estação. Timothy irá levá-la de charrete. O telegrama diz que ela tem cabelo claro, está de vestido xadrez vermelho e com um chapéu de palha. Isto é tudo que eu sei, mas creio que é o suficiente.

– Sim senhora, mas não...

Miss Polly evidentemente compreendeu o que ela pretendia perguntar, pois franziu a testa e disse, asperamente:

– Não, eu não vou. Acho que não é necessário que eu vá. É só isso. – E se retirou. As providências de Miss Polly para a chegada da sua sobrinha Pollyanna estavam concluídas.

Na cozinha, Nancy apertou o ferro de passar roupa contra a toalha que estava passando e resmungou:

– Cabelo claro, vestido vermelho e chapéu de palha. Não é possível, é tudo que ela sabe! Bom, eu ficaria com vergonha se não fosse esperar a minha única sobrinha chegando sozinha depois de atravessar todo o país!

Faltando pontualmente vinte minutos para as quatro horas da tarde do dia seguinte, Timothy e Nancy saíram na charrete para encontrar a hóspede esperada. Timothy era filho do velho Tom. Na cidade, todos diziam que se o velho Tom era o braço direito de Miss Polly, então Timothy era o braço esquerdo. Era um rapaz de bom caráter e também bem apessoado. Apesar de Nancy estar há pouco tempo na casa, os dois já eram bons amigos. Hoje, porém, Nancy estava tão compenetrada em sua missão que não falava como de costume, e foi quase em silêncio que se dirigiram à estação para esperar o trem.

Nancy ia repetindo as palavras na sua mente: “cabelo claro, vestido xadrez vermelho, chapéu de palha.” E ficava imaginando que tipo de criança seria essa Pollyanna.

– Espero que seja calma e sensível, e que não deixe cair as facas nem bata as portas – disse ela para Timothy, que desfrutava com prazer do passeio.

– Se não for, imagina só o que vai acontecer conosco – resmungou Timothy. – Imagine Miss Polly com uma criança barulhenta. Corra! O trem está apitando.

– Oh, Timothy, acho que ela foi muito mesquinha em me mandar buscar a menina – disse uma Nancy repentinamente assustada, enquanto corria para um local onde pudesse observar os passageiros descendo na pequena estação.

Não demorou muito para que Nancy a visse. Era uma menina esguia num vestidinho de algodão vermelho e duas tranças loiras. Sob o chapéu de palha, uma carinha ansiosa olhava para a direita e para a esquerda, claramente procurando alguém.

Nancy reconheceu a criança de imediato, mas durante algum tempo não conseguia caminhar – seus joelhos tremiam muito. Finalmente se aproximou:

– Miss Pollyanna é a senhorita? – perguntou hesitante. Logo em seguida sentiu-se sufocada por dois braços vestidos de vermelho em volta do seu pescoço.

– Oh, estou tão contente, tão contente de lhe ver – murmurou uma vozinha no ouvido de Nancy. – Claro que sou a Pollyanna, e estou muito contente que a senhora tenha vindo me esperar! Eu esperava que pudesse!

– Contente! – gaguejou Nancy, perguntando-se como Pollyanna a teria conhecido. – Como? – perguntou enquanto tentava endireitar seu chapéu.

– Sim, eu fiquei imaginando o tempo todo como seria a senhora – gritava a menina, pulando de um pé para o outro enquanto examinava a embaraçada Nancy dos pés a cabeça. – E agora eu sei, e fiquei muito contente porque a senhora é exatamente como eu imaginei.

Nancy ficou aliviada por Timothy ter vindo com ela. As palavras de Pollyanna a tinham confundido.

– Esse é o Timothy – gaguejou ela. – Você tem alguma bagagem para carregar?

– Sim, eu tenho – afirmou a menina com importância. – Eu tenho uma novinha. As senhoras da Associação de Caridade compraram uma para mim. Foi muito simpático da parte delas, porque elas também queriam comprar um tapete! Lógico que eu não sei quanto tapete vermelho elas podiam comprar com o valor da mala, mas devia ser bastante, quem sabe a metade do corredor, não acha? E eu tenho aqui um cheque que o Mr. Grey disse que era para lhe entregar antes de pegar a minha mala. O Mr. Grey é o marido da Mrs. Grey. Eles são primos da mulher do pastor Carr. Eu viajei com eles e eles são encantadores. Aqui está ele – concluiu ela, retirando o cheque, depois de muito remexer na bolsa que carregava.

Nancy respirou fundo. Instintivamente sentiu que era preciso tomar fôlego depois daquela explicação. E olhou para o Timothy que, cuidadosamente, desviou os olhos.

Finalmente partiram os três, com a mala de Pollyanna na parte de trás e a própria Pollyanna abrigada entre Nancy e Timothy. Enquanto se arrumavam, a menina falava sem parar, fazendo comentários e perguntas, deixando Nancy quase tonta.

– Vejam só! Isso não é lindo? É muito longe? Adoro andar de charrete – suspirou Pollyanna, logo que começaram a andar. – Mas se não for longe, não faz mal, e até será melhor, porque eu chegarei mais depressa. Que rua bonita! Eu sabia que era bonita. O papai me disse.

Parou de falar com um soluço. Nancy, que olhou para ela com apreensão, viu que o queixo dela tremia e que lágrimas escorriam pelo rosto. Mas ela se recompôs num instante, com uma leve mexida da cabeça.

– Papai me contou tudo. Ele nunca se esqueceu. Ah, eu deveria ter explicado antes. Mrs. Gray me avisou para falar, é sobre esse vestido vermelho e porque eu não estou vestida de preto. Ela disse que a senhora ia achar estranho. Mas não havia nenhuma roupa preta nas coisas da última coleta. Só havia um vestido de veludo de senhora que a esposa do pastor Carr disse que não era adequado para mim. Além disso, estava gasto nos cotovelos e tinha umas manchas brancas. Algumas das senhoras da Associação queriam me comprar um vestido preto e um chapéu, mas as outras acharam que o dinheiro devia ir para o tapete vermelho que elas querem comprar para a igreja. Mrs. White disse que assim ficaria bem, porque, de qualquer maneira, ela não gostava de criança vestida de preto.

Pollyanna fez uma pausa para recuperar o fôlego e Nancy conseguiu dizer:

– Bem, eu tenho certeza de que assim está bem.

– Eu fico contente que a senhora também acha isso. Lógico que ia ser mais difícil ficar contente vestida de preto...

– Contente? – disse Nancy, surpreendida com a interrupção.

– Sim, pelo papai ter ido para o céu para ficar com a mãe e os meus irmãos. Ele disse que eu devia ficar contente. Mas mesmo assim é bem difícil, mesmo vestida de vermelho, porque eu gostava muito dele. Enquanto a mãe e os meus irmãos têm Deus e os anjos, eu não tinha mais ninguém a não ser as senhoras da Associação de Caridade. Mas agora tenho certeza que vai ser mais fácil porque tenho a senhora, tia Polly. Estou muito contente por ter a senhora!

A simpatia que Nancy tinha pela pequena desamparada transformou-se em pavor.

– Ah, mas você está enganada, querida. Eu sou a Nancy. Não sou sua tia Polly!

– Não é? – perguntou a menina, em profundo desânimo.

– Não. Eu sou Nancy. Nunca pensei que pudesse me confundir com ela. Nem sequer somos parecidas.

Timothy sorriu gentilmente, mas Nancy estava muito perturbada para responder ao seu olhar.

– Mas quem é você? – perguntou Pollyanna. – Não parece uma empregada!

Desta vez Timothy não conteve o riso.

– Sou Nancy, a empregada da sua tia. Faço tudo, menos lavar a roupa. Isso é o trabalho de Miss Durgin.

– Mas a tia Polly existe? – perguntou a menina, com ansiedade.

– Pode apostar a sua vida que existe – interrompeu Timothy.

Pollyanna suspirou, visivelmente mais relaxada.

– Ah, então está bem. – Depois de uma pausa, prosseguiu alegremente. – Sabem, eu estou contente. Apesar de tudo, estou contente por ela não ter vindo me esperar, porque agora, além de vocês, ainda vou conhecê-la.

Nancy corou e Timothy lhe disse, com um sorriso de admiração:

– Isso é o que eu chamo de elogio. Por que você não agradece para a menina?

– Eu estava pensando na Miss Polly – gaguejou Nancy.

Pollyanna suspirou de contentamento.

– Eu também estava. Estou muito ansiosa para conhecê-la. Sabe, ela é a única parente que me resta, e eu nem sabia que ela existia. Um dia papai me falou dela. Disse que ela vivia numa casa grande e muito bonita bem no alto de uma colina.

– É verdade. Você já pode vê-la daqui – disse Nancy. – É aquela casa branca grande com aberturas verdes, bem lá na frente.

– Mas que bonita! E tem muitas árvores e um gramado em volta! Nunca vi um gramado tão grande. A minha tia Polly é rica, Nancy?

– Sim, Miss.

– Ainda bem. Deve ser ótimo ter muito dinheiro. Nunca conheci alguém rico, só os White, que tinham algum dinheiro. Eles tinham tapetes em todas as salas e tomavam sorvete nos domingos. Tem sorvete na casa da tia Polly nos domingos?

Nancy balançou a cabeça, enquanto cerrava os lábios e lançava um olhar para o Timothy.

– Não, Miss. Eu acho que a sua tia não gosta de sorvete. Pelo menos eu nunca vi sorvete na casa dela.

Pollyanna fez uma cara feia.

– Ah, ela não gosta? Que pena! Não sei como pode haver alguém que não goste de sorvete. Bem, de qualquer maneira, isso é bom, porque sorvete em grande quantidade dá dor de barriga. Mas a tia Polly tem tapetes, não?

– Sim, ela tem tapetes.

– Em todas as salas?

– Em quase todas – respondeu Nancy, franzindo a testa ao se lembrar que no quartinho do sótão não tinha nenhum tapete.

– Oh, estou tão contente! – repetiu Pollyanna. – Adoro tapetes. Nós não tínhamos nenhum, apenas dois pequenos carpetes que vieram numa doação, mas um deles estava manchado. Mrs. White também tinha quadros na parede, lindos. Um de meninas brincando no meio das roseiras, um de cordeiros e um leão. Não juntos, lógico, o leão e os cordeiros. A bíblia diz que os leões e os cordeiros

andarão juntos, mas essa hora ainda não chegou, pelo menos não na casa da Mrs. White. Você gosta de quadros?

– Não sei – respondeu Nancy, meio encabulada.

– Eu gosto. Nós não tínhamos quadros. Sabe, eles não costumam vir nas doações. Mas uma vez vieram dois. Um era muito bom, tanto que papai o vendeu para comprar sapatos para mim, e o outro estava tão podre que, quando o penduramos, ele despencou e quebrou o vidro. Eu chorei muito. Mas agora estou contente por não ter tido nada disso porque, não estando acostumada, vou poder apreciar muito mais essas coisas na casa da tia Polly. Foi como quando vieram nas doações aquelas lindas fitas de amarrar cabelo depois de um lote de umas velhas, já sem cor. Meu Deus! Como é bonita a casa! – gritou ela quando fizeram uma curva na estrada, chegando na frente da casa.

Só quando Timothy descarregou a mala é que Nancy teve oportunidade de murmurar no seu ouvido.

– Nunca mais fale em ir embora, Timothy Durgin!

– Ir embora? Claro que não – respondeu o jovem rindo. – Agora, com essa menina, isso aqui vai ficar muito mais divertido que um cinema.

– Divertido! – repetiu Nancy, indignada. – Acho que não vai ser nada divertido para essa pobre menina quando as duas tiverem que viver juntas. Acho que ela vai precisar de uma toca para se refugiar. Pois bem, Timothy, eu pretendo ser esse refúgio. – E, virando-se, conduziu Pollyanna para dentro.

Capítulo IV

O quartinho do sótão

Miss Polly Harrington não se levantou para receber sua sobrinha. Quando Nancy e a menina apareceram na porta da sala, ela se limitou a levantar os olhos do livro e estender a mão com a palavra “dever” escrita em cada dedo.

– Como vai, Pollyanna? Eu... – Não teve chance de falar mais nada. Pollyanna já tinha atravessado a sala correndo e se jogado no colo da escandalizada tia.

– Oh, tia Polly, tia Polly! Não sei como dizer o quanto estou contente por ter me deixado viver com a senhora – disse ela, soluçando. – A senhora não imagina a minha alegria em ter a senhora, a Nancy e mais tudo isso, depois de ter tido apenas as senhoras da Caridade.

– Muito provável – disse Miss Polly rudemente. – Apesar de não ter tido o prazer de conhecer essas senhoras da Caridade – continuou ela, tentando soltar-se dos dedos que a agarravam. E, dirigindo um olhar carrancudo a Nancy, que ainda se encontrava na porta da sala:

– Nancy, está tudo bem. Pode ir. Pollyanna, seja uma menina comportada, por favor, e tenha modos. Eu ainda não olhei bem para ti.

A menina recuou imediatamente, rindo nervosamente.

– Não, acho que não, mas também não tem muito para ver, além das sardas. Oh, eu tenho que explicar sobre esse vestido vermelho e o vestido de veludo com manchas brancas nos cotovelos. Eu já disse para Nancy como papai disse...

– Não interessa o que o seu pai disse – interrompeu Miss Polly rispidamente. – Você trouxe uma mala, suponho?

– Oh, sim, sem dúvida, tia Polly. Eu tenho uma linda mala que as senhoras da Caridade me deram. Mas eu não tenho muita coisa. As doações ultimamente não tinham muitas roupas para crianças, mas eu trouxe todos os livros do papai, pois a Mrs. White disse que eu deveria guardá-los. Papai...

– Pollyanna – interrompeu a tia de novo, de um modo brusco. – Há uma coisa que eu quero que você entenda agora e para sempre. Não quero que você fique falando do seu pai o tempo todo.

A pobre menina ficou surpresa e trêmula.

– Mas por que, tia Polly? A senhora quer dizer que... – e não pode concluir a frase.

– Vamos subir para olhar o seu quarto. Acho que a sua mala já está lá. Eu disse para Timothy levá-la. Venha comigo, Pollyanna.

Sem dar uma palavra, Pollyanna virou-se e seguiu sua tia. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, mas seu queixo mantinha-se erguido.

“Afinal de contas, acho melhor que ela não queira que eu fale do papai”, pensou Pollyanna. “Será mais fácil para mim. Talvez seja por isso que ela disse para não falar nele.” E Pollyanna, convencida mais uma vez sobre a bondade da tia, disfarçou as lágrimas e olhou para ela com carinho.

Foram em direção à escada. Miss Polly ia na frente, fazendo barulho com sua saia de seda preta. Caminhando atrás dela, através de uma porta aberta, a menina conseguiu ver belos tapetes e cadeiras revestidas de cetim. Sob seus pés, um tapete maravilhoso mais parecia um relvado coberto de musgo. Por todos os lados, molduras douradas e a luz do sol passando através de cortinas de renda.

– Oh, tia Polly, tia Polly! – murmurou a menina. – Que casa linda, a sua! A senhora deve ser muito feliz por ser tão rica!

– Pollyanna! – respondeu Miss Polly, detendo-se bruscamente quando chegou no final das escadas. – Eu estou surpresa com esse seu modo de falar!

– Mas por que, tia Polly? A senhora não é rica? – indagou a menina, realmente surpresa.

– Claro que não, Pollyanna. Eu não cometo o pecado de me orgulhar dos bens que o Senhor me concedeu – declarou a senhora. – Não fale em riqueza.

Miss Polly virou-se e percorreu o corredor em direção à porta da escada que conduzia ao sótão. Agora, estava satisfeita por ter colocado a menina no quarto do sótão. Sua ideia inicial tinha sido colocá-la o mais longe possível dela, num lugar onde não poderia estragar nenhum móvel valioso. Mas agora, com toda aquela vaidade a se manifestar tão cedo, ela sentia-se ainda mais satisfeita que o quarto destinado para a menina fosse tão pobremente mobiliado.

Pollyanna seguia ansiosamente os passos da tia. Os seus grandes olhos azuis tentavam, ainda com maior ansiedade, olhar em todas as direções ao mesmo tempo para que nada de bonito ou interessante passasse despercebido. Em sua cabeça, era grande a expectativa para o mistério a ser desvendado: por trás de qual de todas essas fascinantes portas ficaria o seu quarto – o lindo quarto com cortinas, tapetes e quadros que iriam ser seus. Então, bruscamente, a tia abriu uma porta e começou a subir outra escada.

Havia pouco para ser visto ali. Uma escada estreita e paredes nuas, cor de rosa. No final, apenas um espaço onde o telhado chegava quase no chão e que estava cheio de bugigangas. Estava quente e abafado. Inconscientemente, Pollyanna levantou mais a cabeça – ali parecia difícil de respirar. Então ela viu sua tia abrir uma porta à direita.

– Aqui é o seu quarto, Pollyanna. E a mala já está aqui. Você tem a chave?

A menina fez que sim com a cabeça, com os olhos arregalados e uma expressão de pavor. Sua tia fez uma expressão severa.

– Quando eu lhe faço uma pergunta, Pollyanna, prefiro que você me responda com palavras e não se limite a fazer movimentos com a cabeça.

– Sim, tia Polly.

– Obrigada, assim está melhor. Eu acredito que aqui você tem tudo que precisa, – acrescentou, correndo os olhos pelo quarto. – Eu vou mandar a Nancy para ajudar na arrumação. O jantar é às seis horas – concluiu, enquanto saía do quarto e descia as escadas.

Pollyanna ficou parada alguns instantes, de pé, olhando para a porta. Depois virou seus olhos para as paredes nuas, para o chão sem tapetes e para as janelas sem cortinas. Finalmente seus olhos se viraram para a sua mala que, não fazia muito tempo, estivera no seu quartinho lá longe, no oeste, de onde viera. Em seguida, se ajoelhou ao lado da mala e colocou o rosto entre as mãos.

Nancy a encontrou nessa posição quando chegou alguns minutos depois.

– Pobrezinha! – murmurou ela, sentando-se no chão e abraçando a menina com seus braços. – Eu já imaginava encontrá-la assim.

Pollyanna sacudiu a cabeça.

– Eu sou má, Nancy, muito ruim – soluçou ela. – Só não entendo por que Deus e os anjos precisavam mais do meu pai do que eu.

– Claro que não – disse Nancy para consolá-la.

– Oh! Nancy! – O horror estampado no rosto de Pollyanna secou as lágrimas.

Nancy tentou sorrir enquanto enxugava os próprios olhos.

– Não foi bem isso que eu quis dizer – tentou emendar. – Vamos abrir a mala e arrumar os seus vestidos.

Ainda triste, Pollyanna pegou as chaves.

– Mas aqui não tem muita coisa para arrumar.

– Então fica tudo pronto num instante – disse Nancy.

Pollyanna deu um grande sorriso.

– Então é assim! Posso ficar contente com isso, não posso? – gritou ela.

Nancy olhou espantada.

– Sim, lógico – respondeu, um pouco confusa.

As mãos competentes de Nancy retiraram da mala, num instante, os livros, as roupas íntimas e os

poucos vestidos sem graça de Pollyanna. Esta, sorrindo agora corajosamente, começou, numa roda-viva, a pendurar os vestidos no armário, a empilhar os livros em cima da mesa e a arrumar as roupas íntimas nas gavetas.

– Tenho certeza de que vai ficar um quarto muito bonito, não acha?

Nancy não respondeu. Aparentemente estava muito ocupada com a cabeça metida na mala. Pollyanna, de pé, junto à cômoda, olhava um pouco desconsolada para as paredes nuas.

– Eu posso ficar contente por não ter nenhum espelho, pois assim não vejo as minhas sardas.

Nancy fez um ruído estranho com a boca. Mas, quando Pollyanna se virou, ela continuava com a cabeça dentro da mala. Alguns minutos depois, junto a uma das janelas, Pollyanna deu um grito de alegria, batendo palmas.

– Oh Nancy, ainda não tinha visto. Olhe ali! Aquelas árvores, as casas, aquela linda torre da igreja e o rio brilhando como um fio de prata. Com coisas tão bonitas para ver, não preciso de nenhum quadro. Estou muito contente por ela ter me dado este quarto!

Para surpresa e espanto de Pollyanna, Nancy desatou a chorar. A menina correu para ela.

– Nancy, o que foi? – depois, receosamente, perguntou: – Este não era o seu quarto, era?

– Meu quarto? Não – exclamou Nancy com veemência, procurando refrear as lágrimas. – A menina é um lindo anjinho vindo do céu e certas pessoas não merecem. Oh, ela está me chamando! – Nancy correu para fora do quarto e desceu apressadamente as escadas.

Agora sozinha, Pollyanna voltou para o seu “quadro”, como ela mentalmente designou a bela vista que se desfrutava da janela. Depois de um tempo, ela tentou abrir a janela. Parecia que não ia conseguir aguentar aquele calor insuportável. Felizmente conseguiu abri-la. Mais um pouco e a janela ficou completamente aberta. Pollyanna se debruçou na janela e respirou aquele ar fresco e puro.

Depois correu para a outra janela que, também, logo cedeu aos seus dedos ansiosos. Uma mosca passou debaixo do seu nariz, zumbindo pelo quarto. Depois entrou outra, e mais outra. Mas Pollyanna não deu atenção. Tinha feito uma descoberta maravilhosa. Junto à janela havia uma árvore enorme espalhando seus grandes galhos. Para Pollyanna, pareciam braços estendidos que a convidavam. De repente ela começou a rir.

– Acho que consigo – disse para si própria. Logo em seguida, trepou no parapeito da janela. Dali era fácil saltar para o galho mais próximo. Depois, como um macaco, passou de galho em galho até atingir o mais baixo. O salto para o chão era um pouco assustador, mesmo para Pollyanna, habituada a trepar em árvores. Porém, ela decidiu: suspendeu a respiração, dependurou-se pelos braços e aterrissou de quatro na grama macia. Levantou-se e olhou ansiosamente ao redor.

Estava nos fundos da casa. Diante dela, estendia-se um jardim, onde um velho curvado estava trabalhando. Do outro lado do jardim, notou um caminho estreito que subia por uma íngreme colina em cujo topo se erguia um solitário pinheiro junto a um enorme rochedo. Para Pollyanna, naquele momento, parecia existir apenas um lugar no mundo onde valia a pena estar: no alto daquele grande rochedo.

Correu para lá, passando pelo velho encurvado, abrindo caminho por entre fileiras de plantas e, já um pouco ofegante, alcançou o caminho que percorria o campo aberto. Depois, com determinação, começou a andar. Naquele momento, começou a achar o rochedo muito longe, embora parecesse tão perto visto da janela.

Quinze minutos depois, o grande relógio do corredor da mansão dos Harrington batia seis horas. Precisamente na última badalada, Nancy tocou o sino para o jantar.

Um, dois, três minutos se passaram. Miss Polly, carrancuda, batia com o pé no chão. Levantou-se um pouco desajeitada, percorreu o corredor e olhou para cima impaciente. Durante um minuto, escutou atentamente. Depois se virou e se dirigiu para a sala de jantar.

– Nancy – disse ela, com determinação, logo que a criada apareceu – a minha sobrinha está atrasada. Mas não precisa chamá-la – acrescentou apressadamente quando Nancy esboçou um movimento em direção à porta. – Eu já disse que o jantar era às seis horas, e, agora que ela está atrasada, tem que sofrer as consequências. Ela pode começar imediatamente a aprender a ser pontual. Quando ela descer, pode dar pão e leite na cozinha para ela.

– Sim, senhora. – E foi bom que Miss Polly não olhou para a cara dela naquele momento.

Assim que terminou a janta, Nancy subiu as escadas para o sótão.

– Pão e leite. Francamente! Coitadinha, deve ter adormecido! – Logo que abriu a porta, deu um grito de susto. – Onde é que ela está? Onde terá se metido? – perguntava ela, enquanto procurava dentro do armário, debaixo da cama e até dentro da mala e na bacia de água. Correu, então, escada abaixo e foi se encontrar com o velho Tom no jardim.

– Mr. Tom, Mr. Tom, aquela abençoada menina sumiu! – murmurou quase sem voz. – Ela desapareceu! Deve ter subido para o céu de onde veio, a pobrezinha. E a tia dela me disse para lhe dar pão e leite na cozinha. Ela deve estar comendo a comida dos anjos, eu juro, eu juro!

O velho endireitou-se.

– Desapareceu? Para o céu? – repetiu ele com ar estupefato, olhando inconscientemente para o brilhante por do sol. – Bom, Nancy, parece que ela realmente está tentando chegar bem alto – disse ele, apontando o dedo para uma figurinha esguia que se erguia no topo do grande rochedo.

– Bem, se não foi desta vez, desse jeito acabará indo – disse Nancy, obstinadamente. – Se a senhora perguntar, diga que não me esqueci da louça, mas que fui dar uma volta – virou-se e começou a andar ligeiro pelo caminho que conduzia ao campo aberto.

Capítulo V

O jogo

– Que susto me pregou, Miss Pollyanna! – gritou Nancy, enquanto corria em direção ao rochedo do qual Pollyanna tinha acabado de deslizar.

– Assustou-se? Ah, desculpe, mas não precisa se preocupar comigo, Nancy. Papai e as senhoras da Caridade também se preocupavam, até que se convenceram de que eu sempre voltava bem.

– Mas eu nem sabia que você tinha saído de casa – exclamou Nancy, agarrando a mão dela e ajudando-a a descer. – Não a vi sair, nem ninguém viu. Até parece que voou do telhado.

– É verdade, quase voei. Desci pela árvore!

Nancy parou bruscamente.

– Desceu por onde?

– Desci pela árvore, junto da minha janela.

– Minha Nossa Senhora! – exclamou Nancy. – Nem imagino o que a sua tia dirá quando souber!

– Quer saber? Eu conto para ela, e aí você pode descobrir – prometeu a menina muito alegre.

– Por favor, não diga nada!

– Por quê? Não me diga que ela se preocupa! – respondeu Pollyanna imperturbável.

– Não... quer dizer, sim. Bem, não importa. Não estou interessada em saber o que ela pode dizer – disse Nancy determinada em evitar que Pollyanna fosse repreendida. – Mas é melhor nos apressarmos. Eu tenho que lavar a louça.

– Eu ajudo – prometeu Pollyanna.

– Oh, Miss Pollyanna! Nem pense nisso.

Houve um breve silêncio. O céu escurecia rapidamente. Pollyanna agarrou-se com firmeza ao braço de sua amiga.

– Apesar de tudo, estou contente que você tenha ficado um pouco assustada, porque assim veio atrás de mim.

– Pobrezinha! Deve estar com fome, também. Receio que tenha que comer apenas pão e leite comigo na cozinha. Sua tia ficou zangada de não ter aparecido para o jantar.

– Mas eu não podia. Estava lá em cima.

– Sim, mas ela não sabia disso – observou Nancy, com vontade de rir. – Sinto muito pelo pão e leite.

– Ah, eu não. Estou contente.

– Contente? Por que?

– Porque gosto de pão e leite, e porque vamos comer juntas. Eu não vejo nenhum problema em não ficar contente com isto.

– Você parece não ter dificuldade para ficar contente com tudo que acontece – respondeu Nancy, recordando as tentativas de Pollyanna para ficar contente com o quartinho do sótão.

Pollyanna sorriu docemente.

– Pois o jogo é assim mesmo, não sabe?

– Jogo? Que jogo?

– Sim, o “jogo do contente”.

– Sobre o que você está falando, menina?

– É do jogo. Papai me ensinou, e é lindo – disse Pollyanna. – Nós o jogamos desde que eu era pequena. Eu ensinei para as senhoras da Caridade e algumas delas também o jogavam.

– Mas o que é? Eu não entendo muito de jogos.

Pollyanna riu de novo, porém com um suspiro. Seu rosto parecia tristonho.

– Começamos a jogá-lo quando recebemos umas muletas na coleta de doações.

– Muletas?

– Sim, muletas. Eu queria uma boneca e papai escreveu pedindo uma. Mas, quando chegaram as doações, não havia nenhuma boneca, e sim umas muletas para criança. Uma senhora as enviou pensando que poderiam ser úteis para alguém. E foi assim que começamos.

– Mas não estou vendo nenhum jogo nisso – declarou Nancy, quase irritada.

– O jogo é exatamente encontrar, em tudo, alguma coisa para ficar contente, não importa o quê – respondeu Pollyanna com ar sério. – E começamos com as muletas.

– Eu não vejo nada para ficar contente. Receber um par de muletas quando queria uma boneca!

Pollyanna bateu palmas.

– É isso – gritou ela – eu também não percebi logo e papai teve que me explicar.

– Pois então me explique – retorquiu Nancy, impaciente.

– Pois o jogo consiste em ficar contente porque não precisamos delas! – exclamou Pollyanna, triunfante. – Veja como é fácil quando se sabe.

– Que coisa estranha! – exclamou Nancy, olhando Pollyanna com ar receoso.

– Estranho nada! É lindo! – continuou Pollyanna entusiasmada. – Desde então, nós jogamos sempre. E quanto pior o que acontece, mais divertido fica para resolvê-lo. Às vezes é muito desagradável, como quando papai foi para o céu e não ficou ninguém, a não ser as senhoras da Caridade.

– Ou quando a colocam num quartinho sem quase nada dentro – resmungou Nancy.

Pollyanna fez que sim com a cabeça.

– Essa foi difícil no princípio – admitiu ela. – Principalmente porque eu me sentia muito sozinha no mundo. Eu não “joguei” naquela hora porque estava querendo coisas bonitas. Então me lembrei de como detestava ver as minhas sardas no espelho e vi aquela linda paisagem da janela. Veja, quando você está procurando coisas para ficar contente, você se esquece das outras coisas – como a boneca que eu queria, sabe?

– Percebi – disse Nancy, engolindo em seco.

– Mas geralmente não leva muito tempo. E, muitas vezes, já penso nas coisas boas quase sem pensar. Me habituei a jogar o jogo. Papai e eu gostávamos muito de jogar. Agora vai ser um pouco mais difícil, porque não tenho ninguém com quem jogar. Talvez a tia Polly queira jogar comigo – acrescentou ela pensativa.

– Ela? Minha Nossa Senhora! – murmurou Nancy entre dentes. Depois, mais alto: – Ouça, Miss Pollyanna. Eu não sei se consigo jogar muito bem, porque não conheço nada desse jogo, mas se quiser posso jogar com você!

– Oh, Nancy! – exultou Pollyanna, abraçando-a com força. – Isso é esplêndido, vamos nos divertir bastante.

– Sim, talvez – concordou Nancy, com algumas dúvidas. – Mas não deve depositar grandes esperanças em mim. Nunca fui muito boa em jogos, mas vou fazer o possível. Você sempre terá com quem jogar – concluiu ela, enquanto as duas entravam juntas na cozinha.

Pollyanna comeu seu pão e bebeu o leite com muito apetite. Depois, por sugestão de Nancy, dirigiu-se para a sala de estar, onde se encontrava a sua tia Polly, que levantou os olhos com firmeza.

– Já jantou, Pollyanna?

– Sim, tia Polly.

– Estou muito aborrecida, Pollyanna, por tê-la obrigado a comer pão e leite na cozinha já no primeiro dia.

– Não faz mal, estou muito contente com isso, tia Polly. Gosto muito de pão e leite, e também da Nancy. Não se preocupe.

A senhora endireitou-se na cadeira, ficando mais ereta.

– Pollyanna, você já devia estar na cama. Teve um dia muito penoso. Amanhã temos que organizar a sua vida e ver que roupas precisamos comprar. Nancy vai lhe dar uma vela. Tome cuidado com ela. O café da manhã é às sete e meia. Boa noite.

Com naturalidade, Pollyanna dirigiu-se à tia e lhe deu um afetuoso abraço.

– Estou muito contente com tudo que aconteceu hoje – disse ela, feliz. – Estou certa de que vou gostar muito de viver na sua companhia. Aliás, já sabia disso antes de vir para cá. Boa noite – disse, alegremente, enquanto saía da sala.

“Mas que criança extraordinária”, pensou Miss Polly. “Ela está contente com tudo – de ser castigada, de morar comigo, de tudo. Incrível!”, exclamou Miss Polly, enquanto retomava a sua leitura.

Quinze minutos depois, lá no sótão, a menina soluçava debaixo dos lençóis.

– Papai, você que está junto dos anjos, eu não consigo jogar o jogo. Nem um pouco. Também não acredito que o senhor pudesse encontrar alguma coisa para ficar contente se tivesse que dormir sozinho no escuro. Se ao menos eu tivesse a tia Polly perto de mim, ou a Nancy... Seria mais fácil.

Lá embaixo na cozinha, Nancy concluía a lavagem da louça, resmungando no seu modo habitual.

– Se jogando aquele jogo maluco a gente fica contente por receber muletas quando se quer uma boneca, ou ir para aquele rochedo à procura de refúgio, então também quero aprender esse jogo. Ah, eu quero.

Capítulo VI

Uma questão de dever

Eram quase sete horas quando Pollyanna acordou, no primeiro dia depois de sua chegada. As janelas do seu quartinho davam para o sul e o oeste, de modo que ela não conseguia ver o sol, mas podia enxergar o azul do céu, que prenunciava um belo dia.

O quarto agora estava bem frio. Lá fora os pássaros cantavam alegremente, e Pollyanna foi até a janela para conversar com eles. Viu que lá embaixo, no jardim, sua tia já estava no meio das roseiras. Tratou de se vestir bem depressa.

Ela correu escada abaixo, deixando as portas abertas. Atravessou o corredor e saiu pela porta da frente em direção ao jardim. Miss Polly cuidava de uma roseira, junto com o velho Tom, quando Pollyanna, cheia de alegria, apareceu e a abraçou.

– Ah, tia Polly, tia Polly, estou tão contente esta manhã, só por estar viva!

– Pollyanna! – repreendeu a senhora com severidade, tentando se endireitar com aquele peso pendurado em seu pescoço. – Isso são modos de dar bom dia?

A menina a largou e começou a saltitar.

– Não, só quando gosto muito das pessoas e não posso evitar de mostrar o meu contentamento! Vi a senhora lá da janela, e vi que não era uma das senhoras da Caridade e que era, de fato, a minha tia. E me pareceu tão boa que tive que descer para lhe dar um abraço!

O velho, de repente, virou de costas, como se escondesse alguma coisa. Miss Polly tentou franzir a testa, mas desta vez não obteve o sucesso habitual.

– Pollyanna você... Thomas, por hoje basta. Acho que compreendeu o que eu disse sobre as roseiras – disse ela com ar sério. Depois se afastou rapidamente.

– O senhor sempre trabalha no jardim, senhor... homem? – perguntou Pollyanna, interessadamente.

O velho voltou-se, com os lábios crispados e parecendo haver lágrimas nos seus olhos.

– Sim, Miss. Sou o velho Tom, o jardineiro – respondeu ele. Timidamente, como que impelido por uma força irresistível, estendeu a mão trêmula e pousou-a por um momento no cabelo claro da menina. – Você se parece tanto com a sua mãe! Eu a conheci quando ela era ainda menor que você. Eu já trabalhava no jardim naquela época.

Pollyanna susteve a respiração.

– Trabalhava? Conheceu mesmo a minha mãe quando ela era ainda um anjinho na terra e não um anjo no céu? Oh, por favor, me conte mais sobre ela! – pediu Pollyanna, sentando-se na beirada do canteiro, junto ao velho Tom.

Mas a campainha das refeições soou nesse momento e Nancy apareceu correndo.

– Miss Pollyanna, esta campainha quer dizer café da manhã – gritou ela, enquanto puxava a menina para dentro de casa. – Sempre que ouvir o toque, vá para dentro correndo, esteja onde estiver, nunca demore. Se não fizer isso, terá que se esforçar para encontrar alguma coisa para ficar contente! – concluiu ela, enxotando Pollyanna para dentro de casa como faria com uma galinha rebelde.

O café da manhã transcorreu em silêncio durante os primeiros cinco minutos. Depois, Miss Polly, seguindo com um olhar reprovador as duas moscas que pousavam aqui e ali, sobre a mesa, disse gravemente:

– Nancy, de onde vieram estas moscas?

– Não sei, Miss Polly. Na cozinha não tem nenhuma. – Nancy estivera muito ocupada para reparar que Pollyanna havia deixado as janelas abertas na tarde anterior.

– Creio que são minhas, tia Polly – observou Pollyanna amistosamente. – Haviam muitas lá em cima hoje de manhã.

Nancy saiu da sala precipitadamente, esquecendo de por na mesa o prato de bolinhos que trazia da cozinha.

– Suas? – perguntou a tia Polly. – O que significa isso? De onde vieram?

– Devem ter vindo lá de fora, pelas janelas. Eu vi quando entraram.

– Viu? Quer dizer que você levantou as janelas que não têm tela?

– Sim, realmente, não tem tela nas janelas, tia Polly.

Naquele momento, Nancy entrava de novo com os bolinhos. Vinha com uma expressão muito séria e estava corada.

– Nancy – disse a senhora gravemente, – pode deixar aqui os bolinhos e vá já ao quarto de Miss Pollyanna fechar as janelas. Feche também as portas. E depois de acabar as suas tarefas da manhã, faça uma busca pela casa e mate todas as moscas que entraram. Não deixe escapar nenhuma.

E, dirigindo-se à sua sobrinha, disse:

– Pollyanna, já encomendei a tela para as janelas. Eu sabia, claro, que era meu dever fazer isso. Mas creio que você esqueceu o seu dever.

– O meu dever? – balbuciou Pollyanna, com os olhos arregalados.

– Com certeza. Eu sei que está calor, mas considero seu dever manter as janelas fechadas até chegarem as telas. As moscas não são apenas imundas e irritantes, também são perigosas para a saúde. Depois do café, vou dar a você um folheto para ler sobre esse assunto.

– Para ler? Muito obrigada, tia Polly. Adoro ler!

Miss Polly inspirou fundo com os lábios cerrados. Pollyanna, ao ver a expressão séria da tia, ficou inquieta.

– Peço desculpas por ter esquecido o meu dever, tia Polly – desculpou-se, timidamente. – Nunca mais vou levantar as janelas.

A tia nada respondeu. Ela não voltou a falar até o fim da refeição. Depois, levantou-se e foi até uma enorme estante na sala de estar, de onde retirou um pequeno folheto e atravessou novamente a sala, em direção à sobrinha.

– Esse é o artigo sobre o qual lhe falei, Pollyanna. Vá para o seu quarto ler imediatamente. Daqui a meia hora irei lá para examinar as suas coisas.

Pollyanna, com os olhos no desenho ampliado da cabeça de uma mosca, gritou alegremente:

– Oh, muito obrigada, tia Polly! E foi correndo para cima, deixando a porta bater.

Miss Polly franziu a testa e hesitou, mas depois atravessou a sala e abriu a porta. Pollyanna, no entanto, já tinha desaparecido, subindo rapidamente as escadas para o sótão.

Meia hora mais tarde, Miss Polly, com uma expressão muito séria, subiu as escadas e entrou no quarto de Pollyanna, onde foi recebida com uma explosão de entusiasmo.

– Oh, tia Polly, nunca li nada tão engraçado e interessante na minha vida. Estou muito contente que me deu isto para ler. Nunca pensei que as moscas pudessem carregar tantas coisas ruins nas patas e ...

– É isso mesmo – observou a tia Polly com dignidade. – Pollyanna, traga as suas roupas. Quero vê-las. Aquilo que não servir será dado para os Sullivans.

Com evidente relutância, Pollyanna colocou o folheto sobre a mesa e virou-se para o armário.

– Estou com medo que a senhora ache as minhas roupas ainda piores do que as senhoras da Caridade achavam. Elas disseram que era uma vergonha. Mas nas doações só havia coisas para meninos e para pessoas mais velhas. Alguma vez a senhora já viu as doações de roupas para os pobres, tia Polly?

Vendo a expressão chocada e zangada da tia, Pollyanna corrigiu-se imediatamente.

– Claro que não, tia Polly! Esqueci que os ricos não sabem disso. Mas é assim, às vezes me esqueço que a senhora é rica quando estou aqui nesse quartinho, a senhora sabe.

Os lábios de Miss Polly abriram-se indignados, mas ela não pronunciou nenhuma palavra. Pollyanna, sem consciência do que havia acabado de falar, continuou:

– Como eu estava dizendo, nessas doações de roupas para os pobres, nunca têm o que a gente pensa. Era nessas coletas que papai tinha mais dificuldade em jogar o jogo...

Bem na hora, Pollyanna se lembrou que não devia se referir ao pai diante da tia. Voltou-se para dentro do armário e, apressadamente, retirou de lá os seus vestidinhos velhos.

– Eles não são muito bonitos, e deviam ser pretos se não fosse por causa do tapete vermelho para a igreja. Mas é tudo o que eu tenho.

Com a ponta dos dedos, Miss Polly mexeu naquele amontoado de vestidos velhos, feitos para qualquer um, menos para Pollyanna. Depois, passou a examinar as roupas íntimas arrumadas nas gavetas da cômoda.

– Eu trouxe as melhores que eu tinha – confessou Pollyanna, ansiosamente. – As senhoras da Caridade me compraram tudo isso. Mrs. Jones, que é a presidente, disse que elas tinham que me comprar algumas roupas, mesmo que tivessem que caminhar pelo chão frio da igreja pelo resto da vida. Mas não tem. Mr. White não tolera barulho. Fica nervoso, diz a mulher dele. Mas ele é rico e elas estão esperando que ele dê o dinheiro para o tapete, por causa dos nervos, não acha?

Miss Polly parecia não ouvir. Terminado o seu exame, ela voltou-se para Pollyanna um tanto bruscamente.

– E a escola, Pollyanna?

– Sim, tia Polly. Além disso, o meu pai... quer dizer, lá em casa, todos me ensinavam.

Miss Polly franziu a testa.

– Muito bem. Quando começarem as aulas, você vai entrar para a escola. Mr. Wall, o diretor, verá em que classe vais ficar. Enquanto isso, quero ouvi-la lendo em voz alta, meia hora, todos os dias.

– Adoro ler, mas se a senhora não fizer questão de me ouvir, eu também gosto de ler para mim mesma. De verdade, tia Polly. E nem preciso fazer qualquer esforço para ficar contente porque o que eu mais gosto é de ler para mim mesma, por causa das palavras grandes.

– Não duvido disso – respondeu Miss Polly. – E música, você estudou?

– Não muito. Não gosto da minha música. Mas gosto da música dos outros. Aprendi a tocar um pouco de piano. Miss Grey, que toca na igreja, me ensinou. Mas já me esqueci de tudo, tia Polly, essa é a verdade.

– Acredito – observou tia Polly, com as sobrancelhas ligeiramente levantadas. – No entanto, penso que é meu dever lhe dar uma instrução adequada, pelo menos em relação a alguma noção de música. E sabe, evidentemente, costurar?

– Sim, tia – respondeu Pollyanna. – As senhoras da Caridade me ensinaram, mas foi muito difícil. Mrs. Jones queria que eu segurasse a agulha de um jeito para fazer as casas, Mrs. White queria me ensinar a fazer pesponto antes de aprender a alinhavar bainha e Mrs. Harriman queria fazer remendos o tempo todo.

– Não faz mal. Aqui não há esse tipo de problema. Eu mesma vou ensiná-la a costurar. E cozinhar, isso não sabe, presumo.

Pollyanna riu, subitamente.

– Elas começaram a me ensinar neste verão, mas não houve tempo. Estavam ainda mais divididas sobre isso do que sobre a costura. Iam começar com o pão, mas cada uma delas fazia de um modo diferente. Assim, depois de discutirem numa reunião, resolveram que eu iria um dia da semana à casa de cada uma delas para aprender. Aprendi a fazer bolo de chocolate e torta de figos, quando tive de parar, concluiu a menina com um soluço na voz.

– Bolo de chocolate e torta de figo! – desdenhou Miss Polly. – Eu penso que podemos remediar isso em breve – fez uma pausa e depois continuou. – Às nove horas, todas as manhãs, você vai ler em voz alta para mim. Antes disso, você vai usar o seu tempo para arrumar o seu quarto. As quartas e sábados de manhã, depois das nove e meia, vai para a cozinha aprender a cozinhar com a Nancy.

Nas outras manhãs, vai costurar comigo. Isto permite que você utilize as tardes para se dedicar à música. Vou procurar um professor para você – terminou ela decididamente, enquanto se levantava da sua cadeira.

Pollyanna gritou, desanimada:

– Mas, tia Polly, a senhora não me deixou nenhum tempo para viver!

– Para viver, menina! O que você quer dizer? Como se você não estivesse vivendo o tempo todo!

– Lógico, eu respiro durante o tempo em que eu estiver fazendo estas coisas, tia Polly, mas não estarei vivendo. Também se respira enquanto se dorme, mas não estamos vivendo. Quero dizer, fazendo as coisas que eu gosto de fazer: brincar ao ar livre, ler para mim mesma, falar com Mr. Tom no jardim e com a Nancy, conhecer todas as casas e as pessoas que vivem nas lindas ruas por onde passei ontem. É isto que eu chamo de viver, tia Polly. Só respirar não é viver!

Miss Polly levantou a cabeça, irritada.

– Pollyanna, você é a criança mais extraordinária que eu já vi! Evidente que você vai ter algum tempo para brincar. Mas me parece que se estou disposta a fazer o meu dever para que tenha uma educação adequada e que seja bem tratada, você também deve estar disposta a cumprir a sua parte, fazendo com que a dedicação e a educação não sejam desperdiçadas de modo infrutífero.

Pollyanna olhava, chocada, para a tia.

– Oh, tia Polly, como se eu pudesse ser ingrata com a senhora! Porque eu a amo, e a senhora nem sequer é uma das senhoras da Caridade, a senhora é minha tia!

– Muito bem, então vê se não age com ingratidão – vociferou Miss Polly enquanto se dirigia para a porta.

Ela já estava no meio da escada, quando uma voz fraca e insegura chamou por ela:

– Por favor, tia Polly, a senhora não me disse quais das minhas coisas quer dar.

Miss Polly emitiu um suspiro de enjoo, que chegou aos ouvidos de Pollyanna.

– Oh, esqueci de dizer, Pollyanna. Timothy, esta tarde, à uma e meia, vai nos levar até a cidade. Nenhuma dessas roupas é apropriada para a minha sobrinha vestir. Certamente eu estaria muito longe de cumprir o meu dever se deixasse você aparecer em público com qualquer uma dessas roupas.

Agora foi a vez de Pollyanna suspirar. Parece que ia detestar aquela palavra – dever.

– Tia Polly, por favor – disse ela em voz baixa. – Não há nenhuma maneira da senhora ficar contente com toda essa coisa de dever?

– O quê? – Miss Polly olhou para cima boquiaberta; depois, repentinamente, muito corada, virou as costas e desceu as escadas muito zangada, dizendo: – Não seja impertinente, Pollyanna!

No seu quartinho do sótão, Pollyanna se jogou numa das cadeiras. Para ela, a vida parecia um caminho interminável para o dever.

– Não vejo o que há de impertinente no que eu disse. – suspirou ela. – Eu só estava perguntando se ela não podia me dizer alguma coisa para ficar contente com toda essa coisa de dever.

Durante alguns minutos, Pollyanna ficou sentada em silêncio, com os olhos fixos nas roupas estendidas na cama. Depois, vagarosamente, levantou-se e começou a colocar os vestidos de lado.

– Não vejo nada para ficar contente, – disse em voz alta – a menos que eu tenha que ficar contente quando o dever estiver cumprido! – E, com isto, deu uma gargalhada.

Capítulo VII

Pollyanna e os castigos

À uma e meia Timothy conduziu Miss Polly e a sobrinha a quatro ou cinco das principais lojas da cidade, que ficava a cerca de um quilômetro da mansão.

A compra de um novo enxoval para Pollyanna tornou-se uma experiência excitante para todos os envolvidos. Quando as compras terminaram, Miss Polly experimentou a sensação de descontração que a pessoa sente quando finalmente encontra terra firme depois de uma perigosa caminhada sobre a fina crosta de um vulcão. Os diversos funcionários que as atenderam concluíram seu trabalho com o rosto corado e muitas histórias sobre Pollyanna para contar aos amigos durante o resto da semana. A própria Pollyanna ficou muito satisfeita e radiante com tudo aquilo, como explicou a um dos funcionários: “quando você nunca teve nada, a não ser as doações e as senhoras da Caridade para lhe vestir, é formidável entrar numa loja e comprar roupas novas que não precisam ser remendadas nem postas de lado por não servirem!” A visita às lojas durou a tarde inteira. Depois, veio o jantar e uma agradável conversa com o velho Tom no jardim, e outra com Nancy no quintal, depois da louça ter sido lavada e enquanto a tia Polly visitava um vizinho.

O velho Tom contou para Pollyanna coisas maravilhosas sobre sua mãe, o que a deixou muito feliz. Nancy contou sobre seu pequeno pedaço de terra situado a seis quilômetros dali, na vila dos Corners, onde vivia a sua mãe e seus queridos irmãos e irmãs. Ela também prometeu que Pollyanna iria visitá-los se, algum dia, Miss Polly deixasse.

– Eles também têm nomes bonitos. Um se chama Algernon, outra é Florabelle, e a outra, Estelle – disse Nancy. – Eu só não gosto é do meu nome, Nancy!

– Oh, Nancy, que coisa feia dizer isso! Por que não?

– Porque não é bonito como os outros. Veja, eu fui a primeira a nascer e minha mãe ainda não tinha lido histórias com nomes bonitos.

– Mas eu gosto muito de Nancy, justamente porque é o seu – declarou Pollyanna.

– Ah, também acho que você adoraria se fosse Clarissa Mabelle – replicou Nancy – e seria muito melhor para mim. Isso é que é nome lindo!

Pollyanna riu.

– De qualquer maneira, você devia ficar contente por não ser Hiphzibah.

– Hiphzibah???!

– Sim, é assim que se chama a Mrs. White. O marido a chama de Hip e ela não gosta. Diz que quando ele a chama “Hip-Hip” parece que alguém vai dizer “Hurra”! E ela detesta isso.

A expressão de tristeza de Nancy transformou-se num grande sorriso.

– Sabe, depois de ouvir isso, de agora em diante, quando alguém gritar “Nancy”, vou me lembrar do “Hip-Hip” e cair na risada. Meu Deus! Acho que estou contente.

Ela parou e olhou com os olhos bem abertos para a menina.

– Escute, Miss Pollyanna. Você estava jogando aquele seu jogo quando me disse para ficar contente por que o meu nome não era Hiphzibah?

Pollyanna franziu as sobrancelhas e depois riu.

– É verdade, Nancy! Eu estava jogando o jogo, mas foi uma das vezes em que fiz sem pensar, reconheço. Faço tantas vezes que fico acostumada em procurar alguma coisa para ficar contente. E, geralmente, procurando bem, sempre há alguma coisa capaz de nos deixar contentes.

– Bem, talvez – respondeu Nancy, em dúvida.

Às oito e meia Pollyanna foi deitar-se. As telas ainda não haviam chegado e, por isso, o quartinho parecia um forno. De olhos tristes, Pollyanna olhava para as duas janelas fechadas, mas não as abriu. Despiu-se, dobrou as roupas direitinho, fez suas orações, apagou a vela e meteu-se na cama.

Ela não sabe quanto tempo ficou sem conseguir dormir, virando-se de um lado para outro na cama sem sono e com calor. Parecia que tinham se passado horas quando se levantou, atravessou o quarto e abriu a porta.

O sótão estava mergulhado na escuridão, exceto na parte que recebia um facho do luar que entrava por uma pequena janela. Sem medo nenhum, Pollyanna atravessou o escuro e, caminhando pelo facho prateado, dirigiu-se para a janela. Ela esperava que essa janela tivesse uma tela, mas não tinha. E lá fora, um vasto mundo de beleza, no qual, ela também sabia, havia ar fresco e puro que seria muito bom para as suas mãos e bochechas quentes!

Chegando mais perto, ela viu algo mais: viu a pouca distância da janela, o teto do solário construído na frente da casa. A visão a encheu de desejos. Se agora ela estivesse lá fora!

Com medo, ela olhou para trás. Tudo envolto em trevas. No fundo, seu quartinho quente e sua cama, ainda mais quente. Entre ela e a cama, um deserto de negrume que só podia ser atravessado com as mãos estendidas. E lá embaixo, o teto do solário, vazio, inútil, com o luar e o ar fresco doce da noite.

Se a sua cama estivesse lá! Quanta gente não dorme do lado de fora... Joel Hartley, que era tuberculoso, tinha que dormir do lado de fora da casa.

De repente, Pollyanna lembrou-se que tinha visto naquele sótão uma fileira de sacos brancos pendurados nuns pregos. Nancy tinha dito que eram sacos com roupas de inverno, guardadas durante o verão. Com um pouco de medo, Pollyanna escolheu um saco bem macio e grande (ele continha o casaco de pele de foca de Miss Polly) para servir de cama, um menor para travesseiro e outro para servir de coberta. Assim equipada, dirigiu-se de novo à janela do luar, levantou a vidraça, jogou a cama sobre o teto de chumbo e depois deu um jeito para escorregar até lá, não sem antes fechar a janela. Pollyanna não havia esquecido que as moscas carregavam terríveis doenças.

Como era deliciosamente fresco! Pollyanna dançava de um lado para outro, fazendo a armação estalar sob seus pés e aspirando longas golfadas de ar fresco. Pollyanna caminhou, de fato, duas ou três vezes, para cima e para baixo e de um lado para outro – tudo isso lhe deu uma agradável sensação de um espaço arejado depois daquele seu quartinho quente que nem um forno. E o telhado era tão grande que ela não tinha medo de cair. Finalmente, acomodou-se da melhor maneira para dormir, colocando um saco como travesseiro e outro como coberta.

– Estou muito contente que as telas ainda não chegaram – murmurou, piscando para as estrelas. – Se tivessem vindo, eu não estaria aqui!

Embaixo, no quarto de Miss Polly, perto do solário, a própria Miss Polly, de camisola e chinelos, estava assustada. Um minuto antes ela telefonara com uma voz apavorada para Timothy:

– Venham rápido! Você e seu pai. Tragam as lanternas. Tem alguém em cima do telhado do solário. Ele deve ter subido pelas treliças das roseiras ou por outro lugar e, evidentemente, pode entrar na casa pela pequena janela do sótão. Já fechei a porta que dá para a escada do sótão, mas venham depressa!

Algum tempo depois, Pollyanna, que recém havia dormido, foi surpreendida pelo facho de uma lanterna e por um trio de assustadas exclamações. Abriu os olhos e reconheceu Timothy no alto de uma escada perto dela, o velho Tom descendo pela janela e sua tia espiando lá embaixo.

– Pollyanna, o que significa isso?! – gritou tia Polly.

Pollyanna piscou os olhos, ainda sonolenta, e se sentou.

– O quê? Mr. Tom, tia Polly! Não tenham medo! Eu não estou com tuberculose como Joel Hartley. É que estava muito quente no quarto. Mas eu fechei a janela, tia Polly, não se assuste. E as moscas que trazem tantas doenças nas patas não vão conseguir entrar.

De repente, Timothy desapareceu escada abaixo. O velho Tom, com igual precipitação, entregou a lanterna para Miss Polly e se retirou atrás do filho. Miss Polly mordeu os lábios até os homens desaparecem. Só então começou:

– Pollyanna, me entregue estas coisas e desça já daí! Que menina extraordinária! – exclamou um pouco depois, enquanto retornava com Pollyanna para o sótão.

Para Pollyanna, o ar estava ainda mais abafado depois da brisa fresca do lado de fora, mas não reclamou. Ela apenas não pode evitar um longo suspiro.

No alto da escada, Miss Polly falou de modo abrupto:

– Pollyanna, você vai dormir na minha cama pelo resto da noite. As telas chegarão amanhã, mas, até lá, eu considero meu dever mantê-la sob minhas vistas.

A menina respirou extasiada.

– Com a senhora? Na sua cama? Oh, tia Polly, tia Polly! Como a senhora é bondosa! Como tenho desejado dormir com alguém, uma vez... com alguém que seja da minha família, a senhora sabe, não as senhoras da Caridade. Oh! Como estou contente que as telas não chegaram. Não foi ótimo isso?

Não houve resposta. Miss Polly seguia na frente. Ela, para dizer a verdade, estava se sentindo curiosamente impotente. Pela terceira vez desde a chegada de Pollyanna, Miss Polly estava castigando a sobrinha. E, pela terceira vez, estava sendo confrontada pelo fato de que a sua punição havia se transformado numa recompensa preciosa. Não é de se admirar a razão pela qual Miss Polly sentia-se tão impotente.

Capítulo VIII

Pollyanna faz uma visita

Não demorou muito para que a vida no solar dos Harrington entrasse mais ou menos em ordem, embora não fosse exatamente a ordem que Miss Polly tinha inicialmente determinado. Pollyanna costurava, praticava música, lia em voz alta e aprendia a cozinhar. Tudo isso era verdadeiro, porém ela não dedicava a cada uma das tarefas tanto tempo quanto a tia planejara. Assim, acabava tendo mais tempo para “viver”, como ela dizia, pois, quase todas as tardes, das duas às seis, dispunha de um tempo livre para fazer o que bem entendesse, desde que não fizesse certas coisas já proibidas por Miss Polly.

Era uma questão, talvez, de descobrir se todo aquele tempo livre que Pollyanna tinha era dado para descanso dos seus deveres ou se seria para tia Polly descansar da sua sobrinha Pollyanna. Surgiram muitas ocasiões, durante os primeiros dias de julho, em que a tia exclamava “Que criança extraordinária!” E, seguramente, as leituras e as aulas de costura deixavam a tia completamente exausta.

Nancy, na cozinha, tinha mais sorte. Não se cansava com nada. Era por isso que gostava tanto das quartas e dos sábados.

Na vizinhança do solar dos Harrington não havia crianças com quem Pollyanna pudesse brincar. A própria casa se encontrava nos arredores da cidade e, embora existissem outras casas por perto, lá não morava nenhuma criança da idade de Pollyanna. No entanto, isso não parecia preocupá-la.

– Ah, não me importo nem um pouco – explicava ela para Nancy. – Gosto muito de caminhar, ver as ruas e as casas e observar as pessoas. Gosto muito das pessoas. Você não gosta, Nancy?

– Bem, eu não posso dizer que gosto de todas elas – respondeu Nancy, sucintamente.

Cada tarde de tempo bom encontrava Pollyanna ansiosa por um pretexto para caminhar, numa direção ou noutra, e era durante essas caminhadas que ela, frequentemente, encontrava “o homem”. Ela sempre o chamava de “o homem”, apesar de encontrar dúzias de outros homens no mesmo dia.

“O homem”, normalmente, vestia um sobretudo e um chapéu alto de seda, duas coisas que o homem comum nunca usa. Tinha o rosto sempre barbeado, muito pálido, e o cabelo que aparecia pela parte de trás do chapéu era grisalho. Caminhava muito depressa, empertigado, e estava sempre sozinho, o que fazia Pollyanna sentir pena dele. Talvez por isso que, um dia, ela tenha lhe dirigido a palavra.

– Como vai o senhor? Que dia bonito está fazendo hoje, não acha? – disse ela com alegria, aproximando-se dele.

O homem, que vinha distraído, olhou para ela e depois, na dúvida se seria com ele, parou.

– Está falando comigo, menina? – perguntou, numa voz ríspida.

– Sim, senhor – respondeu Pollyanna. – Perguntei se não acha que o dia está bonito.

– Ah, sim, sim – respondeu ele, laconicamente.

Pollyanna riu. Era um homem engraçado, pensou ela.

No dia seguinte encontraram-se novamente.

– Hoje não está tão bonito como ontem, mas assim mesmo está um dia bonito – disse ela, alegremente.

– Eh? Oh? Hum! – resmungou o homem, como fizera da outra vez, e, mais uma vez, Pollyanna riu alegremente.

Da terceira vez que Pollyanna o abordou da mesma forma, o homem parou abruptamente.

– Quem é você, menina, que todos os dias me faz perguntas sobre o tempo?

– Sou Pollyanna Whittier e achei que parecia muito solitário. Estou contente que tenha parado para falar comigo. Agora já estamos apresentados, só que ainda não sei o seu nome.

– Bem, eu... – começou o homem, mas não concluiu e afastou-se, mais apressado ainda.

Pollyanna olhou para ele desapontada.

– Quem sabe ele não me entendeu? Nesse caso foi apenas meia apresentação. Ainda não sei o nome dele – murmurava ela, enquanto seguia seu caminho.

Pollyanna naquele dia estava levando geleia de mocotó para Mrs. Snow. Miss Polly sempre mandava alguma coisa, todas as semanas, para Mrs. Snow. Ela dizia que isso era seu dever, porque Mrs. Snow era pobre e doente e ambas pertenciam à mesma paróquia. Naturalmente, todos os membros da paróquia tinham esse dever. Miss Polly costumava cumprir o seu dever em relação a Mrs. Snow nas quintas-feiras à tarde. Não ia pessoalmente, mas mandava Nancy. Hoje, porém, Pollyanna havia pedido para ter esse privilégio, o que Nancy prontamente lhe concedeu, após ter pedido autorização a Miss Polly.

– Ainda bem que me livrei daquilo – declarou Nancy mais tarde a Pollyanna, em particular. – Estou envergonhada de ter passado o encargo para você, minha menininha!

– Mas eu gosto de fazer isso, Nancy.

– Gostará da primeira vez. Depois não gostará mais.

– Mas por que não?

– Porque ninguém gosta da Mrs. Snow. Se as pessoas não tivessem pena dela, ninguém colocaria os pés lá. Só tenho pena da pobre Milly, a filha que cuida dela.

– Mas por que, Nancy?

Nancy encolheu os ombros.

– Em poucas palavras, é que Mrs. Snow nunca está contente com coisa nenhuma. Nem os dias da semana estão bem para ela. Se for segunda-feira, diz que preferia que fosse domingo; se a gente leva geleia, suspira e diz que antes fosse galinha; mas se levamos galinha, suspira por geleia.

– Que mulher engraçada! – exclamou Pollyanna. – Acho que vou gostar de visitá-la. Ela deve ser diferente das outras pessoas, e eu gosto de pessoas diferentes.

– Ah, ela é bem diferente – concluiu Nancy.

Pollyanna estava pensando sobre essa conversa quando abriu o portão da casa modesta. Seus olhos brilhavam na expectativa de conhecer esta Mrs. Snow “diferente”.

Uma moça pálida, de ar cansado, veio abrir a porta.

– Como vai? – cumprimentou Pollyanna, educadamente. – Vim da parte de Miss Polly Harrington e gostaria de ver Mrs. Snow, por favor.

– Gostaria de vê-la? É a primeira pessoa que ouço dizer isso! – resmungou a moça, tão baixinho que Pollyanna nem conseguiu ouvir. Em seguida a mandou entrar e a conduziu até o quarto da senhora.

Ao entrar no quarto sem luz, Pollyanna não enxergou nada e ficou alguns instantes parada, até se habituar com a escuridão. Viu, então, a silhueta de uma mulher meio sentada na cama. Pollyanna adiantou-se.

– Como vai, Mrs. Snow? A tia Polly espera que hoje a senhora esteja melhor e lhe manda um pote de geleia.

– O quê, geleia? – murmurou uma voz sumida. – Claro que estou muito agradecida, mas hoje estava esperando que me trouxessem um refogado de carneiro.

Pollyanna franziu levemente a testa.

– Como? Pensei que fosse galinha que a senhora queria quando lhe traziam geleia – disse ela.

– O quê? – respondeu a doente de maneira áspera.

– Nada, nada – Pollyanna desculpou-se apressadamente. – Não é nada. Foi Nancy que disse que a senhora sempre quer galinha quando recebe geleia, e quer geleia quando recebe galinha. Mas hoje, em vez de galinha, a senhora quis refogado de carneiro. Talvez tivesse sido assim da outra vez, e Nancy se esqueceu.

A doente fez um esforço até se sentar na cama – algo pouco habitual para ela, embora Pollyanna não soubesse.

– Pois bem, Miss Impertinente, quem é você? – perguntou ela.

Pollyanna riu.

– Ah, o meu nome não é esse, Mrs. Snow. Ainda bem! Isso seria pior do que “Hiphzibah”, não é? Sou Pollyanna Whittier, sobrinha de Miss Polly Harrington. Vim morar com ela faz pouco tempo. É por isso que estou aqui com a geleia.

Durante a primeira parte da frase, a doente sentou-se muito ereta na cama, manifestando muito interesse, mas com a referência à geleia voltou a se jogar no travesseiro.

– Muito bem, fico muito agradecida. A sua tia é muito simpática, mas hoje não estou com apetite e estava esperando um refogado de carneiro – parou de falar e mudou bruscamente de assunto. – Não consegui pregar o olho a noite toda!

– Não me diga. Eu gostaria que isso acontecesse comigo! – suspirou Pollyanna, colocando a geleia na mesa de cabeceira e sentando-se confortavelmente na cadeira mais próxima. – A gente perde tanto tempo enquanto dorme, não acha?

– Perde tempo dormindo? – exclamou a senhora doente.

– Sim, quando você podia estar vivendo, não acha?

A mulher sentou-se de novo na cama.

– Mas que menina surpreendente – exclamou ela. – Olhe, vá até a janela e abra as cortinas – ordenou ela. – Quero ver que cara você tem.

Pollyanna levantou-se e riu divertida.

– Minha cara! Com a luz vai ver as minhas sardas, não é assim? – disse ela enquanto se dirigia para a janela. – Eu estava tão contente com o escuro por causa das sardas. Pronto! Agora a senhora pode... – e, interrompendo-se: – Oh! Estou tão contente que a senhora quer me ver, porque assim também posso vê-la. Não tinha me dito que era tão bonita!

– Eu, bonita? – desabafou a mulher com amargura.

– Sim, não sabia? – perguntou Pollyanna.

– Não, não sabia – retorquiu, secamente. Mrs. Snow, que já estava com quarenta anos, estivera por cerca de quinze anos ocupada em desejar que as coisas fossem diferentes para encontrar tempo para desfrutar das que tinha.

– Os seus olhos são grandes e escuros, e o seu cabelo é preto e ondulado – elogiou Pollyanna. – Gosto muito de cabelo com cachos. E tem duas manchas rosadas no rosto. É verdade, Mrs. Snow, a senhora é muito bonita! Pensei que sabia. Nunca se olhou no espelho?

– O espelho! – suspirou a doente, voltando a se jogar no travesseiro. – Ultimamente não tenho me visto muito no espelho. Você também não se preocuparia se tivesse que ficar sempre deitada como eu!

– Ah, claro que não – concordou Pollyanna, com simpatia. – Mas deixa lhe mostrar – exclamou ela, dirigindo-se à cômoda e trazendo um espelho pequeno. Ao voltar, parou, olhando para a senhora de forma crítica.

– Espere – disse Pollyanna com simpatia. – Quero antes pentear um pouco o seu cabelo – propôs ela. –A senhora dá licença?

– Sim, eu dou sim – murmurou Mrs. Snow.

– Obrigada, gosto muito de arrumar o cabelo das pessoas – exultou Pollyanna, pousando cuidadosamente o espelho e indo buscar um pente. – Hoje estou com pressa e vou fazer um penteado mais ou menos, mas da próxima vez farei um serviço completo, entende? – exclamou ela enquanto a penteava.

Durante cinco minutos, Pollyanna trabalhou na arrumação. Entretanto, a mulher que se esforçava para ficar carrancuda e fazia troça de tudo começava a sentir-se um pouco mais entusiasmada.

– Pronto! – exclamou Pollyanna, retirando uma rosa da jarra mais próxima e colocando no cabelo preto, no lugar onde fez o melhor efeito. – Agora, sim, pode se olhar no espelho! – e segurou o espelho em triunfo.

– Hum! – resmungou a doente enquanto observava a sua imagem com severidade. – Gosto mais de rosas vermelhas do que cor de rosa, mas também não faz muita diferença, porque até de noite já estará murcha.

– Mas devia ficar contente porque elas murcham – riu Pollyanna, – porque então terá o prazer de receber outras. Gosto muito do seu cabelo penteado assim – concluiu ela, satisfeita. – Não acha?

– Sim, talvez. Mas não vai durar muito, porque tenho que me deitar.

– Sim, não dura, e isso é muito bom – disse Pollyanna alegremente. – Assim posso penteá-la mais vezes. De qualquer forma, acho que devia ficar contente porque tem o cabelo preto. O cabelo preto realça muito mais num travesseiro do que um cabelo loiro, como o meu.

– Talvez, mas eu nunca gostei muito de cabelo preto, os cabelos brancos aparecem mais cedo – retorquiu Mrs. Snow. Falava com irritação, mas continuava segurando o espelho diante do rosto.

– Pois eu gosto muito de cabelo preto! Eu ficaria muito contente se os meus cabelos fossem dessa cor – suspirou Pollyanna.

Mrs. Snow largou o espelho e se voltou irritada.

– Não, não ficaria! Não iria gostar se estivesse no meu lugar, deitada nesta cama, o dia inteiro.

Pollyanna franziu a testa, pensativa.

– Sim, realmente deve ser mais difícil!

– Difícil o quê?

– Arranjar coisas para ficar contente.

– Arranjar coisas para ficar contente quando passo o dia inteiro deitada na cama? Ah, seria bem difícil – retorquiu Mrs. Snow. – Se não acha, me diga alguma coisa para ficar contente!

Para grande surpresa de Mrs. Snow, Pollyanna pulou da cadeira e bateu palmas de alegria.

– Essa é difícil! Tenho que ir embora, mas vou pensar nisso durante o caminho até em casa e talvez, quando voltar, tenha a resposta. Adeus, gostei muito da visita! – disse enquanto se dirigia para a porta.

– O que ela quis dizer? – murmurou Mrs. Snow com os olhos arregalados, depois de Pollyanna ter saído. De vez em quando, levantava o espelho e observava a sua imagem.

– Essa menina tem jeito para arrumar cabelo, não há dúvida – suspirou ela. – Confesso que não sabia que podia ficar tão bonita. Mas para que serve isso? – suspirou de novo, deixando cair o espelho na cama e afundando a cabeça no travesseiro.

Um pouco depois, quando Milly, filha de Mrs. Snow, entrou, o espelho ainda se encontrava entre as cobertas, embora tivesse sido cuidadosamente escondido.

– Que é isto, mamãe? Por que as cortinas estão abertas? – perguntou Milly admirada não só com isso, mas também com a rosa no cabelo da mãe.

– E aí, qual é o problema? – resmungou a doente. – Não preciso ficar sempre às escuras, mesmo estando doente.

– Não, claro que não – retorquiu Milly apaziguando a mãe, enquanto ia buscar o remédio. – É só porque estou cansada de tentar fazer entrar um pouco de luz neste quarto e a senhora nunca quer.

Não houve resposta. Mrs. Snow arrumou o laço na camisola. Finalmente, falou com certa irritação.

– Acho que, para variar, alguém devia me dar uma camisola nova em vez de refogado de carneiro.

– Como... mãe?

Milly estava boquiaberta. Na gaveta da cômoda estavam duas camisolas novas que há meses ela tentava convencer a mãe a usar.

Capítulo IX

O que se fala do “homem”

Tinha chovido no último dia em que Pollyanna viu 'o homem”. Mesmo assim, ela o cumprimentou com um sorriso.

– Hoje o dia não está muito bonito. De qualquer modo, estou contente porque não chove sempre, seria terrível.

Desta vez o homem não resmungou nem virou a cabeça. Claro que Pollyanna concluiu que ele não tinha ouvido. Da próxima vez, que por acaso foi no dia seguinte, ela insistiu e falou mais alto. De qualquer maneira, ela entendia que era necessário proceder assim, porque o homem seguia de cabeça baixa. Era estranha aquela postura, visto que havia um esplendoroso sol e o ar puro da manhã. Pollyanna fazia um de seus passeios matinais quando o encontrou.

– Como vai o senhor? Estou contente que hoje não seja ontem, não acha?

O homem parou bruscamente. Tinha uma expressão zangada.

– Olha, minha menina, vamos resolver isto de uma vez por todas. Eu tenho mais no que pensar, além do tempo que faz. Nem reparo se o sol está brilhando ou não.

Pollyanna respondeu alegremente.

– Isso mesmo, senhor. Eu sei que não presta atenção no tempo, e é justamente por este motivo que eu digo todas as vezes como o tempo está.

– O quê? – perguntou, olhando espantado.

– Eu sei, é por isso que eu digo, para o senhor ficar sabendo se o sol está brilhando ou se está nublado. Eu sei que ficaria bem contente se parasse de pensar nas suas coisas. Se não repara no sol é porque não para de pensar!

– E o que mais? – rosnou o homem com um gesto de impotência. Continuou andando, mas logo se deteve. – Escute, por que não procura alguém da sua idade para conversar?

– Eu gostaria, senhor, mas não há ninguém da minha idade por aqui – respondeu ela. – Mas eu não me importo muito. Gosto das pessoas mais velhas, mais do que das da minha idade. Me acostumei com as senhoras da Caridade.

– Ah, as senhoras da Caridade? E me acha parecido com elas?

O homem tentava esboçar um sorriso, mas o resto do rosto não deixava. Pollyanna percebeu e começou a rir.

– Ah, não, senhor. Não se parece nada com as senhoras da Caridade, mas decerto é tão bom como elas, talvez até melhor – acrescentou ela, tentando ser educada. – Tenho certeza de que é muito melhor do que parece!

O homem engasgou com alguma coisa e só pode murmurar: – Está bem – e continuou no seu caminho.

Da próxima vez que Pollyanna encontrou “o homem”, os olhos dele se fixaram diretamente nos dela com uma franqueza que tornou o rosto dele agradável, pensou Pollyanna.

– Boa tarde – cumprimentou-a rigidamente. – Talvez seja melhor eu dizer que já sei que hoje o sol está brilhando.

– Não era preciso – respondeu Pollyanna alegremente. – Eu já sabia que o senhor sabia.

– Ah, sim, sabia?

– Sim senhor, vi nos seus olhos e fiquei sabendo pelo seu sorriso.

– Hum! – resmungou o homem enquanto se afastava.

Depois disto, o homem sempre falava com Pollyanna e era ele que, frequentemente, falava primeiro, se bem que, normalmente, pouco mais do que um “Boa tarde”. No entanto, mesmo isso foi uma grande surpresa para Nancy, que estava com Pollyanna num dos dias em que eles se cruzaram.

– Pelo amor de Deus, Miss Pollyanna! Esse homem a cumprimentou?

– Sim, cumprimenta sempre, agora – respondeu Pollyanna com um sorriso.

– Cumprimenta sempre! Meu Deus! Sabe quem ele é? – perguntou Nancy.

Pollyanna ficou séria e abanou a cabeça.

– Ele nunca me disse. Eu me apresentei, mas ele não.

Nancy abriu mais os olhos.

– Ele nunca fala com ninguém, isso há anos. Exceto por questões de negócios e coisas assim. Chama-se John Pendleton. Vive sozinho numa enorme casa na colina de Pendleton. Nunca teve ninguém por lá, nem cozinheira. Ele costuma ir ao hotel três vezes por dia para fazer as refeições. Conheço a garçonete Sally Miner, que o serve. Ela diz que ele mal abre a boca para dizer o que quer comer, e por isso ela tem que adivinhar na maioria das vezes. Sempre tem que ser alguma coisa barata.

Pollyanna respondeu com compreensão.

– Eu sei. Quando se é pobre, temos que procurar coisas baratas. Papai e eu comíamos fora muitas vezes. Quase sempre comíamos feijão e bolinhos de peixe. Costumávamos dizer que tínhamos muita sorte em gostar de feijão. Isto é, dizíamos isso quando estávamos olhando para um peru assado que estava na mesa ao lado, que era, você sabe, muito mais caro. O senhor Pendleton gosta de feijão?

– Se gosta? Não sei, Miss Pollyanna. Mas ele não é pobre. Tem montes de dinheiro que herdou do pai. Não tem ninguém tão rico quanto ele na cidade. Se quisesse, podia até comer notas de dólares.

Pollyanna abanou a cabeça.

– Como se alguém pudesse comer notas de dólares.

– O que eu quero dizer é que ele é muito rico – respondeu Nancy impaciente. – Ele não quer é gastar o dinheiro. É só isso. Ele é um pão-duro.

– Ah, sim! Isso é esplêndido, negar-se a si próprio e carregar a sua cruz. Eu sei porque papai me disse.

Nancy abriu a boca surpresa, mas, ao ver o rosto alegre de Pollyanna, reparou numa coisa que a impediu de falar.

– Hum! – exclamou apenas. E continuou: – É realmente espantoso que ele tenha falado com você, Miss Pollyanna. Ele não fala com ninguém e vive sozinho naquela enorme casa cheia de coisas luxuosas, como dizem. Uns dizem que ele é maluco, outros dizem que ele guarda um esqueleto no armário.

– Oh, Nancy! – disse Pollyanna, toda arrepiada. – Como ele pode guardar isso em casa? Com certeza já jogou fora!

Nancy sorriu porque Pollyanna tomou o esqueleto ao pé da letra e não figurativamente. Ela sabia muito bem, mas, perversamente, absteve-se de corrigir o erro.

– E todos dizem que ele é muito misterioso – continuou ela. – Há anos atrás, viajava muito, e sempre para países quentes, como o Egito, a Ásia e para o deserto do Saara.

– Ah, então é um missionário – respondeu Pollyanna. Nancy riu-se de um modo esquisito.

– Bem, eu não diria isso, Miss Pollyanna. Quando volta, escreve livros, estranhos livros a respeito de coisas curiosas que encontra nos países por onde viaja. Mas nunca gasta o seu dinheiro por aqui, nem para viver.

– Claro que não, ele economiza para viajar para esses países – disse logo Pollyanna. – Mas é um homem divertido, igual a Mrs. Snow. Só que ele é diferente.

– Sim, é... – concordou Nancy.

– Agora estou muito mais contente, porque ele fala comigo – disse a menina, irradiando alegria.

Capítulo X

Uma surpresa para Mrs. Snow

Na próxima vez que Pollyanna foi visitar Mrs. Snow, a encontrou com o quarto às escuras como da primeira vez.

– É a menina da Miss Polly, mamãe – anunciou Milly com voz cansada.

Pollyanna ficou sozinha com a inválida.

– Ah, é você, não é? – perguntou uma voz hesitante da cama. – Me lembro de você. Acho que todo mundo se lembra de você depois que a conhece. Eu queria que você tivesse vindo ontem.

– Ah, é? Ainda bem que não passou muito tempo desde ontem – brincou Pollyanna, aproximando-se mais e colocando cuidadosamente numa cadeira o cesto que trazia. – Mas que escuro que está aqui! Não consigo ver nada! – disse ela, dirigindo-se com determinação para abrir as cortinas. – Quero ver se arrumou o cabelo como eu fiz. Ah, não! Mas não se preocupe. Estou contente, assim talvez me deixe arrumá-lo mais tarde. Agora quero que veja o que eu trouxe para a senhora.

A mulher olhava atentamente para ela.

– Como se o aspecto fizesse alguma diferença no sabor – troçou ela, enquanto ia virando os olhos para o cesto. – Então, o que temos aí?

– Adivinhe! Se a senhora quisesse alguma coisa, o que seria?

A mulher doente vacilou. Ela própria não sabia, porque estava tão acostumada a só desejar o que não tinha, que declarar de antemão o que desejava lhe parecia impossível, até saber o que tinha de fato. Mas, obviamente, ela teria que dizer alguma coisa. Aquela menina “extraordinária” estava esperando.

– Bem, seria refogado de carneiro.

– Foi o que eu trouxe! – gritou Pollyanna.

– Mas isto é o que eu não quero – respondeu a doente, tendo agora a certeza do que seu estômago queria. – É galinha o que eu quero.

– Ah, eu também trouxe galinha – disse logo Pollyanna.

A mulher olhou espantada.

– Trouxe as duas coisas? – perguntou ela.

– Sim, e também trouxe geleia! – disse Pollyanna, triunfante. – Achei que hoje deveria acertar no que a senhora estava querendo. Assim, eu e a Nancy arranjamos tudo. Claro que trouxe só um pouco de cada coisa, mas tem de tudo. Estou tão contente que queria galinha – continuou ela, satisfeita, enquanto tirava os três potes do cesto. – A senhora não sabe que no caminho para cá, eu estava com medo que dissesse que queria, por exemplo, tripa, cebolas ou qualquer coisa assim que não tinha! Seria uma pena, depois de todo esse esforço – riu ela, satisfeita.

Não se ouviu resposta. A doente parecia procurar mentalmente algo que tivesse perdido.

– Muito bem – disse a menina, arrumando os três potes em cima da mesa. – Talvez amanhã a senhora queira refogado de carneiro. E então, como está hoje? – perguntou ela, educadamente.

– Mal, muito mal – murmurou Mrs. Snow deixando-se cair na sua atitude habitual de abandono. – Não consegui dormir esta manhã. Nellie Higgins, que mora aqui ao lado, começou suas aulas de música e quase me deixou louca. Estudou a manhã inteira, cada minuto. Não sei o que fazer!

Pollyanna fez que sim com a cabeça.

– Eu sei, é terrível! Aconteceu a mesma coisa com Mrs. White, uma das senhoras da Caridade. Ela teve um ataque de reumatismo e não podia se mexer. Dizia que seria mais fácil se pudesse se mexer. A senhora pode?

– Posso o quê?

– Se mexer, mudar de posição quando a música se torna insuportável.

Mrs. Snow hesitou um pouco.

– Claro que posso me mexer na cama! – respondeu com alguma irritação.

– Pois então fique contente com isto – concluiu a menina. – Mrs. White não podia. Quando se tem ataque de reumatismo, não podemos nos mexer, por mais que queiramos, dizia Mrs. White. Ela me contou que quase tinha ficado maluca, mas não podia, pois ela era os ouvidos da irmã de Mr. White, que é surda.

– Os ouvidos da irmã! Que quer dizer?

Pollyanna riu.

– Ah, agora me lembro que não lhe contei tudo e que a senhora não conhece Mrs. White. Veja. Miss White era surda, completamente surda, e veio para a casa deles para ajudar a tratar de Mrs. White e da casa. Eles tiveram muitas dificuldades para que ela entendesse algumas coisas, mas depois de algum tempo, quando o piano começava a tocar do outro lado da rua, Mrs. White ficava contentíssima por conseguir ouvi-lo e deixou de se importar. Não conseguia deixar de pensar como seria horrível se fosse surda e não conseguisse ouvir nada, como a irmã do marido. A senhora vê, ela também estava jogando o mesmo jogo. E fui eu que ensinei.

– O jogo, que jogo?

Pollyanna bateu palmas.

– Quase me esqueci! Eu estive pensando sobre o outro dia, sobre o que fazer para ficar contente.

– Contente? Que quer dizer?

– Eu disse que ia pensar, não se lembra? Me pediu para dizer alguma coisa para que pudesse ficar contente, apesar de ter que ficar deitada o dia inteiro.

– Ah, isto! Sim, me lembro. Mas não imaginei que estivesse falando sério.

– Sim, estava! – disse Pollyanna triunfantemente. – E já descobri, mas foi difícil. Assim é até mais engraçado, quando é difícil. E levei isso tão a sério que, durante algum tempo, não pensei em mais nada, até que descobri.

– Descobriu? Então o que é? – perguntou Mrs. Snow com uma voz sarcástica, mas educada.

Pollyanna respirou fundo.

– Eu pensei que devia ficar muito contente porque as outras pessoas não estão doentes e na cama como a senhora.

Mrs. Snow olhou zangada.

– Ah sim, realmente! – exclamou ela, num tom pouco amistoso.

– E agora vou lhe ensinar o jogo – propôs Pollyanna confiante. – Vai gostar muito de jogar, pois é difícil. E, sendo difícil, torna-se muito mais divertido! É assim. – E começou a contar a história das doações, das muletas e da boneca que nunca chegou.

Tinha acabado de contar a história quando Milly apareceu à porta.

– A sua tia está chamando, Miss Pollyanna – disse ela com ar preocupado. – Telefonou para a casa dos Harlows e disse que tem que ir logo para a lição de música, antes do anoitecer.

Pollyanna levantou-se com relutância.

– Está bem, já vou indo – e riu-se. – Acho que posso ficar contente, afinal tenho pernas para andar depressa. Não é verdade, Mrs. Snow?

Não houve resposta. Os olhos de Mrs. Snow estavam fechados. Mas Milly, cujos olhos estavam bem abertos de surpresa, viu que no rosto dela havia lágrimas.

– Adeus – disse Pollyanna enquanto se dirigia para a porta. – Pena não ter tido tempo para lhe arrumar o cabelo. Fica para a próxima vez!

Os dias do mês de julho iam passando. Para Pollyanna foram dias felizes. Dizia, muitas vezes, para a tia, como era feliz ali. Ao que a tia costumava responder, invariavelmente:

– Muito bem, Pollyanna. Gosto que os seus dias sejam felizes, mas também desejo que sejam proveitosos, porque se não o forem, terei falhado com os meus deveres.

Normalmente, Pollyanna respondia à tia com um abraço e um beijo. Um procedimento que quase sempre era desconcertante para Miss Polly. Um dia falou disso durante a lição de costura.

– Então, tia Polly, a senhora acha que não basta que os dias sejam felizes? – perguntou ela pensativamente.

– É verdade, Pollyanna.

– Então também devem ser proveitosos, não é?

– Decerto.

– E o que quer dizer pro-vei-to-so?

– É o que traz proveito ou uma vantagem qualquer. Que criança extraordinária você é!

– Então ficar contente não é proveitoso? – perguntou Pollyanna um pouco ansiosa.

– Não. Não é.

– Então, se a senhora pensa assim, acho que não vai gostar dele. Tenho medo que a senhora nunca possa jogar o jogo, tia Polly.

– Jogo, que jogo?

– Aquele que o meu pai... – Pollyanna levou logo a mão à boca. – Nada, nada – emendou ela.

Miss Polly franziu a testa.

– Por hoje chega, Pollyanna – dando por concluída a lição de costura.

Foi nessa tarde que Pollyanna, ao descer do seu quarto no sótão, encontrou a tia nas escadas.

– Mas que bom, tia Polly! – gritou ela. – Vinha me ver? Entre, eu adoro companhia – disse, voltando a subir as escadas e abrindo a porta.

Miss Polly não tivera a intenção de ir ver a sobrinha. Ia procurar um xale de lã guardado na arca que se encontrava junto a uma das janelas do sótão. Mas, apanhada de surpresa, acabou no quartinho de Pollyanna, sentada em uma das cadeiras. Como tantas vezes já acontecera desde que Pollyanna tinha chegado, Miss Polly acabava por fazer coisas totalmente inesperadas e diferentes das que tinha planejado fazer.

– Eu adoro companhia – disse Pollyanna de novo, movimentando-se como se estivesse recebendo alguém num palácio. – Especialmente agora que tenho este quarto só para mim. Claro que sempre tive um quarto, mas era alugado e os quartos alugados não são bonitos como os nossos quartos. E claro que este quarto é meu, não é?

– Sim, Pollyanna – murmurou Miss Polly, pensando vagamente nas razões que a levavam a ficar ali sentada em vez de ir procurar o xale.

– É claro que eu gosto muito deste quarto, mesmo não tendo os tapetes, as cortinas e nem os quadros que eu gostaria. – Pollyanna caiu em si e corou. Ia mudar de assunto, quando a tia a interrompeu abruptamente.

– Como é, Pollyanna?

– Nada, tia Polly, sério. Não era bem isso que eu queria dizer.

– Talvez não – respondeu Miss Polly friamente, – mas disse e agora deve terminar o seu pensamento.

– Mas não era nada. Só que eu tinha imaginado ter bonitos tapetes e cortinas com laços e essas coisas. Mas claro que...

– Tinha imaginado? – interrompeu Miss Polly, com voz severa.

Pollyanna corou ainda mais.

– Eu não mereço ter nada, tia Polly – desculpou-se ela. – Só que sempre sonhei com essas coisas. Tínhamos dois tapetes, mas eram tão pequenos e um deles tinha uma mancha de tinta e buracos, e nunca tivemos quadros além dos dois que meu pa... pintou; quero dizer, um deles, o melhor, foi

vendido, e o outro quebrou. Se não fosse por isso, eu nunca teria feito planos sobre o lindo quarto que ia ter quando chegasse aqui. Mas foi por pouco tempo. Fiquei logo contente pela cômoda não ter espelho, porque assim não via as minhas sardas e não há quadro mais bonito do que o que se pode ver da janela. E a senhora tem sido tão boa para mim que...

Miss Polly levantou-se de repente. Estava muito vermelha.

– Chega Pollyanna! – disse ela, severamente. – Você já disse o bastante, creio. – Logo em seguida desceu as escadas e só lá embaixo lembrou-se do que tinha ido fazer no sótão.

No dia seguinte, Miss Polly disse secamente a Nancy:

– Nancy, pode mudar as coisas de Miss Pollyanna para o quarto de baixo. Decidi que agora a minha sobrinha passará a dormir ali.

– Sim, senhora – disse Nancy em voz alta. “Mas que bom!” pensou Nancy.

Subiu logo para o sótão para dar a boa notícia. Pollyanna nem queria acreditar.

– Está brincando, Nancy! Isso é mesmo verdade?

– Pode acreditar – dizia Nancy enquanto retirava as roupas do armário. – A senhora disse para levar todas as suas coisas para o quarto de baixo e é isso que estou fazendo, antes que ela mude de ideia.

Pollyanna nem parou para ouvir o resto da frase. Correndo o risco de se magoar, desceu as escadas correndo, dois degraus de cada vez. Depois de bater com duas portas e fazer cair uma cadeira, chegou, finalmente, junto da tia.

– Oh, tia Polly, tia Polly, muito obrigada. O quarto novo tem tudo, tapetes, cortinas e três quadros! E as janelas têm a mesma vista! Oh, tia Polly, que bom!

– Muito bem, Pollyanna. Fico satisfeita que tenha apreciado a mudança, mas se gostas tanto dessas coisas, espero que cuides delas. E faça o favor de levantar a cadeira e veja se não bate as portas – disse Miss Polly com ar sério.

Sua expressão era ainda mais séria do que o normal, porque por alguma razão inexplicável sentiu-se tentada a chorar, e Miss Polly não estava habituada com essas tentações.

Pollyanna levantou a cadeira.

– Desculpe. Reconheço que bati as portas, mas assim que soube da mudança, corri até aqui sem ver nada pela frente. Tia Polly, a senhora nunca bateu uma porta?

– Penso que não, Pollyanna – disse a tia chocada.

– Que pena! – a expressão de Pollyanna revelava apenas compaixão.

– Pena? – repetiu a tia, demasiado espantada para dizer mais alguma coisa.

– Sim. A senhora sabe, se alguma vez tivesse ficado louca de alegria, teria batido mil portas. Se não bateu nenhuma, é porque nunca ficou realmente contente. Quem sente uma grande alegria não pode deixar de bater todas as portas. Por isso fico com pena que a senhora nunca tenha ficado contente com nada!

– Pollyanna! – rugiu a senhora. Mas Pollyanna já tinha ido embora e só se ouviu o bater distante da porta do sótão. Pollyanna tinha ido ajudar Nancy a levar as coisas para baixo. Miss Polly, na sala de estar, sentiu-se vagamente perturbada. Claro que já tinha ficado contente com alguma coisa, pensou ela.

Capítulo XI

Apresentando Jimmy

Chegou agosto. Este mês trouxe várias surpresas e algumas mudanças. No entanto, nenhuma delas foi realmente surpresa para Nancy que, desde a chegada de Pollyanna, já esperava surpresas e mudanças.

Primeiro foi o gatinho. Pollyanna encontrou um gatinho miando desesperadamente, a alguma distância da estrada. Depois de perguntar por toda vizinhança, não encontrou o dono e o levou para casa.

– Fiquei muito contente por não ter encontrado o dono – disse ela à tia, muito alegre, – porque queria trazê-lo logo para casa. Adoro gatinhos. Sabia que a senhora iria deixá-lo viver aqui em casa.

Miss Polly olhou para o monte de pelos que se encolhia nos braços de Pollyanna e fez uma cara de nojo. Ela não gostava de gatos, ainda que fossem lindos, saudáveis e limpos.

– Que horror Pollyanna! Que animal horroroso! Com certeza está doente e cheio de pulgas!

– Eu sei, pobrezinho – lamentou Pollyanna com carinho, olhando para os olhos assustados do bicho. – E está tremendo de medo. É porque ainda não sabe que vamos ficar com ele.

– Não, ninguém vai fazer isso – retorquiu Miss Polly com ênfase.

– Oh, sim, vamos – reafirmou Pollyanna, não tendo compreendido as palavras da tia. – Eu disse para todo mundo que íamos ficar com ele se não encontrássemos o dono. Eu sabia que ia ficar contente e que ia ter pena deste gatinho abandonado!

Miss Polly abriu a boca, para tentar falar, mas foi em vão. Voltava a sentir aquele curioso sentimento de incapacidade de resistir que experimentava tão frequentemente desde a chegada de Pollyanna.

– Eu já sabia – respondeu Pollyanna com gratidão – que a senhora, tendo tomado conta de mim, não ia deixar o pobre bichinho sem casa, e disse para Mrs. Ford, quando ela me perguntou se a senhora ia me deixar ficar com ele, porque eu tive as senhoras da Caridade e o gatinho não tem ninguém. Eu sabia que a senhora ia pensar assim! – e saiu correndo do quarto.

– Mas, Pollyanna, Pollyanna – insistiu Miss Polly – eu não... – Mas Pollyanna já ia a meio caminho da cozinha, gritando.

– Nancy, Nancy, olha este gatinho que a tia Polly vai criar junto comigo!

E a tia Polly que detestava gatos deixou-se cair abatida na cadeira, desalentada e impotente para protestar.

No dia seguinte foi um cachorro ainda mais sujo e desamparado que o gatinho. E mais uma vez Miss Polly, com grande espanto a respeito de si própria, encontrou-se no papel de protetora e anjo da guarda, um papel que Pollyanna lhe atribuía sem hesitar, como algo natural para uma pessoa que detestava cachorros ainda mais do que gatos. Tentou resistir, mas não conseguiu.

Quando, porém, em menos de uma semana, Pollyanna trouxe para casa um menino sujo e mal vestido pedindo confiantemente a mesma proteção para ele, Miss Polly, desta vez, teve que se opor mesmo. O caso foi assim.

Numa agradável manhã de quinta-feira, Pollyanna foi de novo levar geleia de mocotó para Mrs. Snow. Mrs. Snow e Pollyanna eram, agora, ótimas amigas. A amizade começou a partir da segunda visita de Pollyanna, ou seja, depois da menina ter ensinado o jogo a Mrs. Snow. Esta agora jogava o jogo com Pollyanna, embora não jogasse lá muito bem, pois tinha se lamentado tanto, durante tanto tempo, que agora não era fácil ficar contente com qualquer coisa. Mas, com as alegres instruções de Pollyanna e as risadas que esta dava quando se enganava, ia aprendendo depressa. Hoje, para grande felicidade de Pollyanna, disse que estava muito contente por Pollyanna ter lhe trazido geleia de mocotó porque era justamente isso que ela queria. Ela não sabia que Milly, ao receber Pollyanna, tinha dito que a mulher do pastor já havia estado ali, de manhã, e que tinha trazido um pote com aquela geleia.

Pollyanna pensava nisto, quando, de repente, viu o menino. Ele estava sentado com ar desconsolado à beira da estrada, riscando o chão com um pauzinho.

– Olá! – disse Pollyanna, tentando iniciar uma conversa.

O menino olhou para ela, mas logo desviou os olhos.

– Olá! – resmungou ele.

Pollyanna riu.

– Você não tem cara de que vai ficar contente nem ganhando um pote de geleia – disse Pollyanna, parando na frente dele.

O menino olhou surpreendido e continuou a riscar o chão. Pollyanna hesitou, mas logo a seguir decidiu sentar-se na grama. Apesar de que costumava dizer que estava habituada às senhoras da Caridade e que não se importava em não ter companhia, de vez em quando, desejava ter amigos da mesma idade. Daí a sua determinação em conquistar aquele menino.

– Meu nome é Pollyanna Whittier – disse ela com simpatia. – Como é o seu?

O menino olhou para ela inquieto. Esboçou um movimento para ficar de pé, mas ficou no mesmo lugar.

– Meu nome é Jimmy Bean – respondeu ele, com pouca vontade de falar.

– Ótimo! Agora já fomos apresentados. Ainda bem que me disse o seu nome, algumas pessoas não o fazem. Eu moro na casa de Miss Polly Harrington. E você?

– Em lugar nenhum.

– Como em lugar nenhum? Por quê? Isso não pode ser, todo mundo mora em algum lugar.

– Pois eu não moro. Ando justamente procurando um lugar novo para morar.

– Ah sim! Onde?

O menino a olhou com desprezo.

– Boba! Se estou procurando um lugar, como posso saber onde é?

Pollyanna sacudiu a cabeça. Ele não era simpático e ela não gostou que ele a chamou de boba. No entanto, valia a pena insistir, porque ele era diferente dos mais velhos.

– Mas onde morava antes?

– Você nunca levou uma surra por fazer muitas perguntas? – perguntou o menino, impaciente.

– Eu tenho que perguntar – respondeu Pollyanna calmamente, – senão não posso saber nada do que eu quero. Se você falasse mais, eu não precisava perguntar tanto.

O menino deu uma risada. Era um riso forçado, mas o rosto tornou-se mais simpático.

– Está bem, então aí vai! Sou Jimmy Bean e tenho dez anos. Vim no ano passado viver no orfanato, mas já tem tantos meninos que não há lugar para mim. Por isso vou embora. Vou viver em outro lugar, mas ainda não encontrei. Só queria um lar, um lar normal com uma mãe. Ter um lar é ter uma família e eu não tenho uma família desde que o meu pai morreu. Por isso, estou procurando. Já tentei em quatro casas, mas não me quiseram, embora eu dissesse que queria trabalhar. Era isso que queria saber? – a voz do menino esmorecera nas últimas duas frases.

– Mas que pena! – disse Pollyanna, cheia de compaixão. – Ninguém quis você? Eu sei como se sente, porque depois que o meu pai morreu eu também não tinha mais ninguém, a não ser as senhoras da Caridade, até que a tia Polly disse que tomaria conta de mim.

Pollyanna interrompeu bruscamente. Tinha tido uma ideia maravilhosa.

– Ah, já sei de um lugar para você – gritou ela. – A tia Polly ficará com você, tenho certeza! Não ficou comigo? E não ficou também com o Fluffy e o Buffy quando eles não tinham ninguém que tomasse conta deles, nem para onde ir? E afinal não passam de bichos. Vem comigo, eu sei que a tia Polly fica com você! Não imagina como a minha tia é boa e simpática!

O pequeno rosto de Jimmy Bean iluminou-se.

– Tem certeza? Ela fica comigo? Eu posso trabalhar e sou muito forte! – disse ele, mostrando o seu braço magro.

– É claro que sim! A minha tia Polly é a melhor senhora do mundo, depois da minha mãe ter ido para o céu. E há muitos quartos – continuou ela, saltitando e apalpando o braço dele. – É uma casa enorme.

Talvez – acrescentou ela um pouco ansiosa, enquanto se apressava – talvez tenha que dormir no quarto do sótão. Eu dormia lá antes, mas agora tem tela nas janelas e já não faz tanto calor, além das moscas não poderem mais entrar com germes nas patas. Sabia disso? Talvez ela deixe você ler o livro se você se comportar. Você também tem sardas – disse ela, com um olhar crítico. – Assim vai ficar contente porque não tem espelho. E a vista daquela janela é mais bonita do que qualquer quadro. Não vai se importar de dormir naquele quarto, tenho certeza – insistiu Pollyanna, descobrindo que precisava de fôlego para outras finalidades além de falar.

– Mas que bom! – exclamou Jimmy Bean sem compreender muito bem, mas satisfeitíssimo. E acrescentou: – Não sabia que era possível continuar falando enquanto se corre!

– Pois então fique contente com isso – respondeu ela, – porque enquanto eu falo você não tem que falar!

Quando chegaram na casa, Pollyanna conduziu o companheiro diretamente à presença da tia, surpreendida.

– Oh, tia Polly – disse ela, triunfante. – Veja só! Trouxe uma coisa muito mais bonita que o Fluffy e o Buffy para a senhora criar. É um menino de verdade. Ele não se importa de dormir no sótão no princípio e diz que pode trabalhar, embora eu ache que vou precisar dele na maior parte do tempo para brincar.

Miss Polly empalideceu e depois ficou vermelha como um pimentão. Pensou não ter compreendido bem, mas bastava aquilo que tinha entendido.

– Pollyanna, o que significa isto? Quem é este menino tão sujo? Onde o encontrou? – perguntou ela severamente.

“O menino tão sujo” recuou um passo e olhou para a porta. Pollyanna procurou rir.

– É verdade, esqueci de dizer o nome dele! Sou tão esquecida como “o homem”. E também está sujinho, não é? Está como o Fluffy e o Buffy quando a senhora os aceitou. Mas acho que ele ficará melhor depois que se lavar, como eles. Oh, ia me esquecendo de novo. Chama-se Jimmy Bean, tia Polly.

– Bem, e o que ele está fazendo aqui?

– Como? Já disse isso, tia Polly! – os olhos de Pollyanna estavam enormes de surpresa. – Eu o trouxe para a senhora. Trouxe-o para casa, para ele viver aqui conosco. Ele quer um lar e uma família. Contei como a senhora era boa para mim, para o Fluffy e para o Buffy e que eu sabia que também seria boa para ele, porque é mais bonito que os bichinhos.

Miss Polly deixou-se cair numa cadeira, levando a mão trêmula até a garganta. A incapacidade de resistir ameaçava apoderar-se dela mais uma vez. Porém, com um esforço visível, Miss Polly endireitou-se repentinamente.

– Isto também não, Pollyanna! Isto é a coisa mais absurda que você já fez até agora. Como se já não bastasse trazer para casa cães e gatos vadios, também tem que ir buscar meninos pedintes na rua!

Aquela expressão foi como uma chicotada no menino. Seus olhos chisparam e seu queixinho levantou-se. Deu dois passos firmes para frente e se colocou corajosamente diante de Miss Polly.

– Não sou nenhum pedinte, minha senhora, e não quero nada da senhora. Estava procurando trabalho para me sustentar. Mas não teria vindo até a sua casa se esta menina não tivesse me dito como a senhora era caridosa e boa, e que desejava tomar conta de mim. Portanto, vou-me embora! – e, dizendo isto, abandonou a sala com uma dignidade que seria absurda se não fosse tão lamentável.

– Oh, tia Polly! – lamentou Pollyanna. – Eu achei que ficaria contente com ele aqui!

Miss Polly ergueu a mão com um gesto firme, impondo o silêncio. Seus nervos não podiam suportar mais aquilo. O que o menino havia dito, “caridosa e boa”, ainda lhe soava nos ouvidos e ela sentia que a sua habitual incapacidade de resistir estava vindo de novo. No entanto, fez um esforço supremo e disse, com energia:

– Pollyanna – gritou zangada! – Pare com essa história de estar contente e querer que todo mundo fique contente! É “contente” o dia inteiro, de manhã a noite. Está me enlouquecendo!

Pollyanna ficou boquiaberta.

– Mas por que, tia Polly? – murmurou ela. – Eu imaginei que fosse ficar contente. Oh! – interrompeu ela, levando a mão à boca e saindo correndo da sala.

Antes do menino chegar no portão, Pollyanna o alcançou.

– Jimmy Bean, estou muito triste com o que aconteceu, peço desculpas – disse pesarosa, agarrando-o.

– Desculpa nada! Não estou culpando você – retorquiu o menino, solenemente. – Mas não sou nenhum pedinte! – acrescentou ele, altivo.

– Claro que não! Mas você não deve culpar a tia Polly. Provavelmente eu não te apresentei da maneira correta, e por não ter dito quem você era. Ela é realmente boa e simpática, sempre tem sido, eu é que não me expliquei bem. Quero arranjar um lugar para você!

O menino encolheu os ombros e fez menção de ir embora.

– Não faz mal. Acho que posso encontrar um lugar. Mas não sou nenhum pedinte.

Pollyanna estava com uma expressão muito triste. De repente, o rosto iluminou-se.

– Já sei o que vou fazer! As senhoras da Caridade vão se reunir esta tarde, ouvi a tia Polly dizendo. Vou apresentar o seu caso. Era o que papai sempre fazia quando queria alguma coisa, como educar os meninos pagãos ou arranjar um tapete novo para a igreja.

O menino virou-se, desconfiado.

– Não sou pagão, nem tapete. Por sinal, o que é isto de senhoras da Caridade?

Pollyanna olhou para ele, reprovadoramente.

– Como? Onde você foi criado para não saber quem são as senhoras da Caridade?

– Está bem, e se não quer contar, não conta – resmungou o garoto, virando e afastando-se com indiferença.

Pollyanna correu para o lado dele.

– São muitas senhoras que se reúnem para costurar, fazem jantares para recolher dinheiro e conversar. São muito simpáticas. Bem, pelo menos a maioria delas era, lá na minha terra. Não conheço as senhoras daqui, mas elas sempre são boas. Vou apresentar o seu caso a elas esta tarde.

O menino virou-se outra vez, desconfiado.

– Nem pense nisso! Com certeza pensa que vou ficar parado na frente delas para ouvir elas me chamarem de pedinte. Já basta uma!

– Mas você não precisa estar lá – argumentou Pollyanna, rapidamente. – Eu vou sozinha e explico tudo.

– Vai?

– Vou sim, mas desta vez vou explicar bem as coisas – apressou-se Pollyanna, vendo que o rosto do menino mostrava sinais mais brandos. – E deve ter alguma que ficará contente em lhe dar um lar.

– E eu trabalho. Não esqueça de dizer isso.

– Claro que não – prometeu Pollyanna satisfeita, convencida de que desta vez ia sair vitoriosa. – Amanhã conto o resultado a você.

– Onde?

– Na estrada onde nos encontramos hoje, perto da casa de Mrs. Snow.

– Está bem, estarei lá. Talvez seja melhor eu voltar para o orfanato, afinal, só por esta noite. Eu não disse que não voltava, senão não iam me deixar voltar. Embora ache que eles nem se importariam se eu desaparecesse. Não são como parentes, não se preocupam com ninguém!

– Eu sei – assentiu Pollyanna, com olhar compreensivo. – Mas tenho certeza de que amanhã, quando nos encontrarmos, já terei arranjado um lar para você e gente amiga para tomar conta de você. Adeus! – disse ela, voltando para casa.

Junto à janela da sala de estar, Miss Polly, que estivera observando as duas crianças, seguiu com os

olhos até o menino desaparecer numa curva da estrada. Depois suspirou, voltou-se e subiu as escadas com um ar de desânimo. Miss Polly não costumava ter essa expressão. Nos seus ouvidos ainda ecoavam as palavras ditas pelo menino em tom de desespero: *"E como a senhora era caridosa e boa".* O seu coração experimentava uma curiosa sensação de desolação, como se tivesse perdido alguma coisa.

Capítulo XII

As senhoras da Caridade

O almoço, ao meio dia, foi uma refeição silenciosa. Esse era o dia da reunião das senhoras da Caridade. Pollyanna até tentou falar, mas não conseguiu porque, nas quatro vezes que tentou, teve de se interromper por quase dizer “contente”, sempre se atrapalhando muito. Na quinta vez, Miss Polly abanou a cabeça impacientemente.

– Se você tem alguma coisa a dizer, diga logo. Use quantos “contentes” quiser, não fique aí gaguejando.

Pollyanna alegrou-se.

– Ah, muito obrigada. É muito difícil não pronunciar aquela palavra, joguei durante tanto tempo aquele jogo.

– Jogou o quê? – perguntou a tia Polly.

– Aquele jogo, o do papai... – Pollyanna interrompeu-se novamente, com um incômodo rubor nas faces, quando se viu novamente em terreno proibido.

Miss Polly enrugou a testa e não disse nada. Durante o restante da refeição não falaram mais nada.

Logo a seguir, Miss Polly telefonou para a mulher do pastor comunicando que não poderia estar presente na reunião das senhoras da Caridade, naquela tarde, devido a uma dor de cabeça. Quando a tia subiu para o seu quarto e fechou a porta, Pollyanna tentou ter pena da dor de cabeça, mas não pode deixar de se sentir contente pelo fato da tia não poder estar presente quando ela fosse apresentar o caso de Jimmy Bean às senhoras da Caridade. Ela não podia se esquecer que tia Polly tinha chamado o Jimmy de “pequeno pedinte”, e ela não queria que a tia repetisse isso diante das senhoras da Caridade.

Pollyanna sabia que as senhoras da Caridade reuniam-se às duas da tarde na capela, junto à igreja, a pouco mais de meio quilômetro da sua casa. Planejou a sua partida de modo a chegar lá um pouco antes das três da tarde.

– Quero que estejam todas lá – disse para si mesma, – senão pode acontecer que justamente a que não esteja presente seja a única disposta a aceitar o Jimmy. Além disso, duas horas sempre quer dizer três para as senhoras da Caridade.

Calma e confiante, Pollyanna subiu os degraus da capela, abriu a porta e entrou no vestíbulo. Da sala principal vinha um murmúrio confuso de vozes femininas. Com uma ligeira hesitação, Pollyanna abriu a porta. As vozes acalmaram-se com a surpresa. Pollyanna avançou timidamente. Agora que tinha chegado o momento, sentia-se muito envergonhada. Afinal, estes rostos meio estranhos não eram os das suas senhoras da Caridade.

– Como estão as senhoras? – perguntou, educadamente. – Eu sou Pollyanna Whittier, creio que algumas das senhoras me conhecem, ainda que eu não conheça todas vocês.

Agora, o silêncio era quase total. Algumas das senhoras não conheciam a extraordinária sobrinha de sua colega, embora quase todas já tivessem ouvido falar dela. Naquele momento, nenhuma delas encontrava nada para dizer.

– Vim aqui expor um caso – balbuciou Pollyanna, após alguns segundos, utilizando, inconscientemente, as palavras que seu pai usava.

Ouviu-se um sussurro geral.

– Foi sua tia que mandou você? – perguntou Mrs. Ford, esposa do pastor.

Pollyanna corou um pouco.

– Não, eu vim por conta própria. Estou acostumada a tratar com as senhoras da Caridade. Foram elas que me criaram junto com o meu pai.

Uma delas riu histericamente e a mulher do pastor franziu a testa.

– Sim, querida, o que é?

– É por causa de Jimmy Bean – suspirou Pollyanna. – Ele não tem casa. Mora no orfanato que está cheio e ele acha que não o querem lá. Por isso quer uma família. Quer alguém que seja uma família para ele, que tome conta dele. Tem dez anos e vai fazer onze. Pensei que alguma das senhoras pudesse tomar conta dele.

– Pensou? – murmurou uma voz, quebrando a pausa de espanto que se seguiu às palavras de Pollyanna.

Com olhos ansiosos, Pollyanna percorreu o círculo de rostos em torno dela.

– Ah, me esqueci de dizer! Ele quer trabalhar – acrescentou ela, ansiosamente.

O silêncio manteve-se. Depois, friamente uma ou duas das senhoras começaram a interrogá-la. Algum tempo depois, tinham a história completa e começaram a conversar umas com as outras, animadamente, mas sem grande contentamento.

Pollyanna ouvia com ansiedade crescente. Ela não entendia algumas coisas que diziam. No entanto, percebeu que nenhuma das mulheres presentes tinha uma casa para dar a Jimmy, embora cada uma delas pensasse que uma das outras devia ficar com ele, visto que várias não tinham crianças pequenas em casa. Porém, não havia nenhuma que estivesse disposta a ficar com ele. A mulher do pastor sugeriu então que talvez, em conjunto, pudessem assumir a responsabilidade do seu sustento e educação, enviando menos dinheiro este ano para as crianças da longínqua Índia.

Várias senhoras falaram e algumas ao mesmo tempo, ainda mais alto e de modo mais desagradável do que antes. Diziam que a associação delas era famosa pelas doações que faziam às missões na Índia e várias diziam que seria uma pena se este ano dessem menos dinheiro. Pollyanna voltou a não entender muito bem o que estavam dizendo, mas parecia que o importante era que o nome de uma associação rival não aparecesse no lugar delas, numa certa lista, mas Pollyanna devia ter entendido mal! Era tudo muito confuso e pouco agradável, de maneira que Pollyanna ficou satisfeita quando se viu de novo lá fora, respirando ar puro. Mas, ao mesmo tempo, estava muito triste porque sabia que ia ser muito difícil dizer ao Jimmy, no dia seguinte, que as senhoras da Caridade tinham decidido que era preferível enviar dinheiro para os meninos da Índia do que criar um menino da sua própria cidade. E a razão para isso era o fato de que não iriam ser “mencionadas em primeiro lugar numa tal lista”, segundo tinha dito a senhora alta de óculos.

Pollyanna pensava que, evidentemente, era bom enviar dinheiro para os países mais pobres e não queria que elas deixassem de enviar, mas tinham agido como se os meninos daqui não tivessem importância e só fossem dignos de cuidado os meninos dos países distantes. Apesar de tudo, pensava que as senhoras deveriam preferir ver Jimmy Bean crescer do que um simples relatório!

Capítulo XIII

No bosque de Pendleton

Depois de deixar a capela, Pollyanna não foi para casa, mas sim para a colina de Pendleton. Tinha sido um dia difícil, embora fosse um de seus dias livres, como ela chamava os poucos dias em que não tinha costura nem cozinha. E Pollyanna achava que não havia nada melhor do que um passeio pelo bosque de Pendleton. Assim, subiu a colina apesar do forte calor que fazia.

– Só preciso chegar em casa pelas quatro e meia – pensava ela – e vai ser muito mais agradável se eu for pelo meio do bosque, mesmo que tenha que subir toda essa colina.

Aquele bosque era muito bonito e hoje parecia ainda mais agradável apesar dela se sentir triste com o que teria que dizer ao Jimmy amanhã.

– Que pena não estarem todas aqui, todas aquelas senhoras que falavam tão alto – Pollyanna falava sozinha. – De qualquer modo, se elas estivessem aqui, tenho certeza de que mudariam de ideia e adotariam Jimmy como filho – falou, segura de sua convicção, porém incapaz de saber o porquê.

De repente Pollyanna parou, atenta. Um cachorro havia latido ali perto. Pouco depois, o cachorro surgiu na sua frente, ainda latindo.

– Olá, cachorrinho! – disse Pollyanna, enquanto o acariciava e olhava para o caminho a sua frente, na esperança de aparecer mais alguém. Ela já tinha visto o cachorro antes. Ele costumava acompanhar “o homem”, Mr. John Pendleton. E se o cachorro estava ali, o dono devia estar por perto. Esperou que ele aparecesse. Procurou atentamente durante algum tempo, mas nada dele aparecer. Desviou, então, a atenção de volta para o cachorro.

O cachorro, como Pollyanna podia ver, estava agindo de modo muito estranho. Continuava a latir como se quisesse dar alarme. Corria para trás e para frente. Parecia querer chamar a atenção de Pollyanna para uma trilha lateral, onde se meteu, ainda latindo.

– Oh, mas esse não é o caminho para casa – riu Pollyanna, mantendo-se no caminho principal.

O cachorro parecia fora de si. Continuava a correr para trás e para frente entre Pollyanna e a trilha lateral, latindo e soltando uivos. Todo o seu comportamento era um apelo tão eloquente que, finalmente, Pollyanna compreendeu e o seguiu. Um pouco mais na frente, Pollyanna percebeu a razão daquele comportamento. Um homem jazia deitado junto a um grande rochedo, a alguns metros da trilha secundária.

Um galho seco estalou sob os pés de Pollyanna e o homem virou a cabeça. Pollyanna correu com um grito de surpresa.

– Mr. Pendleton! O senhor está ferido?

– Ferido? Não, só estava tirando uma sesta, deitado aqui! – respondeu o homem, com a voz irritada. – Veja, quanto você sabe? O que pode fazer? O que tem dentro dessa cabeça?

Pollyanna tomou fôlego e, conforme seu costume, respondeu as perguntas literalmente, uma por uma.

– Bem, Mr. Pendleton, eu não sei muita coisa, e também não consigo fazer muitas coisas, mas as senhoras da Caridade, menos a Mrs. Rawson, achavam que eu tinha muito juízo. Uma vez, eu as ouvi falando de mim, mas elas não sabiam que eu estava ouvindo.

O homem sorriu numa careta.

– Bem, bem. Peço desculpas pelos meus modos. É essa maldita perna que está me incomodando. Agora, escute – ele pausou e, com alguma dificuldade, levou a mão até o bolso da calça, de onde tirou um molho de chaves, separou uma delas e disse:

– Em cinco minutos, por esse caminho, você encontra a minha casa. Esta chave é a da porta lateral ao lado do pórtico. Sabe o que é pórtico?

– Sei sim. A tia Polly tem um pórtico com um solário em cima. Foi no teto desse solário que eu dormi, isto é, eu ia dormir, porque eles me descobriram.

– Quê? Bem – exclamou o homem, sem entender nada. Mas prosseguiu: – Pois bem. Abra a porta, atravesse o vestíbulo, e na sala no fim do corredor você vai encontrar um telefone em cima de uma escrivaninha. Sabe usar o telefone?

– Oh, sei sim. Uma vez quando a tia Polly...

– Agora não interessa a tia Polly – interrompeu o homem abruptamente, tentando mudar de posição. – Procure o número do telefone do doutor Thomas Chilton, numa lista que deve estar lá. Sabe o que é lista de telefone?

– Ah, sim, senhor. Eu adoro a lista que a tia Polly tem. Tem muitos nomes estranhos e...

– Diga ao doutor Chilton que John Pendleton está junto do rochedo da águia, no bosque Pendleton, com a perna quebrada. Peça a ele que venha imediatamente e traga dois homens e uma maca. Ele sabe o que deve fazer. Diga para vir pelo caminho que sai na frente da minha casa.

– Uma perna quebrada? Oh, Mr. Pendleton, que horror! – exclamou Pollyanna. – Mas ainda bem que eu vim. Não posso...

– Sim, pode, mas agora não! Vá fazer o que eu lhe pedi e pare de falar – resmungou o homem, quase desmaiando. E, com um ligeiro soluço, Pollyanna saiu correndo. Não parou nenhuma vez para apreciar a beleza da copa das árvores. Manteve os olhos no chão o tempo todo, para evitar os buracos e os galhos secos.

Logo enxergou a casa. Já a tinha visto por fora, mas nunca tão de perto. Sentia-se um pouco assustada com a imponência das grandes colunas de pedra cinza, das enormes varandas e da imponente entrada. Depois de uma breve hesitação, correu pelo gramado e fez a volta para achar a porta lateral ao lado do pórtico. Teve um pouco de dificuldade para virar a chave, mas, finalmente, conseguiu abrir a pesada porta de carvalho entalhada.

Pollyanna respirou fundo. Apesar da pressa, hesitou por um momento, olhando receosamente através do vestíbulo. Era a casa de John Pendleton, uma casa de mistério, onde não entrava ninguém a não ser o dono. Uma casa onde, em algum lugar, estava escondido um esqueleto.

Com um gritinho, Pollyanna, sem olhar para os lados, correu apressadamente pela porta de entrada e abriu a porta para o corredor, dirigindo-se à sala. Era muito grande e sombria, o teto era de madeira escura, mas pela janela entrava uma réstia de sol que brincava na proteção de latão da lareira. Pollyanna correu para a escrivaninha, no meio da sala, onde se encontrava o telefone. A lista com os telefones estava no chão. Pollyanna apanhou-a e percorreu as folhas até encontrar o nome do doutor Chilton. Finalmente conseguiu fazer a ligação e transmitiu a mensagem ao médico, que lhe fez algumas perguntas. Feito isto, desligou e respirou aliviada.

Pollyanna olhou, então, ao redor, percebendo confusamente as tapeçarias, as estantes cheias de livros que revestiam as paredes, as inúmeras portas fechadas que podiam muito bem esconder o esqueleto e o pó que havia por todo lado, muito pó. Pollyanna saiu correndo pelo corredor, em direção à grande porta, ainda semi-aberta como ela a deixara.

O homem da perna quebrada admirou-se da sua rapidez quando a viu retornar.

– Então, Pollyanna, qual foi o problema? Não conseguiu abrir a porta? – perguntou ele.

Pollyanna arregalou os olhos.

– Claro que consegui! Estou aqui – respondeu ela. – Não estaria se não tivesse entrado! Falei com o médico, ele estará aqui o mais depressa possível. Vai trazer os homens e o resto das coisas. Ele disse que sabia exatamente onde o senhor estava e por isso não fiquei lá para mostrar o caminho. Vim correndo para lhe fazer companhia.

– Realmente? – sorriu o homem, ironicamente. – Não posso dizer que admiro o seu gosto. Achei que você podia encontrar companhias mais agradáveis.

– Diz isso por ser tão rabugento?

– Obrigado pela franqueza. É isso mesmo.

Pollyanna riu docemente.

– Mas o senhor só é rabugento por fora. Por dentro não é!

– Ah, sim? E como é que você sabe disso? – perguntou o homem, tentando mudar a posição da cabeça sem mexer o resto do corpo.

– Por várias razões. Por exemplo, o modo como trata o seu cachorro – acrescentou ela, apontando para a mão dele que repousava sobre a cabeça do cachorro, que se encontrava junto dele. – É engraçado como os cães e os gatos conhecem os donos por dentro melhor do que as outras pessoas, não é? Olhe, é melhor eu segurar a sua cabeça – concluiu ela abruptamente.

O homem gemeu várias vezes, até conseguir arranjar uma nova posição, quando, finalmente, chegou à conclusão de que o colo de Pollyanna substituía muito melhor a pedra onde antes assentava a cabeça.

– Ah, assim está melhor! – murmurou ele, suspirando.

Ele não falou durante algum tempo. Pollyanna observava a face dele e se perguntava se ele estava dormindo ou não. Achava que não, pois parecia que ele mantinha os lábios fechados como se quisesse conter os gemidos de dor. A própria Pollyanna quase chorou quando percebeu como era grande e forte o corpo que ali estava tão desamparado. O tempo ia passando, o sol começava a baixar e as sombras entre as árvores eram cada vez mais profundas. Pollyanna estava sentada tão quieta que mal respirava. Um pássaro chegou atrevidamente ao alcance de sua mão e um esquilo abanava a cauda num galho, quase por cima da cabeça dela, mas com os olhinhos brilhantes postos no cachorro imóvel.

Finalmente o cachorro levantou as orelhas e latiu. Logo depois, Pollyanna ouviu vozes e, em seguida, apareceram três homens, trazendo uma maca e outras coisas. O mais alto, que era o doutor Chilton, adiantou-se, sorrindo.

– Então, esta linda menina está brincando de enfermeira?

– Não, senhor – sorriu Pollyanna. – Estava só segurando a cabeça dele. Não dei nenhum remédio. Mas estou muito contente por ter ficado aqui.

– Eu também – concordou o médico, enquanto voltava a sua atenção para o homem ferido.

Capítulo XIV

Uma simples geleia

Pollyanna estava um pouco atrasada para o jantar na noite do acidente de John Pendleton, mas não foi repreendida.

Nancy a encontrou na porta.

– Ainda bem que chegou, são seis e meia!

– Eu sei, mas não tenho culpa. E tenho certeza de que a tia Polly não vai me repreender.

– Ela não terá essa chance – respondeu Nancy, satisfeita. – Ela saiu.

– Saiu? – perguntou Pollyanna admirada. – Eu que a fiz ir embora? – Na cabeça dela vieram as lembranças do que se passara de manhã com o menino rejeitado, a história do gato e do cão e das indesejadas palavras “contente” e “papai” que, mesmo estando proibidas, escapavam da sua boca. – Não me diga que eu fiz alguma coisa errada!

– Não, a culpa não foi sua. A prima dela morreu de repente em Boston e ela teve que viajar. Esta tarde, depois de você ter ido embora, chegaram vários telegramas e ela partiu. Só voltará daqui a três dias. Mas que bom, vamos ficar com a casa só para nós durante esse tempo todo!

Pollyanna olhou para Nancy, chocada.

– Você está contente? Oh, Nancy, quando há um enterro?

– Mas eu não estou contente por causa do enterro, Miss Pollyanna. E não foi você mesma que me ensinou o jogo? – disse ela com uma expressão séria.

Pollyanna franziu a testa.

– Há certas coisas que não servem para se jogar o jogo, e enterro é uma delas. Num enterro não há nada que nos possa deixar contentes.

Nancy retorquiu:

– Podemos ficar contentes por não ser o nosso enterro – observou ela.

Pollyanna não lhe deu atenção. Tinha começado a contar o acidente em detalhes e Nancy ouviu tudo até o fim de boca aberta.

No dia seguinte, conforme combinado, Pollyanna foi encontrar-se com Jimmy Bean. Como esperado, Jimmy mostrou-se desapontado porque as senhoras da Caridade preferiam ajudar um menino da Índia do que ele.

– Bem, talvez isso seja natural – disse ele, com um suspiro. – As coisas que não conhecemos são sempre melhores do que as que conhecemos. Só queria que alguém olhasse por mim dessa maneira. Quem sabe não há alguém na Índia que me queira?

Pollyanna bateu palmas.

– É isso mesmo! É a mesma coisa. Vou escrever para as minhas senhoras da Caridade! Elas não estão na Índia, estão no oeste, mas é muito longe e vai dar no mesmo. Tenho certeza que ficam contigo, porque você está bem longe.

Os olhos de Jimmy brilharam.

– Acha possível que elas queiram cuidar de mim?

– Sem dúvida que sim! Elas não cuidam de meninos na Índia? Nesse caso, podem fazer como se você fosse um menino indiano. Vou escrever para elas. Vou escrever para Mrs. White. Não. Melhor escrever para Mrs. Jones. Mrs. White tem mais dinheiro, mas é Mrs. Jones quem dá mais. Não é engraçado isto? Uma ou outra o receberá, tenho certeza.

– Muito bem, mas não esqueça de dizer que eu quero trabalhar, que pagarei a casa e a comida com o meu trabalho – insistiu o menino, sempre muito meticuloso nesse ponto. Não sou nenhum pedinte, e negócio é negócio, mesmo com as senhoras da Caridade. Bem, nesse caso, vou ficar no asilo até você receber a resposta.

– Isso mesmo – concordou Pollyanna, enfaticamente. – Aí eu sei onde encontrá-lo. E, enquanto isso, eles cuidam de você. Tenho certeza que a distância em que você está delas vai facilitar muito. Eu, por exemplo, sou a indiazinha da tia Polly.

– Você é uma menina muito esquisita! – disse Jimmy, se retirando.

Tinha se passado uma semana depois do acidente nos bosques de Pendleton quando Pollyanna disse à tia, numa manhã:

– Tia Polly, a senhora se importaria se eu, esta semana, levasse a geleia de mocotó de Mrs. Snow para uma outra pessoa? Tenho certeza de que Mrs. Snow não quer geleia agora.

– O que é que você está imaginando, Pollyanna? Você é uma criança extraordinária!

Pollyanna franziu a testa, ansiosa.

– Por favor, tia Polly, que quer dizer extraordinária? Se somos extraordinários, não podemos ser ordinários, não é?

– Não, você certamente não pode.

– Ah, então está bem! Estou contente por ser extraordinária – disse Pollyanna, com um sorriso nos lábios. – Mrs. White costumava dizer que Mrs. Rawson era uma mulher muito ordinária. Uma não gostava da outra e viviam brigando. E papai, digo, nós tínhamos mais trabalho para manter a paz entre as duas do que entre as outras senhoras – corrigiu-se Pollyanna, um pouco atrapalhada: não podia falar do pai por causa da tia e nem das brigas entre as paroquianas, como seu pai havia recomendado.

– Sim, é isso mesmo – disse Miss Polly, um pouco impaciente. – Você não consegue dizer duas palavras sem meter no meio essas tais senhoras da Caridade!

– Sim, senhora. Reconheço, mas não posso evitar, pois foram elas que me criaram e...

– Certo, Pollyanna – interrompeu ela, com uma voz impassível. – Mas então, o que há com a geleia?

– Nada, não é nada, tia Polly. Tenho certeza que a senhora não se importa. Eu queria que a senhora me deixasse levar a geleia para outra pessoa, esta semana. A perna quebrada dele não dura tanto tempo como a invalidez permanente da Mrs. Snow, e poderei continuar a visitá-la depois.

– Ele? Perna quebrada? Que história é essa, Pollyanna?

– Ah, tinha esquecido. Pensei que a senhora soubesse. No dia em que partiu para Boston, encontrei-o no bosque por acaso e tive que ir até casa dele para telefonar para o médico. Fiquei o tempo todo com a cabeça dele no meu colo até o médico chegar. Depois vim embora e, desde então, não o vi mais. Mas quando Nancy fez a geleia para Mrs. Snow esta semana, pensei que seria simpático se pudesse levá-la para ele, pelo menos desta vez. Posso, tia Polly?

– Sim, creio que sim – condescendeu Miss Polly, um pouco cansada. – Mas quem é ele?

– É “o homem”. Quero dizer, Mr. John Pendleton.

Miss Polly quase caiu da cadeira.

– John Pendleton!

– Sim, Nancy me disse o nome dele. Talvez o conheça.

Miss Polly não respondeu. Em vez disso, perguntou:

– Mas você o conhece?

Pollyanna disse que sim com a cabeça.

– Sim, ele agora fala e sorri sempre. Descobri que ele é antipático só por fora. Vou buscar a geleia. Nancy já deve ter terminado – concluiu Pollyanna a caminho da saída.

– Pollyanna, espera! – a voz de Miss Polly tornou-se subitamente muito grave. – Mudei de ideia. Prefiro que leve a geleia para Mrs. Snow, como de costume. É tudo. Pode ir embora.

Pollyanna ficou com uma expressão muito triste.

– Mas, tia Polly, ela ainda vai ficar doente por muito tempo. Ela vai estar sempre doente, mas ele só está com a perna quebrada, e não vai ficar assim por muito tempo. Já faz uma semana que a quebrou.

– Sim, eu sei. Ouvi falar que Mr. John Pendleton havia sofrido um acidente, mas eu não quero mandar geleia para ele.

– Eu sei que ele é antipático, mas é só por fora – admitiu Pollyanna tristemente. – Deve ser por isso que não gosta dele. Mas eu não digo que foi a senhora que mandou. Digo que fui eu. Eu gosto dele, ficaria muito contente se pudesse levar geleia.

Miss Polly começou de novo a balançar a cabeça. Depois, subitamente, parou e perguntou com voz calma e cheia de curiosidade:

– E ele sabe quem é você, Pollyanna?

– Imagino que não. Eu disse o meu nome uma vez, mas ele nunca me chama por ele.

– E ele sabe onde você mora?

– Não, eu nunca disse.

– Então ele não sabe que você é minha sobrinha?

– Não. Acho que não.

Por um momento, fez-se silêncio. Miss Polly olhava para Pollyanna com olhos distantes. A menina mostrava-se impaciente. Então, Miss Polly levantou-se.

– Muito bem, Pollyanna – disse ela, finalmente, com aquela voz esquisita que não parecia a dela: – Pode levar a geleia para Mr. Pendleton como um presente seu. Mas que fique bem claro que eu não estou mandando nada. Não vá deixá-lo pensar que é coisa minha!

– Sim, obrigada, tia Polly! – exultou Pollyanna enquanto corria para a porta.

Capítulo XV

O Doutor Chilton

Na segunda visita que Pollyanna fez à casa de Mr. John Pendleton, tudo parecia ter mudado. As janelas estavam abertas, uma mulher de idade estendia as roupas no pátio de trás e a charrete do médico estava estacionada debaixo do pórtico. Como da primeira vez, Pollyanna entrou pela porta lateral. Desta vez, tocou a campainha, pois não tinha as chaves como da vez anterior.

Um cachorro, já seu conhecido, desceu os degraus para recebê-la com festas, mas demorou um pouco até que a mulher que estendia as roupas viesse abrir a porta.

– Por favor, eu trouxe um pouco de geleia para Mr. Pendleton – sorriu Pollyanna.

– Obrigada – disse a mulher, estendendo a mão para o pote que se encontrava na mão da menina. – Quem devo dizer que o mandou?

Nesse momento, o médico, que tinha entrado no hall de entrada, ouviu as palavras da mulher e notou o desapontamento no rosto de Pollyanna. Aproximou-se.

– Ah! Geleia de mocotó? Isso é muito bom, talvez queira ver o nosso doente?

– Sim, sim! – disse logo Pollyanna. E a mulher, a um sinal de cabeça do médico, abriu passagem com uma expressão de surpresa estampada no rosto. Atrás do médico, um enfermeiro “de uma cidade próxima” exclamou perturbado:

– Mas, Sr. Doutor, Mr. Pendleton não deu ordens para não deixar ninguém entrar?

– Sim – respondeu o médico, indiferente. – Mas agora eu estou dando outra ordem. Eu assumo a responsabilidade. Você não sabe que esta menina é melhor do que meia garrafa de remédio. Se há alguma coisa ou alguém que pode melhorar o humor de Mr. Pendleton, esta tarde, é ela. É por isso que eu a deixei entrar.

– Quem é ela?

Por breves momentos o médico vacilou.

– É a sobrinha de uma das nossas mais conhecidas conterrâneas. Chama-se Pollyanna Whittier. Ainda não conheço muito bem a menina, mas muitos dos meus doentes a conhecem, e são muito agradecidos a ela!

O enfermeiro sorriu.

– Ah, sim. E quais são os ingredientes especiais desse remédio milagroso?

O médico abanou a cabeça.

– Não sei. Só sei que parece tratar-se de uma grande satisfação e de contentamento com tudo o que acontece ou vai acontecer. Estou constantemente ouvindo falar sobre o que ela diz, e pelo que sei, “ficar contente” é um elemento constante. Só gostaria de poder receitá-la como se fosse um vidro de comprimidos. Se bem que, se houvessem muitas como ela no mundo, você e eu teríamos que arranjar outra maneira de ganhar a vida.

Enquanto isso, Pollyanna, de acordo com as instruções do médico, era conduzida ao quarto de John Pendleton. Ao passar pela grande biblioteca, Pollyanna viu que tinha havido grandes mudanças. As paredes forradas de estantes com livros e as cortinas escuras eram as mesmas, mas estava tudo limpo e arrumado, e não havia pó. A lista de telefones estava colocada no lugar certo e os latões de proteção da lareira tinham sido polidos. Uma das misteriosas portas estava aberta e foi através dela que a criada a conduziu. Pouco depois, Pollyanna encontrou-se num quarto suntuosamente mobiliado, enquanto a criada dizia com voz assustada:

– Com licença, senhor. Está aqui uma menina que lhe trouxe geleia O médico disse para ela entrar.

E Pollyanna ficou sozinha com o homem, de aparência muito antipática, deitado de costas na cama.

– Olhe aqui, eu não disse... – começou com uma voz furiosa antes de se virar. – Ah, é você! – interrompeu ele quando Pollyanna avançou em direção à cama.

– Sim, estou tão contente por terem me deixado entrar! No começo, a empregada queria ficar com a

geleia e fiquei com medo de não conseguir vê-lo. Mas depois o médico chegou e disse que eu podia entrar. Ainda bem que ele me deixou vir vê-lo.

No rosto do homem os lábios pareceram esboçar um sorriso, mas o que saiu dali foi um “Hum!”

– E eu trouxe esta geleia – prosseguiu Pollyanna. – É geleia de mocotó. Espero que goste.

– Acho que nunca comi. – O sorriso tinha desaparecido do rosto do homem.

Por breves instantes Pollyanna pareceu desapontada, mas logo se recompôs ao largar o pote de geleia sobre a mesinha de cabeceira.

– Nunca comeu? Se nunca provou, não pode saber se não gosta, não é? Assim, fico contente que não tenha provado. Se soubesse...

– Sim, sim, só uma coisa eu sei. Estou aqui deitado de costas e que posso ficar assim até o dia do Juízo Final.

Pollyanna olhou para ele chocada.

– Oh, não, não pode ser até o dia do Juízo Final, quando o anjo Gabriel tocar a sua trombeta, a menos que ele apareça antes do tempo. Claro que eu conheço a Bíblia e lá diz que ele pode chegar antes do que se espera, mas eu acho que não. Isto é, eu aceito o que diz a Bíblia, mas não acho que ele virá tão depressa e...

De repente John Pendleton riu muito alto. O enfermeiro que entrava naquele momento ouviu a risada e bateu em retirada. Parecia um cozinheiro que se assustou ao ver o perigo de uma corrente de ar liquidar com um bolo semicozido e que, por isto, fecha rapidamente a porta do forno.

– Não está confundindo um pouco as coisas? – perguntou John Pendleton a Pollyanna.

A menina riu.

– Talvez, mas o que eu quero dizer é que perna quebrada não leva muito tempo para curar, enquanto outras doenças, como a de Mrs. Snow, duram a vida toda. É por isso que não vai ficar assim até o dia do Juízo Final e acho que devia estar contente com isto.

– Ah, claro que estou contente – interrompeu o homem incisivamente regressando à sua amargura.

– E o senhor só quebrou uma perna. Também deve ficar contente que não foram as duas – continuou Pollyanna muito animada com seu jogo.

– Lógico! Muito contente – rosnou o homem olhando para a perna quebrada. Olhando por esse ponto de vista, eu acho que mais ainda por não ser uma centopeia, pois então poderia ter quebrado cinquenta.

Pollyanna achou muita graça na ideia.

– Oh, esta é muito melhor! – exclamou. – Eu sei o que é uma centopeia, ela é cheia de pernas. E o senhor também deve estar contente...

– Sim, sem dúvida – interrompeu o homem, desta vez com a voz áspera dos primeiros tempos. – Também posso ficar contente com o resto: o enfermeiro, o médico e aquela mulher desajeitada na cozinha!

– Claro que sim, pense como seria ruim se não os tivesse!

– Quê? – perguntou ele.

– O que eu digo é que seria muito pior se tivesse que ficar deitado sem ninguém para ajudar!

– Como se isso não fosse a base de tudo! — retorquiu o homem. — É por isso que eu estou aqui deitado! E você quer que eu me sinta contente porque uma mulher maluca desarruma a casa toda e diz que está arrumando, um homem que a ajuda e diz que é enfermeiro, para não falar no médico que arranjou tudo isto, todo mundo esperando que eu pague por tudo isto! E, ainda por cima, que pague bem!

Pollyanna fez uma expressão de simpatia.

– Sim, eu sei. Esta parte é muito desagradável, a questão do dinheiro. Quando todos sabem que o senhor passa o tempo todo economizando, não é?

– O quê?

– Poupando, comendo só feijão e bolo de peixe. Diga, o senhor gosta de feijões? Ou gosta mais de peru, e não come porque custa sessenta centavos o pedaço?

– Olhe aqui menina, do que você está falando?

Pollyanna sorriu radiante.

– Do dinheiro que o senhor economiza para mandar para os países pobres. Eu descobri e foi por isso que me convenci que o senhor não era mau por dentro. A Nancy me contou.

O queixo do homem quase caiu.

– A Nancy contou a você que eu economizo para os pobres. E quem é essa Nancy?

– A nossa Nancy. Ela trabalha para a tia Polly.

– Tia Polly? Quem é a tia Polly?

– É Miss Polly Harrington. Eu moro com ela.

O homem fez um movimento brusco.

– Miss Polly Harrington?! Você mora com ela?

– Sim, sou sobrinha dela. Ela tomou conta de mim porque a minha mãe morreu – prosseguiu Pollyanna, em voz mais baixa. – Ela era irmã da minha mãe e depois que papai foi para o céu com ela e os meus irmãos, não havia mais ninguém que tomasse conta de mim além das senhoras da Caridade. Por isso ela ficou comigo.

O homem não respondeu. O rosto dele estava tão pálido que Pollyanna ficou assustada. Levantou-se apreensiva.

– Acho que é melhor eu ir embora. Espero que goste da geleia

O homem virou a cabeça de repente e abriu os olhos. Pollyanna reparou que no fundo do seu olhar parecia existir uma curiosa expressão de saudade.

– Então você é a sobrinha de Miss Polly Harrington – disse ele docemente.

– Sim, senhor – os olhos do homem continuavam arregalados olhando-a, até que Pollyanna, sentindo-se inquieta, perguntou: – Suponho que o senhor a conhece, não?

Os lábios de John Pendleton formaram um estranho sorriso.

– Ah sim, eu a conheço – ele hesitou, mas depois continuou, ainda com aquele sorriso estranho. – Mas você quer dizer que foi Miss Polly Harrington quem me mandou esta geleia? – disse calmamente.

Pollyanna mostrou-se desconsolada.

– Não, senhor. Não foi ela. Ela disse que eu devia frisar bem isso para não pensar que tinha sido ela que havia mandado. Mas eu...

– Eu já sabia – condescendeu o homem, virando a cabeça para o outro lado. Pollyanna, ainda mais desconsolada, retirou-se do quarto.

No pórtico, encontrou o médico que estava esperando a charrete. O enfermeiro também estava lá.

– Então, Miss Pollyanna, pode me dar o prazer de levá-la para casa? – perguntou o médico, sorrindo. – Já estava indo embora quando me lembrei que podia esperá-la.

– Obrigada. Fico muito contente por ter me esperado. Adoro andar de charrete! – exclamou Pollyanna enquanto estendia a mão para subir.

– Fica contente? – sorriu o médico, acenando para o enfermeiro que se encontrava na escada. – Pelo que eu sei existem muitas coisas que a fazem ficar contente, não é?

Pollyanna riu alto.

– Não sei, acho que sim – admitiu ela. – Eu fico contente com quase tudo que seja “viver”. Claro que não gosto muito das outras coisas, como costurar, ler em voz alta e tudo mais. Isso não é viver.

– Não? Então o que é?

– A tia Polly diz que elas são “aprender a viver” – disse Pollyanna com um sorriso tranquilo. O médico sorriu com curiosidade.

– Ela diz isso? Bem, ela não poderia dizer outra coisa.

– Sim – respondeu Pollyanna, – mas não penso assim. Não penso que a gente tem de aprender a viver. Eu, pelo menos, não precisei.

O médico respirou fundo.

– Receio que alguns de nós tenham que aprender, minha menina.

Durante algum tempo ele se manteve em silêncio. Pollyanna, olhando-o com o rabo dos olhos, sentiu um pouco de pena dele. Parecia tão triste. Gostaria de fazer alguma coisa por ele. Talvez foi por causa disso que ela disse, numa voz tímida:

– Doutor Chilton, acho que ser médico é uma coisa que deixa a pessoa muito contente.

O médico voltou-se surpreso.

– Contente! Quando vejo tanto sofrimento por todos os lados!

– Eu sei, mas o senhor ajuda as pessoas e com certeza fica contente em poder ajudar! Por isso deve ser o mais feliz de todos!

Os olhos do médico encheram-se de lágrimas. A sua vida era muito solitária. Não tinha mulher nem lar, além de um consultório com duas salas numa pensão. Mas gostava muito da sua profissão. Olhando para os olhos brilhantes de Pollyanna, sentiu como se uma mão carinhosa tivesse pousado na sua cabeça, para abençoá-lo. Ele também sabia que nunca mais o cansaço de um longo dia de trabalho, ou de uma noite em claro, seria tão difícil de suportar depois desse novo conforto que tinha lhe chegado através dos olhos de Pollyanna.

– Deus te abençoe, menina – murmurou comovido. Depois, com o sorriso reconfortante que os seus pacientes conheciam e de que tanto gostavam, acrescentou: – Afinal acho que o médico, e também os doentes, estavam precisando desse remédio!

Pollyanna ficou um pouco confusa, até que um esquilo atravessou a estrada correndo e desviou a atenção dela.

O médico deixou Pollyanna na porta, dirigindo um sorriso a Nancy, que estava limpando a varanda. Depois, afastou-se rapidamente.

– Dei um ótimo passeio com o médico. Ele é muito simpático, Nancy!

– É?

– Sim. E eu disse que achava que a profissão dele devia ser a que deixava as pessoas mais contentes.

– O quê?! Ir ver gente doente e pessoas que não estão doentes, mas pensam que estão? Não há nada pior – argumentou Nancy com ceticismo.

Pollyanna riu alegremente.

– Sim, foi isto que ele disse, mas mesmo assim há um jeito de ficar contente com isso. Adivinhe!

Nancy franziu a testa, pensativa. Ela estava ficando perita neste jogo de “ficar contente”. Além disso, estava gostando muito de estudar os problemas que a menina apresentava.

– Já sei! – gritou em seguida. – É justamente o oposto daquilo que você disse a Mrs. Snow.

– O oposto? – repetiu Pollyanna, confundida.

– Sim, disse a ela que devia ficar contente porque as outras pessoas não eram como ela e que não estavam doentes.

– Sim – respondeu Pollyanna. – E então?

– Pois bem, o médico pode ficar contente porque não está doente como os outros, como os doentes que ele trata – concluiu Nancy triunfante.

Agora foi Pollyanna quem ficou pensativa.

– Sim – admitiu ela, – claro que essa é uma maneira, mas não foi isso que eu disse e acho que não gosto muito dessa maneira. É quase como se ele dissesse que ficava contente porque os outros estão doentes. Às vezes, você joga o jogo de uma maneira muito engraçada, Nancy – disse ela enquanto se dirigia para dentro.

Pollyanna encontrou a tia na sala.

– Quem era aquele homem que a trouxe? – perguntou a senhora um pouco bruscamente.

– Foi o doutor Chilton! Não o conhece?

– O doutor Chilton! O que ele fazia aqui?

– Ele me trouxe para casa. Eu dei a geleia a Mr. Pendleton e...

Miss Polly levantou a cabeça bruscamente.

– Pollyanna, ele não achou que fui eu que a enviei?

– Não, tia Polly, eu disse que não tinha sido. – Miss Polly corou.

– Disse que eu não mandei a geleia?

Pollyanna arregalou os olhos com o tom repreensivo na voz da sua tia.

– Por que, tia Polly? A senhora disse isso!

A tia Polly suspirou.

– O que eu disse, Pollyanna, foi que eu não mandei nada e que você devia ter certeza de que ele não pensasse que eu tinha mandado! O que é muito diferente de dizer que não era eu que mandava! – e retirou-se da sala, contrariada.

– Ah, meu Deus! Não vejo onde está a diferença – suspirou Pollyanna enquanto pendurava o chapéu no cabide, no lugar exato que Miss Polly havia determinado.

Capítulo XVI

O xale de renda e uma rosa vermelha

Num dia chuvoso, cerca de uma semana depois da visita de Pollyanna a Mr. Pendleton, Miss Polly foi a uma reunião do comitê das senhoras da Caridade. Quando regressou, às três da tarde, vinha corada e com várias mechas de cabelo soltas pelo vento.

Pollyanna nunca tinha visto a tia assim.

– Oh, tia Polly também tem! – gritava ela dançando irrequieta em redor da tia, quando ela entrou na sala.

– Tem o quê, menina impossível?

Pollyanna continuava a dançar em volta dela.

– E eu que não sabia! Como pode uma pessoa ter uma coisa sem que os outros percebam? Acha que eu também poderia? – gritava ela, puxando com os dedos os cabelos para cima da orelha. – Mas eles não seriam pretos, se eu os tiver.

– Pollyanna, o que significa isto? – perguntou a tia Polly tirando o chapéu e procurando endireitar o cabelo.

– Não, por favor, tia Polly! – pediu Pollyanna num tom apelativo. – Não os endireite! É deles que eu estou falando, desses lindos cachos pretos. Oh, tia Polly, são tão lindos!

– Bobagem! E que ideia foi aquela de aparecer na reunião das senhoras da Caridade no outro dia, para falar sobre aquele menino pedinte?

– Mas não é bobagem, não – exclamou Pollyanna, respondendo somente a primeira parte dos comentários da sua tia. – A senhora não imagina como fica bem com o cabelo assim! Oh, tia Polly, por favor, posso penteá-la como penteei a Mrs. Snow e colocar uma flor? Eu gostaria muito de ver a senhora enfeitada assim! Ficaria muito mais bonita do que ela!

– Pollyanna! – disse a tia Polly muito duramente, e ainda mais porque as palavras de Pollyanna tinham despertado nela uma estranha onda de alegria. Há quanto tempo ninguém se preocupava com ela ou como ficava o seu cabelo? E há quanto tempo ninguém lhe dizia que gostaria que ela ficasse bonita? – Pollyanna, você não respondeu! Por que foi falar com as senhoras da Caridade?

– Sim, eu sei, mas por favor. Eu não sabia que era bobagem, até descobrir que elas preferiam ver o nome delas em primeiro lugar numa lista do que ajudar o Jimmy. E por isso eu escrevi para as minhas senhoras da Caridade, porque o Jimmy está muito longe delas e pensei que ele podia ser para elas o menino da Índia delas, tal como... Tia Polly, eu fui para a senhora a sua menina da Índia? Tia Polly, me deixa pentear o seu cabelo, deixa?

A Tia Polly levou a mão à garganta; sentia de novo aquela sensação estranha.

– Mas Pollyanna, fiquei tão envergonhada quando as senhoras me contaram esta tarde que você tinha ido falar com elas! Eu...

Pollyanna começou a saltitar.

– Ainda não me disse que eu não posso penteá-la – gritou ela triunfalmente, – e quando não diz não, eu sei que é sim, como no dia da geleia para Mr. Pendleton, que a senhora não mandou, mas queria que eu não dissesse que não mandou. Espere aí. Vou buscar um pente.

– Mas, Pollyanna, Pollyanna – protestou Miss Polly, seguindo a menina e subindo as escadas atrás dela.

– Ah, subiu também? Assim fica melhor! Já tenho o pente. Agora faça o favor, sente-se aqui. Ah, estou tão contente por me deixar penteá-la!

– Mas Pollyanna, eu...

Miss Polly não conseguiu concluir a frase. Para sua surpresa, encontrou-se sentada no banco diante do espelho com o cabelo sobre os ombros, desmanchado por dez dedinhos muito ágeis.

– Mas que lindo cabelo que a senhora tem, e também muito mais abundante do que o da Mrs. Snow!

Mas claro, a senhora precisa mais, porque está bem de saúde e vai mais a lugares onde as pessoas podem enxergar seus cabelos. Tenho certeza que as pessoas ficarão surpresas ao ver tanto cabelo e tão comprido, escondidos há tanto tempo. Oh, tia Polly, vou deixá-la tão bonita que todos vão adorar olhar para a senhora!

– Pollyanna! – disse a tia um tanto chocada, com o rosto escondido dentro de uma cortina de cabelos caídos. – Nem sei porque estou te deixando fazer estas bobagens.

– Por que, tia Polly? Eu acho que a senhora vai ficar contente ao ver todo mundo olhá-la e achando bonito! Não gosta de olhar para as coisas bonitas? Eu sempre fico muito mais contente quando olho para as pessoas bonitas, porque quando olho para as outras tenho muita pena delas.

– Mas – mas...

– Eu adoro pentear as pessoas! Eu penteei muitas senhoras da Caridade, mas nenhuma delas tinha o cabelo tão bonito como o seu. O de Mrs. White era bem bonito, e ela ficou dez anos mais moça no dia que eu arrumei o cabelo dela. Oh, tia Polly, tive uma ideia, mas é segredo e não posso dizer. O seu penteado está quase pronto e eu tenho que sair por um minuto. Mas a senhora tem que me prometer que não vai espiar até eu voltar. Não se esqueça! — concluiu ela enquanto saía do quarto.

Miss Polly não disse nada em voz alta, mas pensou que era melhor desfazer imediatamente aquele absurdo trabalho dos dedos da sua sobrinha e arrumar o cabelo como sempre. Quanto a dar uma espiada...

Nesse momento, Miss Polly se olhou no espelho. Aquilo que viu a fez corar e quanto mais olhava mais corava. Viu um rosto que não era jovem, é verdade, mas que se iluminava de excitação e surpresa. O rosto estava bonito e rosado. Os olhos cintilavam. O cabelo preto, e ainda úmido, caía em ondas soltas sobre a testa num penteado que ficava muito bem, com pequenos cachos aqui e ali.

Estava tão absorvida e surpreendida com o que via ao espelho que se esqueceu da sua determinação de desmanchar o cabelo, até que ouviu Pollyanna entrar de novo no quarto. Antes de poder se mexer sentiu uma coisa sobre os olhos e que era atada na nuca.

– Pollyanna, o que está fazendo?

Pollyanna riu-se.

– É isso mesmo que eu não quero que saiba, tia Polly, e tinha medo que mexesse, por isso amarrei um lenço. Agora fique quieta. Não se mexa. Só falta um minuto para poder ver.

– Mas, Pollyanna – disse Miss Polly, endireitando-se sem ver nada. – Tenho que tirar isto, o que está fazendo? – protestou ela ao sentir uma coisa macia sobre os ombros.

Pollyanna riu ainda mais. Com dedos irrequietos ela cobria os ombros da tia com um lindo xale, amarelado por ter estado guardado muitos anos. Pollyanna tinha encontrado o xale uma semana antes, quando Nancy arrumava o sótão e tinha se lembrado de que poderia pentear a tia tal como fizera com as senhoras da Caridade.

Concluída a sua tarefa, Pollyanna apreciou o seu trabalho com um olhar aprovador, mas viu que ainda faltava uma coisa. Prontamente, conduziu sua tia para o solário onde uma linda rosa vermelha havia florido na grade, ao alcance da sua mão.

– Pollyanna, o que está fazendo? Para onde estamos indo? – disse a tia Polly, procurando vagamente resistir. – Pollyanna não quero...

– Estamos no solário. É só um minuto! Já está quase pronta – acrescentou Pollyanna, pegando a rosa e colocando-a no cabelo por cima da orelha esquerda de Miss Polly. – Pronto! – exultou ela desamarrando o lenço e retirando-o. – Oh, tia Polly, agora tenho certeza de que a senhora vai ficar contente por ter me deixado penteá-la!

Por um momento, Miss Polly, um pouco confusa, olhou em redor e dando um grito correu para o seu quarto. Pollyanna olhou na mesma direção que a tia e viu, através das janelas abertas do solário, um cavalo e uma charrete que se aproximavam. Reconheceu imediatamente o homem que segurava as rédeas. Encantada, debruçou-se na janela.

– Doutor Chilton, doutor Chilton! O senhor veio me ver? Estou aqui.

– Vim, sim – sorriu o médico, um pouco sério. – Pode descer, por favor?

A menina se virou para descer, e ao atravessar o quarto de Miss Polly, encontrou a tia muito corada e zangada, tirando os alfinetes que seguravam o xale.

– Pollyanna, por que fez isto? – resmungou a tia. – Imagina, me preparar desta maneira e depois deixar que me vejam!

– Mas estava tão linda, tia Polly...

– Linda! – troçou a senhora, pondo o xale de lado e desfazendo o cabelo com os dedos trêmulos.

– Oh, tia Polly, por favor, não desmanche o cabelo! Deixe assim!

– Deixar assim? Como se eu pudesse! – E Miss Polly começou a arrumar os seus cabelos como de costume, puxados para trás.

– Estava tão bonita – disse Pollyanna, quase soluçando enquanto saía do quarto.

Embaixo Pollyanna encontrou o médico que esperava na sua charrete.

– Eu a receitei para um doente e ele me pediu para vir buscar o remédio – anunciou o médico. – Queres ir comigo?

– Quer que eu vá comprar algum remédio na farmácia? – perguntou Pollyanna, na dúvida. – Eu costumava ir quando as senhoras da Caridade me pediam.

O médico abanou a cabeça com um sorriso.

– Não é bem isso. É Mr. John Pendleton. Ele gostaria muito de vê-la hoje, se puder. Já parou de chover e posso levá-la. Você vem? Trago você de volta antes das seis.

– Gostaria muito! – exclamou Pollyanna. Deixa eu pedir para tia Polly.

Depois de um tempo, ela voltou, com o chapéu na mão, mas com uma expressão muito triste.

– A sua tia não queria deixar você ir? – perguntou o médico enquanto se afastavam.

– Não, ela queria muito que eu fosse embora. Estou com medo.

– Queria muito que fosse embora?

Pollyanna suspirou outra vez.

– Sim, acho que ela não me queria lá. Ela disse: “Sim, vai, vai depressa! Era melhor se já tivesse ido há mais tempo.”

O médico sorriu, mas só com os lábios. Seus olhos estavam graves. Calou-se por um tempo, depois, um pouco hesitante, perguntou.

– Não foi a sua tia que eu vi, há pouco, na janela do solário?

Pollyanna respirou fundo.

– Sim, foi esse o problema, eu acho. O senhor a viu penteada, com um lindo xale que encontrei lá em cima e com uma rosa no cabelo. Estava muito bonita. Não achou?

O médico não respondeu logo. Quando falou, a voz era tão baixa que Pollyanna mal podia ouvir as palavras.

– Sim, Pollyanna, ela estava linda!

– Achou? Estou tão contente! Vou contar para ela.

Para surpresa dela, o médico logo exclamou:

– Nunca! Pollyanna, peço que nunca lhe diga nada, ouviu?

– Mas por quê, doutor Chilton? Por que não? Acho que ela ficaria contente.

– Mas pode não ficar – interrompeu o médico.

Pollyanna refletiu sobre isso por um momento.

– Quem sabe? Talvez ela não fique – suspirou. – Agora me lembro, ela correu ao perceber que era o senhor. E depois se queixou que a tinham visto daquele jeito.

– Eu também acho isso – disse o médico suspirando.

– Mas continuo a não entender o porquê – insistia Pollyanna. – Ela estava tão bonita.

O médico não disse nada. Ele não falou de novo até estarem quase chegando no grande casarão de pedra onde John Pendleton se encontrava com a perna quebrada.

Capítulo XVII

Como um livro

Nesse dia John Pendleton cumprimentou Pollyanna com um sorriso.

– Muito bem, Miss Pollyanna. Tenho pensado que você deve ser uma menina muito bondosa para ter vindo me ver hoje outra vez.

– Por que, Mr. Pendleton? Eu estou muito contente por ter vindo e também não vejo porque não deveria estar.

– É que fui muito rabugento no outro dia, quando você me trouxe com tanto carinho aquela geleia, como também no dia em que me encontrou com a perna quebrada. A propósito, acho que nunca lhe agradeci pelo que fez por mim. Agora tenho certeza de que você é uma pessoa muito generosa por ter vindo me ver depois de eu ter tratado você com tanta ingratidão!

Pollyanna ficou comovida.

– Mas fui eu que fiquei muito contente por tê-lo encontrado, quero dizer, não por ter quebrado a perna, claro! – corrigiu ela, apressadamente.

John Pendleton sorriu.

– Eu compreendo. A sua língua de vez em quando escapa, não é, Miss Pollyanna? Entretanto, fico muito agradecido e acho que foi muito heroico da sua parte tudo o que fez por mim. Agradeço também a geleia – acrescentou ele com uma voz mais clara.

– Gostou da geleia? – perguntou Pollyanna interessada.

– Gostei muito. Eu suponho que não tem mais dessa geleia que Miss Polly não me enviou, não é? – perguntou ele, com um sorriso estranho.

A menina fez um ar desconsolado.

– Não, senhor. – Ela hesitou, mas depois prosseguiu com mais calor: – Por favor, Mr. Pendleton, no outro dia eu não tive a intenção de ser rude quando disse que a tia Polly não tinha lhe enviado a geleia.

Não houve resposta. John Pendleton deixara de sorrir. Olhava para frente com olhos que pareciam não enxergar nada do estava na sua frente. Passado um tempo, deu um grande suspiro e voltou-se para Pollyanna. Quando voltou a falar a voz transmitia aquela irritação habitual.

– Bem, bem. Não mandei chamá-la para me lamentar. Ouça! Lá na biblioteca, naquela sala grande onde está o telefone, que você já conhece, existe uma caixa na prateleira debaixo do armário com portas de vidro, no canto perto da lareira. Deve estar lá, se aquela mulher atrapalhada não fez uma “arrumação”! Pode trazê-la. É pesada, mas acho que dá para carregá-la.

– Ah, eu sou muito forte – declarou Pollyanna, alegremente, enquanto se colocava de pé. Num minuto voltou com a caixa. Pollyanna passou, então, uma meia hora maravilhosa. A caixa estava cheia de tesouros, curiosidades que John Pendleton havia juntado ao longo de vários anos de viagem e em relação a cada uma delas havia uma história engraçada, fosse sobre a peça de xadrez talhada em marfim trazida da China ou um pequeno ídolo de jade da Índia. Foi depois de ouvir a história sobre o ídolo que Pollyanna murmurou tristemente:

– Eu acho que seria muito melhor cuidar de um menino da Índia, um que não sabe nada além de achar que Deus está num ídolo desses, do que cuidar de Jimmy Bean, um menino que sabe que Deus está no céu. Mas apesar disso, não posso deixar de pensar que seria muito melhor se elas tivessem ficado com o Jimmy, junto com os meninos da Índia.

John Pendleton parecia não ouvir. Os seus olhos estavam de novo fixos sem ver nada. Mas logo se recompôs e pegou outro objeto para contar a sua história.

A visita, certamente, estava sendo muito agradável, mas antes que Pollyanna tivesse percebido, já estavam falando de outras coisas além das curiosidades existentes naquela caixa. Estavam falando dela própria, de Nancy, da tia Polly e da sua vida cotidiana. Conversaram também sobre a vida de Pollyanna quando morava no longínquo oeste.

Quando a menina estava quase indo embora o homem disse, numa voz que Pollyanna nunca tinha ouvido antes:

– Minha menina, quero que venhas me ver sempre. Eu sou muito solitário e preciso de você. E ainda existe outra razão que vou lhe dizer. Inicialmente, no outro dia, depois de saber quem você era, não queria mais vê-la. Você me recorda uma coisa que há muitos anos venho tentando esquecer. Assim, disse a mim mesmo que não queria voltar a vê-la e sempre que o médico perguntava se eu não queria que a trouxesse outra vez, eu respondia que não. Mas, passado um tempo, descobri que não vê-la me fazia recordar ainda mais aquilo que eu queria esquecer. Por isso, agora quero que venha sempre. Você faz isso, minha menina?

– Claro que sim, Mr. Pendleton – disse Pollyanna com os olhos radiantes de simpatia pela tristeza do homem que estava deitado na sua frente. – Eu gosto muito de vir até aqui!

– Muito obrigado – disse John Pendleton amavelmente.

Depois do jantar desta noite, Pollyanna sentada na cozinha, contou para Nancy tudo sobre a caixa maravilhosa de Mr. John Pendleton e das curiosidades que ela continha.

– Imagine só, mostrar todas essas coisas e contar tantas histórias, logo ele que costuma ser tão antipático e que nunca fala com ninguém!

– Mas ele não é antipático, Nancy, é só por fora que ele é. Não sei porque todo mundo acha que ele é mau. Se o conhecessem não pensariam isso. Mas nem a tia Polly gosta muito dele. Ela não queria mandar a geleia porque tinha medo que ele pensasse que tinha sido ela que mandou!

– Ela provavelmente deve ter as suas razões para isso. Mas o que me surpreende é como ele a aceitou, isto é, sem lhe ofender, é claro, mas ele não é do tipo de homem que costuma conversar com crianças.

Pollyanna sorriu contente.

– Pois comigo ele conversa, Nancy, mas acho que não é sempre assim. Hoje ele me confessou que da outra vez não queria me ver mais porque eu lhe lembrava uma coisa que ele queria esquecer. Mas depois...

– O quê? – interrompeu Nancy excitada. – Ele disse que você o fazia recordar uma coisa que queria esquecer?

– Sim. Mas depois...

– E o que era isso? – insistiu Nancy, ansiosa.

– Ele não me contou. Só disse que era uma coisa.

– Que mistério! – exclamou Nancy, numa voz estranha. – Deve ter sido por isso que ele simpatizou com você. Oh, Miss Pollyanna! Isso é como um livro. Eu já li muitos livros. “O segredo de Lady Maud”, “O herdeiro desaparecido” e o “Oculto durante anos”, todos cheios de mistérios como este. Meu Deus! Imagine só ter um livro vivo debaixo do seu nariz e não saber o que é! Conte tudo. Deve haver uma amada! Não me admira que ele tenha simpatizado com você, não me admira nada!

– Mas não foi assim. Ele nem sabia quem eu era, até o dia em que levei a geleia de mocotó e tive que explicar que não tinha sido a tia Polly que tinha mandado e...

De repente Nancy deu um pulo e bateu palmas.

– Ah, Miss Pollyanna, eu sei, eu sei! – exultou ela, radiante. E, voltando a sentar ao lado da menina, disse: – Diga, me responda com franqueza – pediu ela, empolgada. – Não foi depois de saber que você era sobrinha de Miss Polly que ele disse que não queria lhe ver mais?

– Sim, eu contei da última vez que o vi e foi só hoje que ele me disse isso.

– Isso mesmo! – disse Nancy, triunfante. – E Miss Polly não disse porque ela não mandava a geleia, não foi?

– Foi.

– E você lhe disse isso?

– Sim, eu...

– E ele começou a agir de modo estranho e ficou comovido depois que descobriu que você era sobrinha dela, não foi?

– É, sim, ele começou a se comportar de um modo bem estranho depois da geleia – admitiu Pollyanna, pensativa.

Nancy deu um grande suspiro.

– Então tenho certeza que já sei de tudo! Agora ouça isto: Mr. John Pendleton foi o namorado de Miss Polly Harrington! – anunciou, solenemente, enquanto olhava receosa por cima do ombro.

– Não pode ser, Nancy! Ela não gosta dele – objetou Pollyanna.

– Claro que não! Esta é a questão!

Pollyanna continuava a olhar incrédula e Nancy, depois de respirar fundo outra vez, se preparou para contar toda a história.

– É assim. Antes de você chegar, Mr. Tom me contou que, uma vez, Miss Polly tinha tido um namorado. Eu não acreditei. Era impossível, ela com um namorado! Mas Mr. Tom me disse que sim e que ele vivia nesta cidade. E agora já sei; claro que tem que ser Mr. John Pendleton! Ele não tem um mistério na vida? Não se fechou sozinho naquele casarão sem falar com ninguém? Não agiu de modo estranho quando descobriu que você era sobrinha de Miss Polly? E agora não confessou que você lhe lembrava algo que queria esquecer? É claro que é por causa de Miss Polly! Além disso, há o fato dela dizer que nunca lhe mandaria geleia. Está claro como o dia, não acha Miss Pollyanna?

– Oh! – exclamou Pollyanna, perfeitamente surpreendida. – Mas Nancy, se eles se amassem já teriam feito as pazes há bastante tempo, mas os dois estão sozinhos todos estes anos. Eu acho que eles ficariam contentes em fazer as pazes!

Nancy olhou desdenhosamente.

– Acho que a menina não sabe muito sobre namorados. Ainda é muito pequena. Mas se existe alguém no mundo que não faria muito uso do seu jogo do contente, são os namorados zangados. Vivem brigando, tristes ou emburrados como ela... – Nancy parou bruscamente, lembrando-se a tempo sobre quem estava falando. – Está aí um serviço lindo se conseguisse juntá-los de novo. Mas seria um espanto, Miss Pollyanna, pois eu acho que não há muitas chances!

Pollyanna não respondeu, mas quando entrou em casa, pouco depois, trazia uma expressão muito pensativa.

Capítulo XVIII

Os prismas

Depois que os dias quentes de agosto passaram, Pollyanna começou a ir com mais frequência ao casarão da colina de Pendleton. Contudo, ela achava que suas visitas não estavam tendo o sucesso esperado. Não que o homem desse mostras de que não a queria ali. Antes pelo contrário, muitas vezes ele a chamava. Mas quando ela estava lá ele não parecia ficar mais contente com a presença dela. Pelo menos, era isso que Pollyanna pensava.

Ele conversava com ela, é verdade, e mostrava muitas coisas bonitas e interessantes: livros, gravuras e outros objetos curiosos. Mas continuava a lamentar-se sobre o seu desamparo e a protestar contra as regras e as arrumações impostas pelos empregados indesejados. Parecia realmente gostar de ouvir Pollyanna falar e, assim, ela falava muito. Pollyanna gostava muito de falar, mas nunca sabia se, no momento seguinte, não ia, encontrá-lo com aquele olhar de sofrimento no rosto que sempre a atormentava. E nunca sabia ao certo se essa expressão provinha do que ela havia dito.

Quanto a ensiná-lo a jogar o jogo do contente, Pollyanna nunca viu uma oportunidade, nem mesmo quando pensava que ele estava lhe dando atenção. Tentou, por duas vezes, ensiná-lo, mas não conseguiu passar do princípio, das coisas que o pai dela costumava dizer. Nas duas vezes, John Pendleton mudou bruscamente o rumo da conversa.

Pollyanna já não tinha dúvidas de que John Pendleton havia sido namorado de sua tia Polly e, com todas as forças do seu coração, desejava um dia poder trazer felicidade àquelas duas vidas miseravelmente solitárias.

Ela não sabia como poderia conseguir isso. Conversava com Mr. Pendleton sobre a tia e ele escutava, por vezes educadamente, por vezes irritado, mas frequentemente com um sorriso estranho nos lábios habitualmente sisudos. Ela falava à tia sobre Mr. Pendleton, ou melhor, tentava falar sobre ele, porque Miss Polly normalmente não a escutava muito. Quase sempre encontrava um motivo para mudar de assunto. No entanto, ela também fazia isso frequentemente quando Pollyanna falava de outras pessoas, como, por exemplo, do doutor Chilton. Pollyanna atribuía isto ao fato do doutor Chilton tê-la visto no solário com a rosa no cabelo e o xale nos ombros. Realmente, a tia parecia particularmente amargurada com o doutor Chilton, como Pollyanna veio a descobrir no dia em que ficou de cama com uma grande gripe.

– Se não melhorar durante a noite mando chamar o médico – disse tia Polly.

– Manda? Então vou fazer força para ficar pior, pois gostaria muito que o doutor Chilton viesse me ver!

Pollyanna ficou surpresa com a expressão no rosto da tia.

– Não será o doutor Chilton, Pollyanna – disse Miss Polly, gravemente. – O doutor Chilton não é o médico da nossa família. Se piorar, mando chamar o doutor Warren.

Pollyanna não piorou e por isso não foi necessário chamar o doutor Warren. Nessa noite, ela disse à tia:

– Gosto muito do doutor Warren, mas prefiro o doutor Chilton e acho que ele ficaria magoado se não o chamasse. Afinal ele não tem culpa de tê-la visto quando a penteei no outro dia, tia Polly – concluiu ela, tristonha.

– Chega, Pollyanna! Eu realmente não quero discutir o doutor Chilton, nem os seus sentimentos – respondeu Miss Polly rispidamente.

Pollyanna olhou para ela com um olhar triste, depois deu um grande suspiro.

— Gosto muito de vê-la com as faces coradas como agora, tia Polly, mas também gostaria muito de arrumar o seu cabelo se... por que é que não deixa, tia Polly? — mas a tia já tinha ido embora.

Foi num dia de manhã, no final de agosto, quando Pollyanna visitava John Pendleton, que ela descobriu o reflexo de um arco-íris no travesseiro dele e ficou encantada.

– Olhe, Mr. Pendleton é um arco-íris bebê, um arco-íris de verdade! Veio visitá-lo! – exclamou ela batendo palmas. – Mas como ele é bonito! Como terá entrado?

O homem riu com pouca vontade. John Pendleton não estava muito bem disposto naquela manhã.

– Eu acho que deve ter entrado pelo vidro do termômetro que está na janela – disse, com ar cansado. – O sol bate nele durante toda manhã.

– Mas é tão bonito, Mr. Pendleton! É o sol que faz isso? Se o termômetro fosse meu, eu o deixava pendurado no sol o dia inteiro.

– Pobre termômetro! – disse o homem, rindo. – E como saberíamos a temperatura se o termômetro ficasse pendurado no sol o dia todo?

– Eu não me importaria – respondeu Pollyanna, fascinada com as lindas cores do arco-íris sobre o travesseiro. – Como se as pessoas se importassem se pudessem viver o tempo todo num arco-íris!

O homem riu. Observava com curiosidade o rosto embevecido de Pollyanna. De repente lhe ocorreu um novo pensamento e tocou a campainha.

– Nora – chamou ele, quando a empregada apareceu à porta, – traga-me um daqueles candelabros que estão em cima da lareira, na sala da frente.

– Sim, senhor – murmurou a mulher, um pouco surpreendida. Logo estava de volta. Um tinir musical invadiu o quarto enquanto ela se dirigia para a cama. Vinha dos prismas suspensos no candelabro antigo que ela segurava.

– Obrigado. Pode deixá-lo aqui. Agora arranje um fio e prenda-o no varão das cortinas, naquela janela. Abra as cortinas e passe o fio de um lado a outro da janela. É tudo, obrigado – disse ele, depois dela ter seguido as suas instruções.

Quando a empregada deixou o quarto ele olhou sorridente para Pollyanna, que estava admirada.

– Agora, por favor, me traga o candelabro, Pollyanna.

Segurando-o com ambas as mãos, ela o trouxe até a cama com cuidado. Ele começou, então, a retirar os prismas um a um, até que na cama, lado a lado, encontravam-se doze prismas.

– Agora minha querida, leve-os até lá e pendure-os naquele fio da janela. Se você realmente quer viver num arco-íris, vamos fazer um onde possa viver!

Pollyanna ainda não tinha pendurado nem três dos prismas na janela banhada pelo sol e já via uma amostra do que ia acontecer. Estava tão entusiasmada que mal controlava os dedos trêmulos, inclusive tendo dificuldade para pendurar os restantes. Quando concluiu a tarefa, deu um passo para trás e gritou, encantada.

Aquele quarto suntuoso e sombrio tinha se transformado num conto de fadas. Por todo o lado viam-se reflexos dançantes vermelhos e verdes, violeta e laranja, amarelos e azuis. As paredes, o chão, a mobília, até a cama, estavam iluminados com aqueles bonitos pedacinhos de cor.

– Oh, que lindo! Até parece que o próprio sol está querendo jogar o jogo, não acha? – disse ela, esquecendo-se que Mr. Pendleton não podia saber do que é que ela estava falando. – Quem me dera ter muitos iguais a eles! Gostaria muito de poder dá-los à tia Polly, a Mrs. Snow e a muitas outras pessoas. Iriam ficar muito contentes! Se a tia Polly vivesse num arco-íris como este, acho que ela ficaria tão contente que não conseguiria evitar de bater as portas. Não acha?

Mr. Pendleton riu.

– Bom, do que me lembro da sua tia, suponho que seria preciso mais do que uns prismas no sol para que a alegria dela a fizesse bater as portas. Mas, me diga, que jogo é esse?

Pollyanna hesitou. Depois respirou fundo e disse:

– Ah, me esqueci. O senhor não conhece o jogo.

– E porque você não me conta como é?

Foi desta vez que Pollyanna conseguiu. Contou tudo desde o princípio, desde as muletas que vieram no lugar da boneca. E, enquanto falava, não olhava para ele. Os olhos extasiados continuavam fixos nas cores dos prismas balançando ao sol.

– E é tudo. Agora já sabe porque eu disse que o sol estava tentando jogar esse jogo.

Durante alguns segundos, fez-se silêncio. Depois ouviu-se uma voz baixa vinda da cama:

– Talvez, mas ainda acho que o mais belo dos prismas é você, Pollyanna.

– Mas eu não consigo refletir essas cores lindas quando o sol bate em mim, Mr. Pendleton!

– Não consegue? — sorriu o homem. E Pollyanna, observando o rosto dele, viu, admirada, que ele tinha os olhos marejados de lágrimas.

– Não – disse ela. Passado um minuto, acrescentou, cabisbaixa: – Receio que o sol em mim só faça sardas. A tia Polly diz que é o sol que as faz!

O homem riu um pouco. Pollyanna olhou outra vez para ele, pois o riso tinha soado quase como um soluço.

Capítulo XIX

Uma surpresa

Pollyanna foi para a escola em setembro. Os exames preliminares revelaram que ela estava bastante avançada e assim entrou para uma classe de meninas e meninos da mesma idade dela.

Em certos aspectos, a escola foi uma surpresa para Pollyanna e, também, em muitos aspectos Pollyanna foi uma surpresa para a escola. Em breve, a relação com a escola tornou-se muito boa. Ela confessou à tia que, afinal, ir à escola era também viver, embora duvidasse disso antes.

Apesar do entusiasmo pelas suas novas ocupações, Pollyanna não esqueceu os velhos amigos. Agora ela não podia dedicar muito tempo a eles, mas os visitava quando era possível. De todos eles, John Pendleton era o mais insatisfeito. Num sábado à tarde ele lhe falou isso.

– Olha, Pollyanna, você não gostaria de vir viver comigo? – perguntou ele, um pouco impaciente. – Agora, quase não te vejo.

Pollyanna riu. Achava Mr. Pendleton muito engraçado.

– Pensei que não gostava de ter gente por perto – disse ela.

Ele fez uma careta.

– Mas isso foi antes de você me ensinar aquele seu jogo. Agora estou contente por ter quebrado a perna! Não me importo mais, pois em breve estarei bom e aí vamos ver quem caminha mais – concluiu ele, segurando uma das muletas e sacudindo-a divertidamente na direção da menina.

Ficaram o dia todo sentados na grande biblioteca.

– Mas o senhor não está contente de verdade de todas essas coisas, apenas diz que está. O senhor não está jogando o jogo como deve ser!

O homem ficou muito sério.

– É por isso que eu quero que você venha me ajudar a jogá-lo. Quer vir morar comigo?

Pollyanna virou-se surpreendida.

– Mr. Pendleton, o senhor não está falando sério, está?

– Estou sim. Quero que venha. Vem?

Pollyanna olhou desconsolada.

– Não posso, Mr. Pendleton, sabe que eu não posso. Sou da tia Polly!

Uma expressão esquisita que Pollyanna não percebeu bem atravessou-lhe o rosto. Ergueu a cabeça, irado.

– Não é mais dela do que... Talvez ela deixasse você vir viver comigo – concluiu ele, com mais delicadeza. – Você viria se ela deixasse?

Pollyanna ficou pensativa.

– Mas a tia Polly tem sido tão boa para mim, tomou conta de mim quando eu não tinha ninguém a não ser as senhoras da Caridade e...

De novo uma espécie de espasmo atravessou o rosto do homem; mas, desta vez, quando ele falou, a voz era baixa e triste.

– Pollyanna, há muitos anos, eu amei muito uma pessoa. Tinha esperanças de trazê-la para esta casa e imaginava como seríamos felizes juntos no nosso lar, para toda a vida.

– Sim – respondeu Pollyanna, com os olhos brilhando de simpatia.

– Mas não consegui. Não interessa porque, mas não consegui. E, desde então, este grande amontoado de pedras tem sido uma casa, mas nunca um lar. É preciso a mão e o coração de uma mulher ou a presença de uma criança para fazer um lar, Pollyanna, e eu não tenho nenhuma delas. Quer vir para cá, minha querida?

Pollyanna pôs-se de pé. O seu rosto iluminou-se.

– Mr. Pendleton, quer dizer que gostaria de ter tido a mão e o coração dessa mulher durante todo este tempo?

– Sim, Pollyanna. Por que?

– Oh! Estou tão contente! Então é verdade! Então pode ficar com as duas e tudo vai ficar bem.

– Ficar com as duas? – repetiu o homem, espantado.

Uma ligeira dúvida atravessou a expressão de Pollyanna.

– Sim claro, a tia Polly ainda não está convencida, mas eu estou. Acho que ela ficará se você falar com ela como falou comigo e então nós podíamos vir as duas.

Os olhos do homem deixaram transparecer uma expressão de horror.

– A sua tia Polly, aqui?!

Os olhos de Pollyanna abriram-se um pouco.

– Prefere então ir para lá? – perguntou ela. – Claro que a casa não é tão bonita, mas é mais perto...

– Pollyanna, do que é que você está falando? – perguntou o homem, mais calmo agora.

– De onde iremos morar – respondeu Pollyanna, com natural surpresa. – A princípio, pensei que queria que fosse aqui. Disse que era aqui que tinha querido ter a mão e o coração da tia Polly durante todos estes anos para fazer um lar e...

O homem abafou um grito na garganta. Levantou a mão e começou a falar, mas logo a seguir deixou-a cair.

– É o médico, senhor – disse a criada aparecendo na porta.

Pollyanna levantou-se logo. John Pendleton virou-se para ela, inquieto.

– Pollyanna, por amor de Deus, não fale a ninguém da nossa conversa – pediu ele em voz baixa.

Pollyanna fez um sorriso rasgado.

– É claro que não! Eu sei que o senhor mesmo prefere lhe dizer tudo, não é mesmo?

John Pendleton deixou-se cair, abatido, na cadeira.

– Então, o que aconteceu? – perguntou o médico um minuto depois, ao apalpar o pulso do seu doente, que batia aceleradamente.

Um sorriso estranho dançava nos lábios de John Pendleton.

– Tomei demais o seu remédio, doutor, o seu tônico! – disse ele, rindo, ao reparar que o médico seguia a figurinha de Pollyanna, que se afastava.

Capítulo XX

Ainda mais surpreendente

Nos domingos de manhã, usualmente, Pollyanna costumava ir à igreja e à catequese. À tarde, ia passear com Nancy. Ela tinha planejado um passeio desses para depois de sua visita a Mr. John Pendleton, mas no caminho para casa, depois da catequese, o doutor Chilton passou por ela em sua charrete e parou.

– Posso lhe dar uma carona até em casa, Pollyanna? Preciso falar com você. Estava indo justamente para lá. Mr. Pendleton pede encarecidamente que vá vê-lo esta tarde. Diz que é muito importante.

Pollyanna logo respondeu que sim, toda contente.

– Sim, eu sei que é muito importante. Eu vou.

O médico olhou para ela surpreendido.

– É, mas não sei se devia deixar você ir. Parece que ontem você perturbou mais do que acalmou o meu paciente.

Pollyanna riu.

– Ah, não foi por minha causa, foi por causa da tia Polly.

O médico se virou, num impulso.

– Sua tia Polly?

Pollyanna deu um pequeno salto no banco.

– Sim, é muito engraçado, é como numa história. Eu vou contar. Ele disse para não falar nada, mas não deve se importar se o senhor souber. Ele não queria é que ela soubesse.

– Ela?

– Sim, a tia Polly. E é claro que ele mesmo prefere esclarecer tudo em vez de outra pessoa. Os namorados são assim.

– Os namorados? – ao dizer esta palavra, o cavalo parou bruscamente como se a mão que segurava as rédeas as tivessem puxado com força.

– Sim, a história é essa. Eu não sabia, até que Nancy me contou. Ela disse que a tia Polly tinha tido um namorado há muitos anos, mas eles brigaram. No início, ela não sabia quem era, mas acabamos descobrindo. É Mr. Pendleton.

O médico descontraiu-se um pouco. A mão que segurava as rédeas caiu abandonada no colo.

– Oh! Não sabia – disse ele, calmamente.

Pollyanna continuou. Contudo, eles já estavam próximos do solar dos Harrington.

– Sim, eu estou muito contente. Mr. Pendleton me pediu para ir morar com ele, mas está claro que não posso deixar a tia Polly, depois dela ter sido tão boa para mim. Depois ele me contou tudo sobre a mulher que sempre desejou e que ainda a quer. E eu fiquei tão contente! Porque, é claro que se ele agora quiser fazer as pazes, tudo ficará bem e a tia Polly e eu iremos viver lá ou então ele irá morar conosco. Claro que a tia Polly ainda não sabe e ainda não combinamos bem as coisas. Acho que é por isso que ele quer me ver esta tarde.

O médico sentou-se de repente. Em seu rosto desenhava-se um sorriso estranho.

– Sim, posso imaginar que é isso mesmo que Mr. John Pendleton quer – disse ele enquanto fazia o cavalo parar diante da entrada.

– Não é a tia Polly que está ali na janela? – gritou Pollyanna. Mas um segundo depois acrescentou: – Não, não é. Mas parecia ela!

– Não, ela não está lá – disse o médico. O sorriso tinha desaparecido dos seus lábios.

Naquela tarde Pollyanna encontrou um John Pendleton nervoso esperando por ela.

– Pollyanna – começou ele, de imediato –, durante toda a noite procurei entender tudo o que me disse

ontem sobre eu querer a tia Polly durante todos estes anos. O que é que você queria dizer com aquilo?

– Porque como vocês foram namorados, eu fiquei muito contente porque o senhor ainda gostava dela.

– Namorados! Eu e a sua tia?

Perante a surpresa manifestada na voz do homem, Pollyanna abriu muito os olhos.

– Foi isso que a Nancy disse!

O homem deu uma risada.

– Ah, sim! Receio dizer que essa Nancy não sabe de nada.

– Então não foram namorados? — perguntou Pollyanna, aflita.

– Nunca!

– Então as coisas não são como nos livros? – Não houve resposta. O homem tinha o olhar fixo na janela.

– Mas que pena! Estava tudo correndo tão bem – disse Pollyanna, quase soluçando. – Eu estava tão contente em vir morar aqui com a tia Polly.

– E agora não quer mais vir? – perguntou o homem, sem virar a cabeça.

– Claro que não! Eu sou da tia Polly.

O homem se virou quase furioso.

– Antes de você ser dela, Pollyanna, você era da sua mãe. E foi a sua mãe que eu quis, há muitos anos.

– A minha mãe?

– Sim. Não tinha a intenção de lhe contar, mas talvez assim seja melhor. – John Pendleton tinha ficado muito pálido. Falava com evidente dificuldade. Pollyanna, assustada, com os olhos e a boca muito abertos, olhava para ele fixamente.

– Eu amava muito a sua mãe, mas ela não me amava e, algum tempo depois, partiu com o seu pai. Só então percebi o quanto gostava dela. Parecia que o mundo inteiro se desfazia entre os meus dedos e... Bem, isso não interessa! Durante muitos anos, fui um velho antipático e rabugento, embora ainda nem tenha feito sessenta anos. Então, um dia, como um dos prismas que você gosta, você apareceu dançando na minha vida e salpicando o meu velho e sombrio mundo com o ouro da sua própria alegria. Depois de um tempo foi que descobri quem era aquela menina e pensei em não ver você nunca mais. Não queria me lembrar da sua mãe. Mas... Você já sabe o resto. Estou sempre desejando a sua visita, e agora quero que esteja sempre comigo. Pollyanna, quer vir morar comigo?

– Mas, Mr. Pendleton, tem a tia Polly...

Os olhos de Pollyanna ficaram marejados de lágrimas. O homem fez um gesto impaciente.

– E eu? Como eu posso ficar contente com as coisas se você me abandona? Foi só depois da sua chegada que comecei a ficar meio contente por viver. Mas se eu tivesse você aqui como filha, ficaria muito contente com tudo e também procuraria fazê-la contente. E não haveria nenhum desejo seu que não fosse satisfeito. Todo o meu dinheiro, até o último centavo seria para fazê-la feliz.

Pollyanna olhou escandalizada.

– Mr. Pendleton, como se eu pudesse deixar que gastasse comigo todo o dinheiro que economizou para os países pobres!

O homem ficou vermelho. Ia começar a falar, quando Pollyanna continuou:

– Além disso, uma pessoa com tanto dinheiro como o senhor não precisa de mim para ficar contente com as coisas. Pode, com esse dinheiro, fazer as pessoas felizes, de tal modo que o senhor mesmo não deixará de ficar feliz! Pense só nesses prismas que deu a Mrs. Snow e a mim e na moeda de ouro que deu a Nancy no aniversário dela e...

– Sim, mas isso não interessa – interrompeu o homem. Ele estava, agora, com o rosto muito vermelho, e não é de se surpreender, pois não era por dar coisas aos outros que John Pendleton tinha ficado

conhecido no passado. – Tudo isso é um absurdo. Eu não dei nada para ninguém e o que dei foi por sua causa. Foi você que deu essas coisas, e não eu! E isso só vem demonstrar ainda mais como eu preciso de você – disse ele, procurando adoçar o tom da sua voz. – Se eu alguma vez jogar o jogo do contente, Pollyanna, é você que vai jogá-lo comigo.

A menina franziu a testa.

– A tia Polly tem sido tão boa para mim... – começou ela, mas foi interrompida bruscamente por ele. Aquela velha irritação tinha voltado a transparecer no rosto dele. A impaciência de quem não suportava qualquer contrariedade tinha feito parte da natureza de John Pendleton por tanto tempo que ele não conseguia contê-la.

– Sem dúvida que ela tem sido boa para você! Mas ela não quer você nem a metade do que eu quero – contra-argumentou ele.

– Mas, Mr. Pendleton, ela está tão contente por ter...

– Contente! – interrompeu o homem, perdendo completamente a paciência. – Tenho certeza que Miss Polly não sabe ficar contente com nada! Ela faz apenas o seu dever. É uma mulher muito cumpridora dos seus deveres e eu já tive a experiência do seu “dever”. Reconheço que, nos últimos quinze ou vinte anos, não fomos propriamente grandes amigos, mas eu a conheço. Todos a conhecem. Ela é do tipo de não ficar “contente” com nada. Ela não é capaz. Quanto a morar comigo, pergunte e veja se ela não deixa. E, minha querida menina, eu a quero muito! – concluiu ele, quase chorando.

Pollyanna levantou-se com um longo suspiro.

– Está bem, vou perguntar – disse, pensativamente. – Não é que eu não gostaria de viver com o senhor, Mr. Pendleton... – mas não concluiu a frase. Houve um momento de silêncio e depois acrescentou: – Bem, de qualquer modo, estou satisfeita por não ter dito nada para ela ontem, porque eu pensava que ela também iria querer.

John Pendleton fez um sorriso forçado.

– Sim, de fato, Pollyanna, acho que foi melhor não ter falado nada para ela.

– É, foi bom, só falei para o médico, e é claro que para ele não faz mal.

– Para o médico! – gritou John Pendleton, virando-se repentinamente. – Mas não foi para o doutor Chilton, foi?

– Sim, hoje, quando ele veio me dizer que o senhor queria falar comigo.

– Bem, menos mal... – murmurou o homem, deixando-se cair na cadeira. Depois se endireitou, manifestando um súbito interesse: – E o que o doutor Chilton disse? – perguntou.

Pollyanna franziu a testa pensativamente.

– Não me lembro bem. Não disse grande coisa. Ah, ele disse que podia imaginar muito bem porque o senhor queria me ver.

– Ah, ele disse isso! – respondeu John Pendleton.

E Pollyanna ficou pensando porque ele havia dado aquela súbita e estranha gargalhada.

Capítulo XXI

A resposta a uma pergunta

O céu estava escurecendo rapidamente, quando Pollyanna deixou a casa de John Pendleton. Parecia que uma tempestade se aproximava. No meio do caminho para casa, ela encontrou Nancy com um guarda-chuva. As nuvens, entretanto, começaram a se afastar e parecia que a chuva, afinal, não era para agora.

– Parece que a tempestade está indo agora para o norte – disse Nancy, olhando para o céu. – Bem que eu achei, mas Miss Polly queria que eu trouxesse o guarda-chuva para você. Ela estava preocupada.

– Estava? – murmurou Pollyanna pensativa.

Nancy fungou.

– Parece que não ouviu o que eu disse – observou ela com ar repreensivo. – Eu disse que a sua tia estava preocupada consigo!

– Ah! – exclamou Pollyanna, lembrando-se de repente da pergunta que quase tinha feito à tia. – Que pena, eu não queria que ela se preocupasse.

– Pois eu estou muito contente – respondeu Nancy inesperadamente. – Muito contente!

Pollyanna olhou para ela surpreendida.

– Está contente porque a tia Polly estava preocupada comigo? Nancy, isso não é maneira de jogar o jogo! Ficar contente com uma coisa dessas! – contestou ela.

– Agora não estou jogando o jogo – respondeu Nancy. – Parece que você não compreendeu o que significa Miss Polly preocupar-se consigo!

– Sim, significa ficar preocupada e ficar preocupada é horrível. Que mais pode significar?

Nancy sacudiu a cabeça.

– Vou lhe dizer o que significa. Significa que ela finalmente está ficando humana como todo mundo e que a sua única preocupação não é só cumprir o seu dever.

– Mas por que, Nancy? – perguntou Pollyanna escandalizada. – A tia Polly sempre cumpre o seu dever. Ela é uma mulher muito cumpridora! – Inconscientemente, Pollyanna repetia as palavras de John Pendleton pronunciadas há meia hora.

Nancy deu um risinho.

– Ah, isso é verdade, ela sempre foi muito cumpridora. Mas agora é mais do que isso, desde que você chegou.

A expressão de Pollyanna se alterou, manifestando preocupação.

– Era isso que eu ia perguntar, Nancy. Será que a tia Polly gosta da minha companhia? Acha que ela ficaria aborrecida se eu fosse morar em outro lugar?

Nancy olhou de relance para o rosto atento da menina. Há muito tempo receava aquela pergunta. Tinha pensado como responder honestamente sem magoar Pollyanna. Mas, agora que as suas suspeitas tinham se confirmado, depois da tia Polly tê-la mandado com o guarda-chuva, Nancy recebeu a pergunta de braços abertos. Estava certa de que podia tranquilizar o coração ávido de carinho daquela menina.

– Se ela gosta da sua companhia? Ela sentiria muito a sua falta se a perdesse agora – disse Nancy indignada. – Ela não me mandou correr com o guarda-chuva logo que viu umas nuvenzinhas? Não me mandou mudar todas as suas coisas para o bonito quarto no andar de baixo que a menina queria? Quando eu me lembro que, no princípio, ela detestava tê-la na casa... – Nancy começou a tossir e conteve-se a tempo.

– E não é só isso. Há outras pequenas coisas que mostram que a menina a amoleceu, como o gato, o cachorro, a maneira como ela fala comigo e muitas outras coisas. É impossível dizer como ela sentiria a sua falta se não estivesse aqui – concluiu Nancy com entusiasmo, tentando ocultar a perigosa

afirmação que havia feito pouco antes. Mas, mesmo assim, ela não estava bem preparada para a alegria súbita que iluminou o rosto de Pollyanna.

– Oh, Nancy, estou tão contente! Não imagina como fico contente por saber que a tia Polly me quer!

“Seria impossível eu deixá-la agora!” pensou Pollyanna, pouco depois, enquanto subia as escadas para o seu quarto. “Eu sempre soube que queria viver com a tia Polly, mas não sabia até que ponto a tia Polly gostaria que eu vivesse com ela”.

Não seria fácil comunicar a John Pendleton a sua decisão. Gostava muito de John Pendleton e tinha muita pena dele porque ele parecia ter pena dele mesmo. Tinha pena também da vida solitária que o tinha tornado tão infeliz e se magoava com o fato de saber que tinha sido por causa da sua mãe que ele tinha passado triste todos aqueles anos. Imaginou como seria aquele grande casarão cinzento quando o seu dono estivesse restabelecido, com os salões silenciosos e tudo desarrumado. O seu coração doía por causa da solidão dele. Gostaria muito que ele encontrasse alguém. Naquele momento deu um salto e um grito de alegria com a ideia que tinha lhe vindo à cabeça.

Logo que pôde correu para a casa de John Pendleton e em breve estava na grande biblioteca, sentada junto dele e do fiel cachorro deitado aos seus pés.

– Então, Pollyanna, vais jogar o jogo do contente comigo até o fim da minha vida? – perguntou ele docemente.

– Ah, sim! – gritou Pollyanna. – Eu pensei muito nisso e descobri com quem o senhor pode ser feliz e...

– Só com você – exclamou John Pendleton, começando a manifestar preocupação.

– Não, só comigo não...

– Pollyanna, não vai me dizer não! – interrompeu ele com a voz cheia de emoção.

– Tem que ser, Mr. Pendleton, a tia Polly...

– Ela não te deixou vir?

– Nem perguntei – hesitou a menina compungida.

– Pollyanna!

Pollyanna desviou os olhos. Não conseguia enfrentar a expressão de dor espelhada no olhar do seu amigo.

– Então, você nem perguntou!

– Não pude, sério... eu descobri, mesmo sem perguntar. A tia Polly também me quer. Além disso, eu também quero ficar – confessou ela com coragem. – Não imagina como ela tem sido boa para mim e eu acho que, às vezes, ela já começa a ficar contente com algumas coisas, com muitas coisas. E isso nunca aconteceu com ela. Mr. Pendleton, o senhor sabe que é verdade. Eu agora não posso deixar a tia Polly!

Houve uma longa pausa. Só se ouvia o crepitar do fogo na lareira. Finalmente, o homem falou.

– Eu compreendo, Pollyanna. Você não pode abandoná-la agora – disse ele. – Não vou insistir mais – a última palavra foi pronunciada em voz tão baixa que mal se ouviu, mas Pollyanna percebeu.

– Ah, mas ainda não ouviu o resto. Existe uma coisa que pode fazer e que o deixará muito contente!

– Não, Pollyanna.

– Sim, pode. O senhor disse que só a mão e o coração de uma mulher ou a presença de uma criança pode fazer um lar. Eu posso lhe arranjar isso: a presença de uma criança; não eu, mas outra.

– Como se eu pudesse ter aqui outra pessoa que não fosse você! – respondeu com voz indignada.

– Quando o conhecer, há de querer. O senhor é muito simpático e muito bom! Pense nos prismas, as moedas de ouro e todo o dinheiro que economizou para os países pobres e...

– Pollyanna! – interrompeu o homem irritado. – De uma vez por todas, pare com esse absurdo! Já te disse que não existe nenhum dinheiro para os países pobres. Nunca mandei um tostão para eles!

Olhou para ela para ver a reação que já esperava - uma expressão de desapontamento nos olhos de

Pollyanna. No entanto, para sua surpresa não existia desapontamento nem amargura nos olhos da menina. Apenas alegria e surpresa.

– Ainda bem que é assim. Isto é, não quero dizer que eu não tenho pena dos países pobres, mas não posso deixar de ficar contente por não querer meninos da Índia porque é isso que querem todas as outras pessoas. E fico contente por preferir o Jimmy Bean. Agora tenho certeza de que ficará com ele!

– Ficar com quem?

– Jimmy Bean. É ele “a presença de uma criança” que o senhor tanto quer, e ele também ficará muito contente por lhe fazer companhia. Tive que lhe dizer na semana passada que nem as senhoras da Caridade do oeste querem ficar com ele e ele ficou muito triste. Mas agora, quando ele ouvir isto, vai ficar muito contente!

– Ah, sim? Pois eu não – exclamou o homem decididamente. – Isto é um grande absurdo!

– Quer dizer que não quer ficar com ele?

– Sim, é isso mesmo.

– Mas terá a companhia de uma criança carinhosa – balbuciou Pollyanna. Estava quase chorando. – Com o Jimmy não ficará sozinho.

– Não duvido, mas prefiro a minha solidão.

Foi então que Pollyanna, pela primeira vez em muitas semanas, se lembrou do que Nancy tinha lhe contado. Olhou para ele muito séria e disse:

– Talvez pense que um menino simpático e vivo não é melhor do que o velho esqueleto que tem guardado no armário, mas eu acho que sim, acho que é melhor!

– Um esqueleto?

– Sim, a Nancy me contou que tinha um esqueleto guardado em algum armário.

– Ah, isso... – o homem desatou a rir. Ria com tanta vontade que Pollyanna começou a chorar de nervosismo. Ao perceber, John Pendleton sentou-se direito e a sua expressão tornou-se séria.

– Pollyanna, acho que você tem razão, mais razão do que pensa – disse ele docemente. – De fato, eu sei que um menino simpático e vivo seria muito melhor do que o esqueleto que tenho no armário. Só que nem sempre estamos dispostos a fazer a troca. Preferimos ficar agarrados aos nossos esqueletos. No entanto, me conta mais um pouco sobre esse menino.

E Pollyanna contou tudo que sabia de Jimmy.

Parece que aquele acesso de riso tinha aliviado a atmosfera, ou então talvez a tragédia de Jimmy Bean, tal como Pollyanna a contou, tivesse tocado naquele coração já amolecido. De qualquer modo, quando Pollyanna voltou para casa nesta noite, já trazia um convite para Jimmy Bean visitar o casarão com Pollyanna no próximo sábado a tarde.

– Estou tão contente! Tenho certeza de que gostará dele! – dissera ao despedir-se. – Desejo tanto que Jimmy Bean tenha uma casa, com uma família que cuide dele, o senhor sabe.

Capítulo XXII

Os sermões e a caixa de lenha

Na tarde em que Pollyanna falou de Jimmy Bean para John Pendleton, o reverendo Paul Ford percorria os bosques de Pendleton na esperança de que a beleza fulgurante da natureza de Deus acalmasse o tumulto que os Seus filhos tinham provocado.

O reverendo Paul Ford estava muito magoado. Mês após mês, havia já um ano, as condições na sua paróquia vinham piorando cada vez mais, até que, presentemente, para onde quer que se virasse, encontrava apenas discussões, maledicências, escândalos e inveja. Tinha procurado evitar tudo aquilo falando com as pessoas, predicando, mas era ignorado. Além disso, rezava fervorosamente na esperança das coisas melhorarem. Porém, chegara à conclusão de que nada melhorara, antes pelo contrário.

Dois dos seus diáconos tinham discutido por uma coisa sem importância; três das suas colaboradoras mais ativas da organização de Caridade se afastaram por causa das más línguas que tinham provocado um escândalo. O coro desorganizara-se em virtude de um solo dado a certa solista. Até mesmo a Sociedade do Esforço Cristão estava fervendo devido as críticas de dois dos seus ministros. Também a Escola Dominical estava em crise com a demissão de dois dos seus melhores professores. Esta fora a gota d'água que fizera transbordar o copo e o reverendo desanimado resolvera ir para o bosque rezar e meditar.

Sob a copa das árvores, o reverendo Ford encarava a situação. Na sua opinião, a crise chegara. Era preciso fazer alguma coisa, e logo. Todo o trabalho da paróquia estava parado. Os serviços dominicais, os encontros diários para oração, os chás missionários e até mesmo os frequentadores dos jantares beneficentes estavam se tornando cada vez mais raros. Os poucos colaboradores que restavam digladiavam-se entre si. Por causa de tudo isto, o reverendo sofria muito. Era preciso fazer alguma coisa, mas o quê?

O reverendo tirou do bolso as notas que já tinha feito para o sermão do próximo domingo. Com uma aparência carregada, a postura rigorosamente arrumada, e em voz alta, ele leu o que estava determinado a falar. Era um ataque violento aos maus, aos fariseus e aos hipócritas. O reverendo só enxergava esse tipo de gente na sua paróquia. Era uma denúncia amarga. Como só existiam árvores naqueles bosques, e até os pássaros e os esquilos haviam fugido, deixando tudo em silêncio, o ensaio geral deu ao reverendo uma vívida representação do que sucederia, no próximo domingo, com a audiência humana que esperava ter.

Seus paroquianos! O seu rebanho! Poderia falar-lhes como o fazia ali na floresta? Ousaria usar daquela sagrada indignação?

Ele havia rezado muito. Ele havia suplicado por ajuda, por orientação. Ele almejava - almejava com sinceridade! - tomar agora, durante esta crise, o caminho certo. Mas seria esse o caminho certo?

Vagarosamente, o reverendo dobrou as anotações e as colocou de volta no bolso. Depois, com um suspiro que era quase um gemido, sentou-se ao pé de um tronco e escondeu o rosto entre as mãos.

Foi nesta atitude que Pollyanna o encontrou quando regressava para casa depois de ter estado na mansão Pendleton. Correu para ele dando um grito.

– Oh, Mr. Ford! O senhor também quebrou a perna?

O reverendo deixou cair as mãos e olhou para ela tentando sorrir.

– Não, menina, não! Estou só descansando.

– Ah, ainda bem – suspirou a menina com alívio. – É que Mr. Pendleton, quando o encontrei, tinha quebrado a perna. Mas ele estava deitado no chão e o senhor está sentado.

– Sim, estou sentado e não quebrei nada que os médicos possam consertar.

Estas últimas palavras foram ditas numa voz muito baixa, mas Pollyanna as ouviu. Os olhos dela brilharam de simpatia.

– Eu sei o que quer dizer, alguma coisa está aborrecendo-o. Meu pai costumava sentir-se assim muitas vezes. Quase todos os pastores, frequentemente, sentem-se assim. Eu sei, muitas exigências

sobre eles, coitados!

O reverendo virou-se para ela surpreendido.

– Seu pai era pastor?

– Sim, não sabia? Pensei que todos soubessem. Ele se casou com a irmã da tia Polly, que era a minha mãe.

– Ah, entendo. Sabe, estou aqui há poucos anos e não conheço as histórias de todas as famílias.

– Sim, senhor – sorriu Pollyanna.

Fez-se um grande silêncio. O reverendo que continuava sentado junto a uma árvore, pareceu ter se esquecido da presença de Pollyanna. Tirou alguns papéis do bolso e os desdobrou, mas não olhava para eles. Na verdade, sua atenção estava numa folha caída da árvore, que nem mesmo era bonita. Pollyanna, olhando-o, sentiu pena dele.

– Está... está fazendo um dia lindo – começou ela, esperançosa.

Por um momento não obteve resposta, depois o reverendo olhou para cima como que acordando de um sonho.

– O quê? Ah sim, está um lindo dia.

– E nem está frio, embora já estejamos em outubro – observou Pollyanna ainda mais esperançosa. – Mr. Pendleton tem uma lareira, mas diz que não precisa dela. É só para olhar. Eu gosto muito de ficar olhando o fogo, não gosta?

Desta vez não houve resposta, embora Pollyanna aguardasse pacientemente antes de tentar de novo, experimentando outro caminho.

– O senhor gosta de ser pastor?

O reverendo Paul Ford desta vez olhou para ela.

– Se eu gosto? Por que? Que pergunta estranha! Por que pergunta isso, minha menina?

– Nada. Por causa do seu olhar. Fez me lembrar do meu pai. Ele costumava ter esse olhar, às vezes.

– Ah, é? – a voz do reverendo era educada, mas tinha voltado a desviar os olhos para a folha caída.

– Sim, e eu costumava perguntar se ele gostava de ser pastor, tal como lhe perguntei agora.

O homem sorriu tristemente.

– E o que é que ele dizia?

– Claro que sempre dizia que sim, mas também dizia que não continuaria a ser pastor, nem um minuto a mais, se não fosse por causa dos textos alegres.

– Os quê? – os olhos do reverendo Ford deixaram a folha caída para se fixarem no rosto alegre de Pollyanna.

– Era assim que o pai costumava chamar-lhes – disse ela rindo. – É claro que na Bíblia não está escrito assim, mas são todos aqueles que começam com “Alegria”, “Sê contente no Senhor”, “Rejubila-te” ou “Cante de alegria”, e todos os outros, o senhor sabe mais do que eu. Uma vez, quando o pai se sentiu muito triste, contou todos. Existem mais de oitocentos desses textos.

– Oitocentos?

– Sim, textos que dizem para as pessoas ficarem contentes, para se alegrarem. Eram esses que papai chamava de textos alegres.

No rosto do reverendo estampou-se uma estranha expressão. Seus olhos caíram sobre o papel que tinha nas mãos que começava assim: “A maldição eterna desça sobre vós, escribas, fariseus e hipócritas!”

– Então o seu pai gostava desses textos alegres – murmurou ele.

– Sim – reafirmou Pollyanna enfaticamente. Ele dizia que logo se sentia melhor desde o dia em que começou a procurá-los. Dizia que se Deus se deu ao incômodo de nos dizer oitocentas vezes para ficarmos contentes e alegres era porque desejava que fossemos alegres. E papai sentia-se

envergonhado do tempo em que não era alegre. Depois disso, esses textos davam-lhe muito conforto quando as coisas corriam mal. Como por exemplo, quando as senhoras da Caridade se zangavam umas com as outras porque não concordavam com alguma coisa. E foram também esses textos que o fizeram pensar naquele jogo que começou a fazer comigo a propósito das muletas. Ele me disse que tinham sido os textos alegres que lhe tinham ensinado o jogo.

– E como é esse jogo? – perguntou o reverendo.

– O jogo consiste em encontrar sempre alguma coisa que nos faça ficar contentes. Como disse, comigo começou por causa das muletas.

E uma vez mais, Pollyanna contou a história dela e desta vez o homem a escutou muito atento, com olhos meigos.

Um pouco depois, Pollyanna e o reverendo desceram a colina de mãos dadas. Pollyanna estava radiante, gostava de conversar e estava muito contente por ter podido falar a vontade. O reverendo queria saber tantas coisas sobre o jogo, sobre o pai dela e sobre a sua antiga casa. Na base da colina, separaram-se. Pollyanna continuou por uma estrada e o reverendo por outra.

Nessa noite, o reverendo Paul Ford sentou-se no seu escritório para refletir. Sobre a mesa estavam muitas folhas de papel com as anotações do seu sermão. Diante dele tinha outra folha em branco onde pretendia escrever o sermão. Porém, o reverendo não estava pensando no que tinha escrito nem naquilo que pretendia escrever. A sua imaginação estava muito longe numa pequena cidade do oeste com um reverendo missionário pobre, doente, preocupado e quase só no mundo, mas que se debruçava sobre a Bíblia para descobrir quantas vezes Deus havia lhe dito para se “rejubilar e ficar contente”.

Passado um tempo, com um longo suspiro, o reverendo Paul Ford ergueu-se, regressando da longínqua cidade do oeste e preparou as folhas de papel para escrever.

“Mateus 23; 13-14 e 23” escreveu ele. Depois, com um gesto de impaciência, largou a caneta e pegou a revista deixada por sua mulher na mesa, alguns minutos antes. Os seus olhos cansados percorriam os vários parágrafos até que as seguintes palavras lhe prenderam a atenção:

“Um dia, um pai disse ao filho, depois de saber que ele tinha se recusado a ir buscar lenha para a mãe: ‘Tom, estou certo que ficarás muito contente em ir buscar lenha para a tua mãe.’ E, sem dizer mais nenhuma palavra, Tom foi. Por quê? Apenas porque o pai lhe manifestou diretamente que contava com que ele fizesse as coisas corretamente. Suponham que ele dissesse: ‘Tom, soube o que tu disseste à tua mãe esta manhã e me envergonho de ti. Vai buscar lenha imediatamente!’ Eu garanto que a caixa de lenha continuaria vazia.”

O reverendo continuou a ler, uma palavra aqui, outra linha ali, e logo adiante leu outro parágrafo assim: “O que os homens e as mulheres precisam é de encorajamento. A sua capacidade natural de resistência deve ser fortalecida e não enfraquecida. Em vez de acusar permanentemente uma pessoa pelos seus erros, fale antes das suas virtudes. Procure encorajá-la a abandonar os seus maus hábitos. Faça apelo às melhores qualidades, à verdadeira personalidade que saberá usar e vencer. A influência de uma personalidade cheia de esperança e de beleza, sempre disposta a ajudar, é contagiosa e pode revolucionar uma cidade inteira. As pessoas irradiam aquilo que está no seu espírito e nos seus corações. Se uma pessoa se sente boa e simpática, os seus vizinhos também se sentirão assim. Mas se ela xingar e criticar, os vizinhos retribuirão na mesma moeda e com maior intensidade. Se olhar para o que está mal, esperando o encontrar, é isso que obterá. Mas quando tiver certeza que o que vai encontrar será bom, também é isso que encontrará. Diga ao seu filho Tom que sabe que ele ficará contente em ir buscar lenha. Depois observe-o começar, satisfeito e interessado!”

O reverendo deixou cair a revista e levantou a cabeça. No momento seguinte estava de pé e percorria o quarto de um lado para outro. Passado um pouco, respirou fundo e sentou-se para escrever.

– Deus me ajudando, eu farei! Direi a todos os meus Toms que tenho certeza que eles ficarão muito contentes ao encher a caixa de lenha! Vou dar trabalho a todos e os deixar tão cheios de alegria que nem terão tempo de olhar para a caixa de lenha do vizinho!

Em seguida, pegou as anotações do sermão, rasgou todas as folhas, jogou-as para cima, de modo que no chão, ao lado da sua cadeira, podia se ler “A maldição eterna desça sobre vós...” e do outro lado “... escribas, fariseus e hipócritas!”, enquanto sobre o papel em branco na sua frente, sua caneta praticamente voava, escrevendo as primeiras frases do novo sermão.

Foi assim que o sermão do reverendo Paul Ford no domingo seguinte foi um verdadeiro apelo ao que havia de melhor em cada homem, cada mulher e cada criança que o ouviu. As palavras usadas no sermão eram de um trecho da Bíblia, um dos oitocentos que Pollyanna havia mencionado.

Capítulo XXIII

O acidente

A pedido de Mrs. Snow, Pollyanna foi um dia ao consultório do doutor Chilton para pedir o nome de um remédio que ela havia esquecido. Pollyanna nunca tinha estado no consultório do doutor Chilton.

– Nunca tinha estado na sua casa! É aqui que mora, não é? – perguntou ela olhando com curiosidade em volta.

O médico sorriu um pouco triste.

– Sim, é verdade – respondeu ele enquanto escrevia alguma coisa num bloco. – Mas não é bem um lar Pollyanna, são só quartos e salas e isso não chega para fazer um lar.

Pollyanna fez que sim com a cabeça. Os seus olhos irradiavam compreensão e simpatia.

– Eu sei, é preciso a mão e o coração de uma mulher ou a presença de uma criança para fazer um lar – disse ela.

– O quê? – o médico admirou-se.

– Foi Mr. Pendleton que me disse. Por que não arranja uma mulher ou uma criança, doutor Chilton? Ou talvez queira ficar com Jimmy Bean se Mr. Pendleton não o quiser.

O doutor Chilton riu um pouco constrangido.

– Então, Mr. Pendleton diz que é preciso a mão ou o coração de uma mulher para se construir um lar? – perguntou ele evasivamente.

– Sim, e ele também diz que o lugar onde mora é apenas uma casa. Por que não arranja uma, doutor Chilton?

– Por que não, o quê? – o médico voltara a sentar-se à mesa.

– Por que não arranja uma mulher. Ah, ia me esquecendo – disse Pollyanna um pouco ruborizada. Acho que esqueci de contar. Não era da tia Polly que Mr. Pendleton gostava, portanto, nós não vamos morar lá. Eu disse isso no outro dia, mas estava enganada. Espero que não tenha contado para ninguém – concluiu ela com uma expressão de ansiedade.

– Não, não contei para ninguém, Pollyanna – respondeu o médico, de modo um tanto estranho.

– Ah, ainda bem – exclamou Pollyanna aliviada. – Sabe, o senhor foi a única pessoa para quem eu contei e me pareceu que Mr. Pendleton achou até graça quando eu disse que tinha lhe contado.

– Achou? – exclamou o médico mordendo os lábios.

– Sim. E é claro que ele não gostaria que mais pessoas soubessem, visto que não era verdade. Mas por que não arranja uma mulher, doutor Chilton?

Houve um momento de silêncio. Depois com um ar muito sério o médico disse:

– Isso não acontece quando nós queremos, minha menina.

Pollyanna fez uma expressão pensativa.

– Mas eu acho que o senhor conseguiria facilmente – disse ela em tom de lisonja.

– Obrigado – riu o médico com as sobrancelhas levantadas. Depois com o mesmo ar sério, continuou: – Receio que algumas das suas irmãs mais velhas não pensem da mesma maneira. Pelo menos não se demonstraram tão interessadas – observou ele.

Pollyanna franziu de novo a testa. Depois abriu os olhos com surpresa.

– Por que, doutor Chilton, não me diga que já tentou casar com alguém, como Mr. Pendleton, e não conseguiu por que ela não quis?

O médico pôs-se em pé de repente.

– Pollyanna, isso agora não interessa. Não se preocupe com os problemas das outras pessoas. Volte para casa de Mrs. Snow e leve o nome do remédio que está nesse papel. Mais alguma coisa?

Pollyanna disse que não com a cabeça.

– Não, senhor, obrigada – murmurou ela enquanto se voltava para a porta. No meio do caminho, voltou-se com uma expressão alegre e disse: – Ainda bem que não foi pela minha mãe que o senhor esteve apaixonado! Até logo.

Foi no último dia de outubro que o acidente aconteceu. Pollyanna se dirigia apressadamente para casa depois da escola, e atravessou a rua a uma distância aparentemente segura de um carro que se aproximava. Ninguém conseguiu explicar bem o que aconteceu. Mas, às cinco da tarde, desacordada em seu quarto, a menina ia sendo despida por Miss Polly, horrivelmente pálida, e por Nancy em lágrimas, enquanto chamado por telefone, o doutor Warren vinha da cidade o mais rápido possível.

– Nem precisa olhar para a cara de Miss Polly – dizia Nancy para o velho Tom no jardim, depois do médico ter chegado, – para ver que não era mais o dever que a governava. Quando uma pessoa está agindo apenas pelo dever, os olhos não olham daquele jeito, nem as mãos ficam tão firmes, como para evitar a entrada do anjo da morte. Não, Mr. Tom, não e não!

– Ela está muito mal? – perguntou o velhote.

– Não se sabe – soluçou Nancy. – Está sem sentidos, tão branca que não se pode dizer se está viva ou morta. Mas Miss Polly disse que não estava, e ela deve saber porque encostou a cabeça no peito da menina e ouviu o coração batendo!

– Não sabe o que o médico está fazendo com ela? – O rosto do velho Tom se contorceu convulsivamente.

Os lábios da Nancy relaxaram um pouco.

– Gostaria de poder fazer alguma coisa, Mr. Tom, qualquer coisa. Pensar que eles atropelaram a nossa menina! Eu sempre tive ódio dessas máquinas infernais, sempre.

– Mas onde ela está ferida?

– Não sei, não sei – gemeu Nancy. – Há um pequeno corte na cabeça, mas ela não parece muito mal. Pelo menos é o que disse Miss Polly. Ela receia que a menina esteja machucada infernalmente.

– Eu acho que você quer dizer internamente, Nancy. Na realidade, ela foi ferida infernalmente por aqueles malditos automóveis, mas acho que Miss Polly não usou essa expressão.

– Eh? Bem, não sei – gemeu Nancy de novo, balançando a cabeça. – Parece que nem posso esperar que o médico saia do quarto. Eu só queria ter muita roupa para lavar, um montão mesmo, para cansar o corpo – murmurou ela, enquanto torcia as mãos.

Entretanto, mesmo depois da visita do médico, havia muito pouco para ser dito. Parece que não tinha ossos quebrados e o corte na cabeça era de pouca importância, mas o médico tinha um ar muito sério e balançava vagarosamente a cabeça, dizendo que só com o tempo poder-se-ia saber alguma coisa.

Depois do médico se retirar, Miss Polly mostrava um rosto ainda mais pálido e estava mais desanimada do que antes. A menina ainda não tinha recobrado a consciência, mas, no momento, parecia estar descansando tão confortavelmente quanto possível. Mandaram chamar uma enfermeira que deveria chegar naquela noite. Era tudo que Nancy sabia.

Foi só na manhã seguinte que Pollyanna abriu os olhos e compreendeu onde estava.

– Que aconteceu, tia Polly? Por que não posso me levantar nem me mexer? – gemeu ela na primeira tentativa que fez para se levantar, caindo sobre o travesseiro.

– Não, minha querida, por enquanto não tente se levantar – exclamou a tia.

– Mas o que aconteceu? Porque não consigo me levantar?

Os olhos de Miss Polly se dirigiram agoniados para a moça toda de branco que estava de pé junto à janela, fora do alcance dos olhos de Pollyanna. A enfermeira fez que sim com a cabeça. Conte, seus lábios disseram.

A tia Polly pigarreou e tentou engolir o nó que estava na sua garganta para poder explicar:

– Você foi ferida, minha querida, por um automóvel na noite passada. Mas não se aflija com isso agora. Sua tia quer que você descanse e durma de novo.

– Ferida? Ah sim, eu corri – os olhos de Pollyanna estavam ofuscados. Ela passou a mão na testa. – É, aqui está doendo.

– Sim, minha querida, mas não é nada. Agora descansa.

– Mas, tia Polly, me sinto tão esquisita e tão mal. Minhas pernas estão esquisitas... Parecem que não sentem nada!

Com uma expressão de quem implora, Miss Polly virou-se para a enfermeira. A enfermeira avançou rapidamente para junto da cama.

– Agora nós é que vamos conversar. Já é hora de nos conhecermos. Meu nome é Miss Hunt e vim aqui para ajudar a sua tia a cuidar de você. A primeira coisa que vou fazer é lhe pedir para tomar estes comprimidos.

Os olhos de Pollyanna se dilataram.

– Mas eu não preciso que cuidem de mim! Quero me levantar, quero ir para a escola. Posso ir para a escola amanhã?

Da janela onde se encontrava a tia Polly, ouviu-se um soluço mal contido.

– Amanhã? – sorriu a enfermeira. – Bem, não posso deixá-la sair assim tão cedo, Miss Pollyanna. Mas tome estes comprimidos e vamos ver o resultado.

– Tudo bem – concordou Pollyanna com uma expressão de dúvida. – Mas depois de amanhã tenho que ir à escola, tenho provas.

Um minuto depois voltou a falar. Falou da escola, do automóvel e da dor que sentia na cabeça, mas logo a sua voz esmoreceu sob a influência do remédio.

Capítulo XXIV

John Pendleton

Pollyanna não foi à escola no dia seguinte, nem no dia depois do dia seguinte. Ela, no entanto, não percebeu, exceto nos breves períodos de consciência quando tentou fazer várias perguntas mexendo apenas os lábios. Só depois de uma semana, quando a febre começou a ceder, as dores diminuíram e sua mente recuperou a consciência total, é que ela pode entender claramente o que havia ocorrido. Tiveram que lhe contar em detalhes como tudo havia acontecido.

– Então não estou doente, só estou ferida. Estou contente com isso.

– Contente, Pollyanna? – perguntou a tia que estava sentada na cama dela.

– Sim, é muito melhor ter as pernas quebradas como aconteceu com Mr. Pendleton do que ficar inválida para sempre como Mrs. Snow. Uma perna quebrada se conserta, mas os inválidos permanentes, não.

Miss Polly, que não havia dito nada sobre pernas quebradas, levantou-se de repente e foi até a cômoda, no outro lado do quarto. Começou a mexer nos objetos como se não soubesse muito bem o que estava fazendo, o que contrastava com a sua habitual determinação. Tinha o rosto bastante abatido e pálido.

Na cama, Pollyanna estava deitada, olhando para os reflexos do arco-íris no teto produzidos pelos prismas pendurados na janela.

– Também estou contente por não ter varíola – murmurou ela. – Isso é pior do que sardas. Estou também contente por não ter coqueluche; já tive e é horrível. Também estou contente por não ter apendicite, nem sarampo porque sarampo pega e se fosse sarampo iriam me deixar sozinha aqui.

– Você está contente com muitas coisas hoje, minha querida – balbuciou a tia Polly, levando a mão à garganta como se estivesse estrangulada.

Pollyanna riu baixinho.

– É verdade, estive pensando em muitas doenças enquanto olhava para o arco-íris. Adoro o arco-íris. Estou tão contente que Mr. Pendleton tenha me dado esses prismas! E também estou contente com outras coisas que ainda não disse. Eu ainda não sei bem, mas acho que estou contente por estar ferida.

– Pollyanna!

Pollyanna riu outra vez baixinho. Dirigiu seu olhar luminoso para a tia.

– Bem, sabe o que é tia. É que desde que fui ferida tem me chamado, muitas vezes, de querida o que a senhora não fazia antes. Adoro ser chamada de “querida” pelas pessoas da minha família. Algumas das senhoras da Caridade me chamavam assim, e claro que era muito agradável, mas não é tão bom como por uma pessoa da minha família como a tia. Estou tão contente por ser minha tia!

A tia Polly não respondeu. Tinha levado a mão à garganta outra vez para conter um soluço. Tinha os olhos marejados de lágrimas. Virou-se e saiu apressadamente do quarto pela mesma porta por onde tinha acabado de entrar a enfermeira.

Foi nesse dia, à tarde, que Nancy correu para o velho Tom que estava limpando os arreios no estábulo. Os olhos dela tinham uma expressão de assombro.

– Mr. Tom, adivinhe o que aconteceu – disse ela, ainda arquejante. – Não consegue adivinhar nem em mil anos.

– Então nem vale a pena tentar, pois não vou viver tanto tempo. É melhor me contar logo, Nancy.

– Pois então ouça. Sabe quem está na sala de estar com a senhora? Sabe?

O velho Tom abanava a cabeça.

– É John Pendleton!

– Brincadeira sua, Nancy.

– Verdade, sim. Ele, com muleta e tudo. O homem que não falava com ninguém, que não visitava ninguém. Imagine só, Mr. Tom, ele falando com ela!

– E por que não? – perguntou o homem um pouco agressivo.

Nancy olhou-o com uma expressão trocista.

– Como se não soubesse muito melhor do que eu!

– O quê?

– Não se faça de inocente – respondeu ela já meio indignada. – Foi o senhor mesmo que me conduziu para a pista do grande segredo.

– O que você quer dizer com isso?

Nancy deu uma olhada cautelosa para a casa, e aproximou-se mais do velho.

– Ouça, não foi você mesmo que me disse que Miss Polly tinha tido um namorado? Lembra? Pois bem, fui ligando os fatos e descobri sozinha quem era o namorado...

Com um gesto de indiferença o velho Tom virou-se e continuou trabalhando.

– Se quiser conversar comigo, tenha bom senso no que fala – declarou ele com impaciência. – Estou muito velho para ouvir bobagens.

Nancy riu-se.

– Pois eu estou convencida de que ele e Miss Polly foram namorados.

– Mr. Pendleton? – disse o velho Tom endireitando-se.

– Ele, sim. Sei muito bem que era ele.

– Nada disso, Nancy. Não era ele. Ele esteve apaixonado sim, mas pela mãe de Pollyanna.

– Ah, agora eu entendi. Foi por isso que ele... bem isso não interessa – acrescentou apressadamente, lembrando-se a tempo que tinha prometido a Pollyanna não contar nada sobre o desejo de Mr. Pendleton dela ir morar com ele. – Eu perguntei para várias pessoas sobre ele e descobri que ele e Miss Polly não se falam e que ela o detesta desde que correram rumores sobre eles quando ela tinha uns dezoito anos.

– Sim, eu me lembro – respondeu o velho Tom. – Foi três ou quatro anos depois de Miss Jenny tê-lo recusado e partido com o pastor. Miss Polly sabia do caso e tinha pena dele, por isso tentou ser simpática. Talvez tenha se excedido um pouco, pois odiava o pastor que tinha levado a sua irmã. Mas depois começaram a comentar, dizendo que ela andava atrás dele.

– Ela, atrás de um homem? – perguntou Nancy.

– Eu sei, mas era isso que comentavam – declarou o velho Tom, – e realmente não faz muito sentido. Depois, apareceu o verdadeiro namorado dela e os problemas com ele. Aí se fechou como uma ostra e não quis saber de mais ninguém. O coração dela parece que se tornou mais duro que pedra.

– Sim, eu sei. Já tinha ouvido falar disso, e foi por isso que fiquei tão surpreendida quando o vi à porta. Ele, com quem ela não falava há tantos anos! Mas deixei-o entrar e fui anunciá-lo.

– E o que ela disse? – o velho Tom conteve a respiração.

– Primeiro não disse nada. Depois ficou tão quieta que pensei que não tinha ouvido. Ia repetir quando ela disse calmamente: “Diga a Mr. Pendleton que desço num minuto”. Fui logo lhe dizer e depois vim correndo para lhe contar a novidade – concluiu Nancy olhando de novo para a casa por cima do ombro.

– Hum! – resmungou o velho Tom voltando ao trabalho.

Na cerimoniosa sala de visitas do solar dos Harrington, Mr. John Pendleton não teve que esperar muito tempo, até ouvir os passos silenciosos de Miss Polly. Quando ele tentou se levantar, foi detido por um gesto de Miss Polly. Ela não ofereceu a mão, pois o cumprimentou com um aceno de cabeça. A sua expressão era fria e reservada.

– Vim saber de Pollyanna – começou ele de imediato, um tanto bruscamente.

– Muito obrigada. Ela está na mesma – disse Miss Polly.

– E não pode me dizer qual o estado dela? – desta vez a voz dele não se manteve tão firme.

Uma sombra de amargura marcou o rosto da senhora.

– Não posso. Gostaria muito de poder dizer-lhe.

– Quer dizer que não sabe?

– Não.

– Mas, e o médico?

– O doutor Warren também não sabe. Está se comunicando com um especialista de Nova Iorque e planeja reunir-se com ele em breve.

– Mas, que ferimentos ela teve?

– Um ligeiro corte na cabeça, uma ou duas esfoladuras e, o mais grave, um traumatismo na coluna que parece ser a causa da paralisia total dos membros inferiores.

O homem soltou um grito abafado. Fez-se um breve silêncio. Logo a seguir perguntou ansioso:

– E Pollyanna, como ela aceita isto?

– Ela ainda não compreendeu bem o que ocorreu. E eu não posso dizer nada!

– Mas, ela deve saber alguma coisa!

Miss Polly levou a mão ao pescoço naquele gesto que, ultimamente, tinha se tornado tão comum nela.

– Oh, sim. Ela sabe que não pode se mover, mas pensa que está com as pernas quebradas. Diz que está contente por ter as pernas quebradas como o senhor, pois é melhor do que ficar inválida a vida toda como Mrs. Snow, pois as pernas quebradas ficam boas enquanto que no outro caso, não. Ela diz isso o tempo todo e eu não sei mais o que fazer!

Através das lágrimas que tinha nos próprios olhos, o homem viu a face da senhora crispada de emoção. E, involuntariamente, os seus pensamentos recuaram para o que Pollyanna tinha lhe dito quando ele fez a última tentativa para ela ir morar com ele: “Ah, eu nunca poderia deixar a tia Polly – agora!”

Foi este pensamento que o fez perguntar muito delicadamente logo que conseguiu controlar a voz:

– Não sei se a senhora sabe, Miss Harrington, mas fiz de tudo para que Pollyanna fosse morar comigo.

– Consigo! Pollyanna!

O homem retraiu-se um pouco perante o tom de voz dela e a sua própria voz tornou-se de novo fria e impessoal quando voltou a falar.

– Sim. Eu queria adotá-la, legalmente, compreende. Queria torná-la minha herdeira.

A senhora, sentada na cadeira defronte dele, descontraiu-se um pouco. Pensou que essa adoção representaria para Pollyanna um futuro brilhante e pensou se Pollyanna teria idade suficiente e se seria suficientemente mercenária para se deixar tentar pela posição e pelo dinheiro deste homem.

– Eu gosto muito, muito de Pollyanna – continuou o homem. – Gosto dela duas vezes: tanto por ela própria como pela mãe. Eu estava pronto para dar a Pollyanna o amor que tenho guardado há vinte e cinco anos.

Amor. De repente Miss Polly se lembrou das razões porque tinha ficado com aquela criança e se lembrou também das palavras que Pollyanna tinha pronunciado naquela manhã: “Adoro ser chamada de querida pelas pessoas da minha família”! E foi a esta menina sedenta de carinho que Pendleton tinha oferecido um amor guardado há vinte e cinco anos e ela era suficientemente madura para ser tentada pelo amor! Com o coração apertado, Miss Polly compreendeu tudo. E, ainda angustiada, compreendeu outra coisa: a aridez e tristeza que seria o seu próprio futuro sem Pollyanna.

– Bem – exclamou ela. E o homem percebendo o esforço de autocontrole que se refletia na aspereza da voz da senhora, sorriu tristemente.

– Mas ela não quis ir – respondeu ele.

– Por quê?

– Ela não a quis deixar. Disse que a senhora havia sido muito boa para ela. Ela quis ficar consigo e disse que pensava que a senhora queria que ela ficasse – concluiu ele enquanto se levantava.

Ele não olhou para Miss Polly. Virou a cara resolutamente em direção à porta, mas ouviu uns passos ligeiros ao seu lado e viu que ela lhe estendia a mão.

– Quando o especialista chegar, eu o informo logo – disse ela com voz insegura. – Adeus, e muito obrigada por ter vindo. Pollyanna ficará contente.

Capítulo XXV

O jogo de espera

No dia seguinte à visita de John Pendleton, Miss Polly começou preparar Pollyanna para a visita do especialista.

– Pollyanna, minha querida – começou ela docemente – decidimos que outro médico, além do doutor Warren, deve examiná-la. Talvez ele possa nos dizer algo novo para tornar a sua recuperação mais rápida.

Uma luz de felicidade iluminou o rosto de Pollyanna.

– O doutor Chilton! Ah, tia Polly, gosto tanto do doutor Chilton! Sempre quis que ele viesse, mas estava receosa que a senhora não quisesse por tê-la visto no solário naquele dia. Foi por isso que eu não disse nada. Mas estou muito contente que a tia queira que ele venha me ver!

Primeiro a tia Polly ficou branca, depois vermelha e depois, de novo branca. Mas quando falou, mostrava claramente que estava tentando falar com naturalidade e alegria.

– Não, querida! Eu não me referia ao doutor Chilton. É outro médico, um médico muito famoso de Nova Iorque que conhece muito sobre ferimentos como os teus.

O rosto de Pollyanna mostrava seu desapontamento.

– Não acredito que ele saiba metade do que sabe o doutor Chilton.

– Ah, sabe sim, tenho certeza, querida.

– Mas foi o doutor Chilton que cuidou da perna quebrada de Mr. Pendleton. Se não se importar, eu gostaria que o doutor Chilton viesse me visitar!

Miss Polly ficou embaraçada. Por momentos, não disse nada, depois, respondeu amavelmente, embora com um toque do seu antigo tom de seriedade:

– Mas eu me importo, Pollyanna, me importo muito. Por você sou capaz de fazer qualquer coisa que for preciso, mas tenho razões, que não quero falar agora, para não chamar o doutor Chilton e você deve acreditar que ele não sabe tanto como este médico que vem de Nova Iorque amanhã.

Pollyanna olhava pouco convencida.

– Mas, tia Polly, se a senhora amasse o doutor Chilton...

– O quê? – a voz da tia Polly soou muito áspera. E também estava muito vermelha.

– Eu dizia: se uma pessoa amasse o doutor Chilton e não amasse o outro, acho que isso faria muita diferença no tratamento. E eu amo o doutor Chilton.

Nesse momento, a enfermeira entrou no quarto e a tia se levantou bruscamente com uma expressão de alívio.

– Sinto muito, Pollyanna, mas receio que seja eu que julgue o que convém fazer. Além disso, já está tudo combinado. O médico de Nova Iorque chega amanhã.

Mas isso não aconteceu. O médico não veio no dia seguinte. No último momento receberam um telegrama comunicando que o próprio especialista tinha adoecido e não poderia vir por enquanto. Isto levou Pollyanna a insistir na substituição dele pelo doutor Chilton.

A tia Polly, entretanto, balançava a cabeça e dizia um “não querida” bastante decisivo, mesmo depois de declarar que faria qualquer coisa, tudo mesmo, para agradar a querida Pollyanna.

E enquanto os dias passavam Miss Polly, de fato, empenhava-se em fazer tudo quanto possível para agradar sua sobrinha.

– Eu nem queria acreditar – dizia Nancy ao velho Tom numa manhã. – A Miss Polly está permanentemente ansiosa em fazer qualquer coisa que agrade à menina, já deixa até subir o gato e o cão deixando-os passear em cima da cama da menina Pollyanna! E quando não tem mais nada que fazer, anda pelo quarto de um lado para o outro com os vidrinhos fazendo “a dança do arco-íris”, como a menina chama. Já mandou o Timothy comprar flores por três vezes e, no outro dia, encontrei-a

sentada na cama com a enfermeira a penteá-la, seguindo as instruções de Miss Pollyanna. Juro que daqui por diante Miss Polly não usará outro penteado. Será só aquele que Miss Pollyanna gosta, aquela menina abençoada.

O velho Tom deu uma risada.

– Bem, eu também fiquei surpreendido quando vi Miss Polly muito bonita com aqueles cachos na testa – observou ele friamente.

– Claro que está muito melhor! – respondeu Nancy indignada. – Até parece gente. Agora ela é quase...

– Cuidado, Nancy – advertiu o velho jardineiro, com um sorriso. – Lembra quando eu disse que ela era bonita?

Nancy encolheu os ombros.

– Ela não é bonita, mas pelo menos não parece a mesma mulher.

– Eu disse que ela não era velha.

– É verdade. E eu respondi que se não era velha, imitava muito bem até Miss Pollyanna chegar. Diga, Mr. Tom, quem era o namorado dela? Ainda não consegui descobrir!

– Não conseguiu? – perguntou o velho, olhando-a com um olhar estranho. – Bem, acho que não será comigo que vais descobrir alguma coisa.

– Ah, Mr. Tom, tem muita gente por aí para perguntar.

– Talvez, mas pelo menos eu nunca vou dizer nada – resmungou o velho Tom. Depois, bruscamente, a luz dos seus olhos se apagaram. – Como está a menina hoje?

Nancy abanou a cabeça. O rosto também se fechou numa expressão triste.

– Está na mesma. Não se nota diferença nenhuma. Continua deitada, conversa alguma coisa, tenta ficar contente porque o sol ou a lua nasce ou por qualquer outro pretexto. É de partir o coração.

– Eu sei, é o jogo – disse o velho Tom.

– Ela também lhe contou sobre o jogo?

– Ah, sim, há muito tempo – o velho hesitou, e depois prosseguiu: – Um dia, quando eu estava resmungando e me lamentando por estar todo arqueado, a menina me contou.

– Essa eu não posso adivinhar. Como é que um velho todo arqueado pode ficar contente com isso?

– Ela arranjou uma maneira. Disse que eu devia ficar contente por não ter que me dobrar tanto para fazer o meu trabalho, porque já estava parcialmente curvado.

Nancy deu uma risada.

– Bem, isso não me surpreende. Ela sempre descobre alguma coisa. Desde que chegou que nós fazemos esse jogo, pois não havia mais ninguém com quem ela pudesse jogar, embora tivesse falado à tia.

– A Miss Polly?

Nancy disse que sim com a cabeça.

– A sua opinião sobre ela não deve ser muito diferente da minha – observou Nancy piscando o olho.

– Eu só estava pensando como esse jogo seria uma surpresa para ela – explicou ele com certa dignidade.

– Sim, acho que sim – retorquiu Nancy – mas não sei se agora ainda seria uma surpresa. Eu já não duvido de mais nada e até acredito que tudo é possível com a patroa, até mesmo ela jogar o jogo!

– Mas a menina ainda não lhe contou? Ela já ensinou o jogo para quase todo mundo. Desde que teve o acidente só se ouve falar nisso – disse Tom.

– Ela não contou para Miss Polly porque a senhora não queria que ela falasse do pai e, como foi um jogo ensinado pelo pai, ela tinha que falar dele e, por isso, nunca lhe ensinou o jogo.

– Ah, entendi – murmurou o velho balançando a cabeça. – Ninguém da família gostava do pastor que

levou Miss Jenny embora. E Miss Polly, que era a mais nova e gostava muito de Miss Jenny, nunca o perdoou. Esse mundo...

– Sim, está tudo de cabeça para baixo – suspirou Nancy, voltando para a cozinha.

Aqueles dias de espera não foram fáceis para ninguém. A enfermeira tentava aparentar alegria, mas os olhos denunciavam preocupação. O médico revelava nervosismo e impaciência. Miss Polly pouco falava, mas mesmo os cachos do cabelo que lhe caíam sobre o rosto e os lindos laços no pescoço não escondiam o fato dela estar mais magra e mais pálida a cada dia. Quanto a Pollyanna, acariciava o cachorro e o gato, admirava as flores, comia as frutas e os doces que lhe mandavam e respondia às inúmeras mensagens de carinho que lhe traziam. Mas também estava cada vez mais magra e pálida, e a atividade nervosa dos seus braços e das mãozinhas apenas realçava a imobilidade dos membros inferiores sob os cobertores.

Quanto ao jogo, Pollyanna dissera a Nancy, num desses dias, como ficaria contente quando pudesse voltar à escola, visitar Mrs. Snow e Mr. Pendleton, andar de charrete com o doutor Chilton, etc. Parecia não se dar conta de que todo esse contentamento era no futuro e não no presente. Nancy, porém, dava-se conta disso e chorava quando ficava sozinha.

Capítulo XXVI

Uma porta entreaberta

O doutor Meed, o especialista, finalmente chegou uma semana depois da data inicialmente combinada. Era um homem alto, de ombros largos, um sorriso alegre, olhos cinzentos e simpáticos. Pollyanna logo gostou dele e disse:

– O senhor se parece muito com o meu médico.

– Com o seu médico? – o doutor Meed olhou surpreendido para o doutor Warren que falava com a enfermeira a alguns metros. O doutor Warren era um homem pequeno de olhos castanhos e com cavanhaque

– Ah, ele não é o meu médico – sorriu Pollyanna adivinhando o que ele estava pensando. – O doutor Warren é o médico da tia Polly. O meu médico é o doutor Chilton.

– Ah! – disse o doutor Meed com um sorriso um pouco estranho, olhando para Miss Polly que tinha se retirado apressadamente com a face ruborizada.

– O senhor sabe – reafirmou Pollyanna, – eu quis o doutor Chilton desde o começo, mas tia Polly quis o senhor. Ela disse que sabia mais do que o doutor Chilton sobre pernas quebradas. E se isso é verdade, devo ficar contente com isso. Não é?

O rosto do médico foi atravessado rapidamente por uma expressão estranha que Pollyanna não conseguiu interpretar.

– Só o tempo pode dizer, minha menina – disse ele com doçura. Depois virou a cara séria para o doutor Warren que tinha chegado junto da cama.

Mais tarde, todos disseram que tinha sido o gato. Com efeito, se o Fluffy não tivesse empurrado a porta com o nariz, esta não teria ficado entreaberta e Pollyanna não teria ouvido as palavras da tia.

No hall, os dois médicos, a enfermeira e Miss Polly estavam falando de Pollyanna. No quarto de Pollyanna, Fluffy tinha acabado de saltar para a cama ronronando e através da porta entreaberta ouviu-se a exclamação angustiada da tia Polly.

– Isso não, doutor! Não me diga que a menina nunca mais vai poder andar!

Então, foi a grande confusão. Primeiro, do quarto, ouviu-se o grito aterrorizado de *“tia Polly, tia Polly!”* A tia viu a porta aberta e compreendeu que a sobrinha tinha ouvido as suas palavras. Deu um gemido e desmaiou pela primeira vez em sua vida.

A enfermeira exclamou alarmada: *“Ela ouviu!”* e correu para a porta entreaberta. Os dois médicos ficaram com Miss Polly. O doutor Meed amparou Miss Polly quando esta caia. O doutor Warren estava ali ao lado, sem saber o que fazer. Só quando Pollyanna gritou de novo e a enfermeira fechou a porta é que os dois homens, olhando desesperadamente um para o outro, compreenderam a necessidade de fazer com que a senhora acordasse de novo.

No quarto de Pollyanna, a enfermeira encontrou um gato cinzento deitado na cama ronronando.

– Miss Hunt, por favor, eu quero a tia Polly. Quero já, por favor!

A enfermeira fechou a porta e aproximou-se dela. Estava muito pálida.

– Ela não pode vir agora, querida. Ela vem daqui a pouco. O que foi? Não posso ajudar?

Pollyanna disse que não com a cabeça.

– Quero saber se o que ela acabou de dizer é verdade. Eu ouvi! Quero a tia Polly. Ela disse uma coisa importante. Quero que ela diga que não é verdade!

A enfermeira tentou falar, mas não conseguiu. Algo visível no seu rosto fazia com que Pollyanna ficasse ainda mais aflita.

– Miss Hunt, a senhora ouviu o que ela disse? Então é verdade! Ah não, não pode ser! Não pode ser verdade que eu nunca mais vou poder andar, nem correr!

– Não, talvez não. Talvez o doutor não saiba bem e esteja enganado. Ainda pode acontecer muita

coisa.

– Mas a tia Polly disse que ele sabia! Ela disse que ele sabia mais do que qualquer outra pessoa sobre pernas no meu estado!

– Sim, eu sei, querida, mas todos os médicos se enganam às vezes. Não pense mais nisso por agora.

Pollyanna sacudiu-a.

– Mas, eu não posso deixar de pensar nisso. Como é que eu vou à escola, como vou visitar Mr. Pendleton e Mrs. Snow, e as outras pessoas? – e começou a soluçar. – Se eu não posso andar mais, como vou conseguir ficar contente com alguma coisa?

Miss Hunt não conhecia o jogo, mas sabia que a sua doente precisava ser acalmada imediatamente. A enfermeira deu-lhe um calmante e disse:

– As coisas às vezes não são tão ruins como parecem.

– Eu sei, o papai também costumava dizer isso – disse Pollyanna chorando. – Ele dizia que sempre havia alguma coisa pior. Não vejo nada que possa ser pior que isto. Você vê?

Miss Hunt não respondeu.

Capítulo XXVII

Duas visitas

Miss Polly não tinha se esquecido da promessa de informar Mr. John Pendleton logo que tivesse informações concretas do médico. Ir ela mesma ou escrever uma carta não lhe parecia conveniente. Por isso lhe ocorreu mandar Nancy avisá-lo.

Tempos atrás, Nancy teria ficado muito contente com esta extraordinária oportunidade para ir à casa misteriosa de Mr. Pendleton. Mas hoje ela estava tão triste que não conseguia se alegrar com nada. Durante os minutos que teve de aguardar pela chegada de Mr. John Pendleton, ela mal olhou para os lados.

– Eu sou a Nancy, senhor – disse ela respeitosamente em resposta à interrogação espelhada no olhar dele. – Miss Harrington me mandou trazer informações sobre Miss Pollyanna.

– Então?

Apesar da brevidade da palavra, Nancy compreendeu a imensa ansiedade que se escondia por trás do curto “então”.

– As notícias não são boas, Mr. Pendleton.

– Quer dizer que... – ele hesitou e Nancy abaixou a cabeça.

– Sim, senhor. Ela nunca mais poderá andar.

Fez-se silêncio absoluto. Depois com a voz sacudida pela emoção o homem disse:

– Pobre menina! Pobre menina!

Nancy olhou para ele, mas logo abaixou o olhar. Ela nunca imaginou que aquele sujeito antipático e sério pudesse ficar assim. Em voz baixa e pouco firme ele falou de novo:

– Mas que crueldade, nunca mais poder dançar! A minha linda menina dos prismas!

Fez-se outra vez silêncio e depois, bruscamente, o homem perguntou:

– Ela ainda não sabe disso, sabe?

– Sabe, sim, senhor – disse Nancy soluçando. – É isso que torna tudo ainda mais difícil. Ela descobriu por causa do gato! É que o gato empurrou a porta e Miss Pollyanna ouviu o que o médico estava dizendo para Miss Polly. Foi assim que descobriu.

– Pobre menina! – exclamou o homem de novo.

– Sim, senhor. Se o senhor pudesse vê-la! Só a vi duas vezes desde que ela soube tudo e nas duas vezes desatei a chorar. Foi tudo há tão pouco tempo que ela não consegue deixar de pensar nas coisas que não pode mais fazer. Está muito triste também porque não consegue ficar contente. Não sei se o senhor conhece o jogo dela?

– O jogo do contente? – perguntou o homem. – Sim, ela me ensinou.

– Ah, também lhe ensinou! Ela deve ter ensinado a quase todo mundo. Mas agora não consegue jogá-lo e é isso que a preocupa. Diz que não consegue se lembrar de nada que a faça ficar contente.

– E não tem razão? – retorquiu o homem, quase zangado.

Nancy ficou ainda menos à vontade.

– Eu também acho, mas seria mais fácil se ela conseguisse encontrar alguma coisa. Por isso eu tentei fazê-la se lembrar.

– Lembrar? Lembrar do quê? – a voz de John Pendleton continuava zangada e impaciente.

– Lembrar de como ela dizia para os outros jogarem aquele jogo. À Mrs. Snow e aos outros e daquilo que ela dizia para eles fazerem. Mas a pobre menina chora e diz que não é a mesma coisa. Ela diz que é mais fácil dizer para os inválidos como eles devem ficar contentes, mas que não é a mesma coisa tratando-se de si mesma. Diz que está cansada de pensar que está contente porque os outros não estão inválidos, mas diz que durante todo o tempo em que está dizendo isso, não está realmente

pensando nisso, mas sim em que não vai conseguir andar de novo.

Nancy fez uma pausa, mas o homem nada disse. Estava sentado com as mãos nos olhos.

– Depois, tentei lembrá-la de que ela costumava dizer que o jogo ficava mais bonito de se jogar quando ficava mais difícil. Mas agora ela diz que é diferente por ser difícil demais. Preciso ir embora agora, senhor – Nancy voltou-se bruscamente, não podendo mais conter um acesso de choro.

Na porta, antes de sair, ela hesitou, virou-se e perguntou timidamente:

– Posso contar para Miss Pollyanna que o senhor esteve de novo com o Jimmy Bean?

– Não, acho que não. Esse menino não apareceu mais. Por quê?

– Não é nada senhor, é que essa é uma das coisas que a deixa muito triste: o fato de não ter conseguido vir até aqui com ele de novo. Ela disse que o trouxe uma vez, mas ele não se comportou muito bem naquele dia, e ela estava com medo de que o senhor pensasse, depois de tudo, que ele não pudesse ser uma presença de criança agradável. Talvez o senhor entenda o que ela quis dizer, mas eu não.

– Sim, eu sei o que ela quis dizer.

– Então está tudo bem. É que ela estava ansiosa para voltar e mostrar que ele é realmente uma presença agradável de criança. E agora não pode por causa daquele automóvel! Perdoe-me, senhor. Até logo! – E Nancy se esquivou precipitadamente.

Não demorou muito para que toda a cidade de Beldingsville soubesse que o grande médico de Nova Iorque tinha dito que Pollyanna Whittier nunca mais voltaria a andar. Certamente a cidade nunca tinha ficado tão agitada antes. Todo mundo conhecia, quanto mais não fosse de vista, aquela carinha sardenta que a todos cumprimentava com um sorriso e também porque quase todos conheciam o jogo de Pollyanna. Pensar que não iriam mais ver aquele rosto sorridente nas ruas – nunca mais aquela alegre vozinha proclamando o contentamento de alguma experiência do dia a dia! Parecia inacreditável, impossível, cruel.

Nas cozinhas e nas salas, nos quintais e nas ruas, mulheres falavam do assunto e choravam abertamente. Nas esquinas e nas lojas, também os homens falavam e choravam, embora não abertamente. E as pessoas ficaram ainda mais tristes quando Nancy contou que Pollyanna não podia mais jogar o seu jogo e que por isso não conseguia ficar contente com nada.

Isso fez com que todos os amigos de Pollyanna tivessem o mesmo pensamento. E o solar dos Harrington, para surpresa de sua dona, começou a receber visitas e mais visitas, de gente que ela conhecia e de gente que nunca tinha visto antes, visita de homens, mulheres e crianças, muitos dos quais Miss Polly nem imaginava que conhecessem sua sobrinha.

Alguns chegavam e ficavam sentados por cinco ou dez minutos. Alguns traziam livros, um ramo de flores ou guloseimas para tentar o paladar. Alguns choravam abertamente. Outros fungavam tanto que ficavam com o nariz vermelho. Porém todos perguntavam ansiosamente pela pequena doente e deixavam mensagens. E foram essas mensagens que, depois de um tempo, levaram Miss Polly a agir.

Primeiro veio Mr. John Pendleton. Nesse dia chegou sem muletas.

– Não preciso dizer que estou muito chocado – começou ele, de maneira pouco amável. – Não é possível fazer nada?

Miss Polly fez um gesto de desespero.

– Estamos fazendo tudo o que é possível. O doutor Meed receitou certos tratamentos e remédios que talvez ajudem e o doutor Warren está seguindo tudo à risca. Mas o doutor Meed disse que não tem nenhuma esperança.

John Pendleton levantou-se bruscamente, apesar de ter acabado de chegar. Estava muito pálido e sério. Miss Polly percebeu que ele tinha consciência de que não podia permanecer muito tempo na sua presença. Ao sair, junto à porta, voltou-se.

– Tenho uma mensagem para Pollyanna – ele disse. – É capaz de lhe dizer, por favor, que eu já estive com o Jimmy Bean e que a partir de agora ele vai viver comigo. Diga-lhe que eu acho que ela ficará contente em saber que, provavelmente, vou adotá-lo.

Por um breve momento, Miss Polly perdeu o seu habitual autocontrole.

– Vai adotar Jimmy Bean?! – exclamou ela.

O homem ergueu um pouco o queixo.

– Sim. Acho que Pollyanna vai compreender. Diga-lhe, por favor, eu acho que ela ficará contente.

– Por quê? Sim, sim, naturalmente – gaguejou Miss Polly.

– Muito obrigado – disse John Pendleton, cumprimentando a senhora antes de ir embora.

Miss Polly ficou imóvel na soleira da porta, em silêncio e perplexa, olhando na direção do homem que havia ido embora. Ainda não acreditava no que tinha ouvido. John Pendleton adotar Jimmy Bean? John Pendleton, aquele homem rico, independente, com reputação de ser extremamente egoísta, adotar um rapaz, e um rapaz daqueles? Ainda com a expressão de surpresa estampada no rosto, Miss Polly dirigiu-se ao quarto de Pollyanna no andar de cima.

– Pollyanna, tenho uma mensagem de Mr. John Pendleton para você. Ele esteve aqui agora mesmo. Pediu para lhe dizer que resolveu adotar Jimmy Bean. Ele achou que iria ficar contente ao saber disso.

O rosto de Pollyanna inflamou-se de alegria.

– Contente? Contente? Acho que sim, tia Polly! Eu fiz de tudo para encontrar uma casa para o Jimmy e certamente aquela é uma casa adorável! Além disso, também estou muito contente por Mr. Pendleton. Ele agora terá a presença de uma criança.

– Presença de criança? Que história é essa?

Pollyanna ficou corada. Tinha esquecido que nunca havia contado para a sua tia o desejo de Mr. Pendleton em adotá-la. E, certamente, não seria agora que iria contar que ela nunca havia pensado em abandoná-la – a sua querida tia Polly!

– Presença de criança, sim – gaguejou Pollyanna, afobadamente. – Uma vez, Mr. Pendleton me contou que somente a mão e o coração de uma mulher ou a presença de uma criança podia fazer um lar. E agora ele conseguiu a presença de uma criança.

– Ah, compreendo – disse Miss Polly docemente; e compreendia melhor do que Pollyanna pensava. Compreendeu a pressão a que Pollyanna estivera sujeita quando John Pendleton tinha lhe pedido para ser a criança que transformaria a sua grande casa de pedra num lar. – Eu compreendo – concluiu ela com os olhos inundados de lágrimas.

Pollyanna ficou receosa de que a sua tia fizesse mais perguntas embaraçosas e tratou de mudar o assunto da casa de Pendleton e do seu dono.

– O doutor Chilton também disse isso: é preciso a mão e o coração de uma mulher ou a presença de uma criança para fazer um lar – observou ela.

Miss Polly virou-se de repente.

– O doutor Chilton! Como sabe disso?

– Ele me disse. Foi quando me disse que vivia apenas em quartos e salas, mas não num lar.

Miss Polly não respondeu. Olhava pensativa pela janela.

– Então eu perguntei por que é que ele não arranjava uma mulher e fazia um lar.

– Pollyanna! – Miss Polly tinha se voltado com severidade. Tinha as faces ruborizadas.

– Sim, eu perguntei. Ele parecia muito triste.

– E o que ele disse? – perguntou Miss Polly como se contrariasse uma força interior.

– Durante um minuto não disse nada, depois, muito baixinho, disse que não é possível arranjar uma mulher sempre que se quer.

Fez-se um breve silêncio. Os olhos de Miss Polly voltaram-se de novo para a janela. Continuava muito corada.

Pollyanna suspirou.

– Ele continua a querer uma mulher, eu sei e eu gostaria que arranjasse.

– Por quê, Pollyanna, como é que você sabe?

– Porque depois, no outro dia, ele me disse outra coisa. Ele disse, também muito baixinho, mas eu consegui ouvir. Disse que daria tudo para conseguir a mulher que amava. O que foi, tia Polly? – a tia tinha se levantado de repente, dirigindo-se para a janela.

– Não é nada, querida. Estava só mudando a posição deste prisma – disse a tia cada vez mais corada.

Capítulo XXVIII

O jogo e seus jogadores

Pouco depois da segunda visita de John Pendleton, apareceu Milly Snow. Milly nunca tinha estado no solar dos Harrington. Estava corada e parecia muito embaraçada quando Miss Polly entrou na sala.

– Vim saber da menina – balbuciou ela.

– É muito simpático da sua parte. Mas ela está na mesma. Como está a sua mãe? – perguntou Miss Polly com ar cansado.

– É isso que eu vim lhe dizer, isto é, pedir para que a senhora conte para Miss Pollyanna – começou Milly, ansiosa e incoerente. – Nós estamos muito tristes porque ela não pode mais andar, depois de tudo que fez por nós, pela minha mãe; a senhora sabe, ensinando-a a jogar aquele jogo e tudo mais, e ficamos ainda mais tristes ao saber que, agora, ela não consegue mais jogá-lo. Compreendo que agora não consegue, nas condições em que está! Mas, quando nos lembramos de todas as coisas que nos disse, achamos que se ela soubesse o que fez por nós, isso podia ajudar no caso dela, com o jogo, porque ela poderia ficar contente, pelo menos um pouco contente.

Milly parou de falar, como que esperando que Miss Polly dissesse algo. Miss Polly tinha sentado educadamente para ouvi-la, mas estava um pouco confusa. Só tinha entendido metade do que a moça dissera. Estava pensando que Milly Snow sempre teve a fama de “esquisita”, mas não imaginava que fosse desequilibrada. De que outra maneira poderia ela amontoar tantas palavras incoerentes, ilógicas e incompreensíveis. Quando a moça fez uma pausa, ela disse calmamente:

– Acho que não compreendi muito bem, Milly. O que realmente quer que eu diga à minha sobrinha?

– Sim, é isto. Quero que a senhora diga para ela que não pode imaginar o bem que fez por nós. Ela, sem dúvida, viu muitas coisas, porque sempre ia lá, e compreendeu que minha mãe é diferente, mas eu quero que ela saiba como ela está diferente do que era. E eu também. Eu também tenho tentado jogar o jogo, um pouco.

Miss Polly franziu a testa. Queria perguntar o que Milly queria dizer com isso de “jogo”, mas não teve tempo. Milly já estava falando de novo, muito eloquente e nervosa.

– Sabe, antes nada estava bem para a minha mãe. Ela estava sempre querendo coisas diferentes e, devido às circunstâncias, não podemos censurá-la. Mas, agora, ela me deixa abrir as cortinas e se interessa pelas coisas. Interessa-se pela sua aparência, pela camisola de dormir e tudo mais. Até começou a tricotar mantas de bebês, para vender nas lojas e para os hospitais. E está muito interessada e muito contente por saber que pode fazer! E tudo isso é resultado da ação de Miss Pollyanna, porque foi ela que disse que a mãe devia ficar contente por ter braços e mãos. E isso a fez pensar em fazer alguma coisa com os braços e com as mãos. Aí, começou a tricotar. E nem imagina como o quarto agora está diferente, com todas aquelas cores vermelhas, azuis e amarelas, dos prismas nas janelas que Miss Pollyanna lhe deu. Agora, até dá gosto de entrar lá. Antes estava tudo escuro e triste, e a mãe sempre tão infeliz que eu receava até entrar. Assim, peço para dizer a Miss Pollyanna que estamos muito contentes e lhe devemos esta felicidade. Achamos que se ela soubesse como estamos contentes, isso poderia torná-la um pouco mais contente. E isso é tudo – disse Milly suspirando e levantando-se apressadamente. – A senhora dá o recado?

– Com certeza – murmurou Miss Polly, imaginando quanto daquele extraordinário recado ela conseguiria se lembrar para transmitir.

Estas visitas de John Pendleton e de Milly Snow foram apenas as primeiras de muitas e as pessoas deixavam sempre mensagens. Mensagens tão curiosas, que Miss Polly estava cada vez mais e mais intrigada.

Um dia apareceu a viúva Benton. Miss Polly a conhecia bem, embora nunca se tivessem falado. Era conhecida como sendo a mulher mais triste da cidade, vestida sempre de preto. Hoje, entretanto, Mrs. Benton usava um laço azul claro no pescoço embora tivesse lágrimas nos olhos. Falou da sua tristeza pelo acidente e depois perguntou se podia ver Pollyanna.

Miss Polly abanou a cabeça.

– Lamento, mas ela ainda não pode ver ninguém. Talvez mais tarde.

Mrs. Benton enxugou os olhos, levantou e se preparou para ir embora. Mas, quando estava quase na porta, voltou atrás apressadamente.

– Miss Harrington, talvez possa lhe transmitir uma mensagem.

– Com certeza, Mrs. Benton. Terei todo o prazer.

A mulher ainda hesitou até que disse:

– É capaz de lhe dizer, por favor, que eu pus isto – disse ela apontando para o laço azul no pescoço. Depois, perante o olhar de surpresa de Miss Polly, acrescentou: – Durante muito tempo, a menina tentou fazer com que eu usasse alguma cor, e por isso eu pensei que ela ficaria contente porque eu comecei. Se disser isso à Pollyanna, ela irá compreender. – E saiu, fechando a porta atrás de si.

No mesmo dia, um pouco mais tarde, veio outra viúva. Esta ainda vestia preto. Miss Polly não a conhecia. A senhora disse que se chamava Mrs. Tardell.

– Para a senhora, sou uma desconhecida – começou ela. – Mas não sou uma estranha para a sua sobrinha Pollyanna. Estive no hotel durante o verão e todos os dias dava grandes passeios por causa da minha saúde. Foi num desses passeios que conheci a sua sobrinha, uma menina tão amorosa! Gostaria de lhe explicar o que ela significa para mim. Quando cheguei aqui, estava muito deprimida e a sua carinha alegre me lembrava a filha que perdi há muitos anos. Fiquei muito chocada quando soube do acidente e que nunca mais poderá andar e por não conseguir ficar contente! Eu tinha que vir aqui visitá-la.

– É muito simpático da sua parte – murmurou Miss Polly.

– Gostaria que lhe transmitisse uma mensagem minha. É possível?

– Com certeza.

– Diga-lhe, por favor, que agora a Mrs. Tardell está contente. Eu sei que parece estranho e que não compreende bem. Vai me desculpar, mas prefiro não explicar. A sua sobrinha sabe o que eu quero dizer e eu senti que tinha que vir aqui para dizer isto a ela. Muito obrigado e desculpe se houve alguma indelicadeza da minha parte – dizendo isto a senhora foi embora.

Miss Polly, completamente confusa, subiu apressadamente as escadas até o quarto de Pollyanna.

– Pollyanna, conheces uma Mrs. Tardell?

– Ah, sim, gosto muito da Mrs. Tardell. É uma pessoa doente e muito deprimida, e estava hospedada no hotel. Além disso, faz grandes passeios. Costumamos passear juntas. Quero dizer, costumávamos passear – Pollyanna se engasgou, e duas grandes lágrimas rolaram pelo seu rosto.

Miss Polly sentiu um nó na garganta.

– Pois olha, querida, ela acabou de vir visitá-la. Deixou uma mensagem, mas não quis dizer o que significava. Me pediu para dizer a você que agora está muito contente.

Pollyanna bateu palmas.

– Ela disse isso? Oh, fico tão contente!

– Mas, Pollyanna, o que ela queria dizer com isso?

– Bom, é o jogo... – Pollyanna calou-se, levando os dedos aos lábios.

– Mas que jogo?

– Nada, não, tia Polly. É que eu não posso contar a menos que fale de outras coisas que não devo falar.

Miss Polly estava a ponto de perguntar o que eram essas coisas, mas o embaraço espelhado no rosto da menina a impediu de continuar.

Pouco tempo depois da visita de Mrs. Tardell, a curiosidade de Miss Polly atingiu o ponto máximo. Foi a visita de uma certa mulher ainda jovem, cheia de pó de arroz e com o cabelo excessivamente amarelo. Usava saltos muito altos e muita bijuteria barata. Miss Polly conhecia muito bem a reputação que esta mulher tinha e, por isso, ficou desagradavelmente surpreendida ao vê-la de visita ao solar dos Harrington. Miss Polly não lhe estendeu a mão. Ao entrar na sala, até se retraiu.

A mulher se levantou de imediato. Tinha os olhos muito vermelhos como se tivesse chorado. Com um ar meio desafiador, perguntou se podia ver, por um momento, a menina Pollyanna.

Miss Polly disse que não. Começou falando com um ar muito sério, mas algo nos olhos suplicantes da mulher fizeram com que acrescentasse educadamente uma explicação, dizendo que ninguém estava autorizado a ver Pollyanna.

A mulher hesitou, depois falou um pouco bruscamente. O queixo continuava ligeiramente levantado como numa expressão de desafio.

– Me chamo Mrs. Payson, Mrs. Tom Payson. Calculo que já tenha ouvido falar de mim. A maioria das pessoas de bem da cidade já ouviu, embora muito do que ouviu falar não seja verdade. Mas isso não interessa. Foi por causa da menina que eu vim. Tive conhecimento do acidente e fiquei completamente desolada. Na semana passada soube que ela não poderá mais andar e bem gostaria de poder lhe dar as minhas pernas. Ela faria mais benefícios com elas em uma hora do que eu em cem anos. Mas isso não interessa. Pernas nunca são dadas para quem pode fazer melhor uso delas.

Fez uma pausa e tentou limpar a garganta, mas quando voltou a falar a voz continuava constrangida.

– Talvez não saiba, mas eu me dou muito bem com a sua sobrinha. Vivemos na estrada da colina Pendleton e ela costumava passar lá muitas vezes. Entrava e brincava com os meus filhos, conversava comigo e com o meu marido, quando ele estava em casa. Parecia gostar de nós. Claro que não sabia que as outras pessoas normalmente não conversam com gente como nós. Talvez se falassem mais, Miss Harrington, não haveria tantos como nós – acrescentou ela com amargura.

– Seja como for, vinha muitas vezes e nos fez muito bem. Este ano tivemos muitas dificuldades. Estávamos tristes e desanimados, tanto eu como o meu homem. Estávamos prontos para tudo. Estávamos pensando em nos separar e deixar as crianças. Depois aconteceu o acidente e soubemos que a menina nunca mais poderia andar. Começamos então a pensar como ela costumava chegar e sentar-se à nossa porta, brincar com as crianças, rir e ficar contente. Ela estava sempre contente com alguma coisa, até que um dia me explicou o jogo e tentou me convencer a jogá-lo. Agora ouvimos dizer que ela está muito triste porque não consegue mais jogá-lo, pois não tem nada que lhe deixe contente. É por isso que eu vim hoje aqui. Talvez ela fique um pouco contente por nossa causa, pois decidimos continuar juntos e jogar o jogo. Eu sei que ela ficará contente porque costumava sentir-se triste com as coisas que às vezes dizíamos. Ainda não sei muito bem como o jogo vai nos ajudar, mas talvez ajude. De qualquer forma, vamos tentar. É capaz de lhe dizer?

– Sim, eu digo – prometeu Miss Polly um pouco abatida.

Depois num súbito impulso, avançou e estendeu a mão para a mulher. – Muito obrigada por ter vindo, Mrs. Payson – disse ela com simplicidade.

O ar de desafio da mulher desapareceu e seus lábios tremeram visivelmente. Murmurou alguma coisa sem coerência, porém apertou a mão estendida, e foi embora.

Mal a porta se fechou, Miss Polly foi falar com Nancy na cozinha.

– Nancy!

Miss Polly falava com decisão. Aquela série de visitas desconcertantes e confusas dos últimos dias, que tinham culminado com esta última experiência, a tinham deixado com os nervos em frangalhos. Desde o acidente de Pollyanna que Nancy não ouvia a patroa falar com tanta seriedade.

– Nancy, me conta o que é esse “jogo” absurdo de que toda a cidade fala? E me diga, por favor, o que a minha sobrinha tem a ver com isso? Por que é que todo mundo, desde Milly Snow a Mrs. Tom Payson, me pede para que eu diga que estão “jogando o jogo”? Tanto quanto me parece, metade da cidade está usando laços azuis, deixou de discutir ou aprendeu a gostar de alguma coisa que não gostava antes. E tudo por causa de Pollyanna. Tentei perguntar à Pollyanna, mas parece que não consigo muita coisa e não quero incomodá-la agora. Mas, pelo que ouvi ela falando contigo ontem à noite, creio que você também é uma dessas pessoas. Agora quero que me conte o que significa tudo isto.

Para surpresa de Miss Polly, Nancy desatou a chorar.

– Isso significa que desde junho, essa menina querida tem feito de tudo para que toda a cidade fique contente e agora toda essa gente está tentando retribuir fazendo com que ela também fique contente.

– Contente com o quê?

– Contente, só contente. É esse o jogo.

Miss Polly já batia o pé.

– Continuo não entendendo, Nancy. Que jogo?

Nancy ergueu o queixo. Enfrentou a patroa e olhou diretamente nos olhos dela.

– Vou contar, senhora. É um jogo que o pai de Miss Pollyanna a ensinou a jogar. Numa ocasião, ela recebeu um par de muletas numa coleta de doação quando queria uma boneca e chorou muito como qualquer criança faria. Parece que foi então que o pai a ensinou que sempre há alguma coisa capaz de nos alegrar e que ela devia ficar contente por ter recebido aquelas muletas.

– Contente por causa das muletas?! – exclamou Miss Polly chocada ao pensar nas perninhas paralisadas da menina.

– Sim, senhora. Foi isso que eu disse e Miss Pollyanna disse que também foi isso que ela tinha dito naquela ocasião. Porém, ele explicou como ela podia ficar contente: devia ficar contente por não precisar das muletas.

– Oh! – gritou Miss Polly.

– E, depois disso, ela disse que ele fez daquilo um jogo constante, descobrindo sempre alguma coisa para ficar contente. Dizia que também sabia jogar e que não se importou muito por não ter recebido a boneca porque estava muito contente por não precisar das muletas. Chamavam de “o jogo do contente”. É esse o jogo, senhora e, desde então, ela tem jogado sempre.

– Mas, como... como... – gaguejou Miss Polly.

– A senhora não imagina como o jogo funciona bem – reafirmou Nancy quase com a convicção de Pollyanna. – Não imagina como ele tem me feito bem, à minha mãe e à minha família. Todos lá em casa. Ela já foi nos visitar duas vezes. A mim também tem me dado muito contentamento, por muitas coisas. Tudo se torna mais fácil. Por exemplo, eu já não me importo de me chamar “Nancy” porque ela me explicou que eu devia ficar contente por não me chamar “Hiphzibah”. E há também as segundas-feiras de manhã que eu costumava detestar tanto. Ela conseguiu com que eu ficasse contente por ser segunda-feira de manhã.

– Contente, às segundas-feiras de manhã?

Nancy riu.

– Eu sei que parece estranho, senhora. Mas deixe-me explicar. A menina me disse que eu devia ficar contente por ser segunda-feira de manhã, mais do que qualquer outro dia da semana, porque assim faltava uma semana inteira antes de ter outra! E me ajudou muito, senhora. Pelo menos, eu morro de rir cada vez que penso nisso!

– Mas por que ela nunca me ensinou o jogo? – perguntou Miss Polly. – Por que ela faz tanto mistério cada vez que eu pergunto?

Nancy hesitou.

– Desculpe senhora, mas a senhora disse para ela não falar do pai e assim ela não pode lhe contar. Era um jogo do pai.

Miss Polly mordeu o lábio.

– Ela quis lhe explicar o jogo, no princípio – continuou Nancy insegura. – Ela queria alguém que jogasse com ela. Foi por isso que eu comecei a jogá-lo.

– E os outros?

– Ela contou a muita gente e esses contaram a outras pessoas. Eu acho que agora todo mundo o conhece. Aonde a gente vai, ouve falar nele. Além disso, ela estava sempre sorrindo e era tão simpática com todos que eles não podiam deixar de se interessar. Agora que ela está doente, todos estão tristes, especialmente por saberem que ela não consegue descobrir uma maneira de ficar contente. E assim, eles vêm todos os dias para contar como ela lhes trouxe contentamento, esperando que isso possa ajudá-la. É que ela sempre quis que todo mundo jogasse o jogo com ela.

– Bem, eu sei de mais alguém que agora vai passar a jogá-lo também – disse Miss Polly enquanto se virava para sair da cozinha.

Atrás dela, Nancy ficou embasbacada.

– Agora sou capaz de acreditar em qualquer coisa nesse mundo – murmurou para si própria.

Um pouco depois, no quarto de Pollyanna, a enfermeira deixou Miss Polly e Pollyanna sozinhas.

– Hoje você teve mais uma visita, minha querida – anunciou Miss Polly com uma voz que tentava, em vão, se manter firme. – Lembra de Mrs. Payson?

– Mrs. Payson? Sim, me lembro muito bem! Ela vive no caminho para a casa de Mr. Pendleton e tem o bebê mais bonito que eu já vi e um menininho com quase cinco anos. Ela e o marido são muito simpáticos, mas parece que não conseguem viver bem juntos. Algumas vezes, eles brigam muito, quero dizer, eles não conseguem chegar a um acordo. Também são pobres e não recebem doações porque ele não é um missionário, como..., bem, ele não é.

O rosto de Pollyanna ficou corado, o que também coincidiu com um rubor no rosto de sua tia.

– Mas apesar de serem tão pobres, ela, às vezes, veste umas roupas muito bonitas e tem uns anéis muito lindos, mas diz que tem um anel a mais e que vai jogá-lo fora e pedir o divórcio. O que é o divórcio, tia Polly? Receio que não seja muito bom porque ela não parece muito contente quando fala nisso. E diz que se conseguir o divórcio, eles não vão mais viver juntos, e que Mr. Payson iria embora e talvez levar os filhos. Mas eu acho que ela deveria manter o anel, mesmo se eles não morarem mais juntos. Não acha, tia Polly?

– Mas não vai haver mais nenhum divórcio, querida – falou a tia Polly apressadamente. – Eles vão continuar juntos.

– Ah, fico tão contente! Então eu vou poder vê-los quando puder me levantar... Ah, tia Polly! – e a menina rompeu num choro. – Por que eu não consigo me lembrar que as minhas pernas já não podem mais andar e que nunca mais poderei me levantar para ir ver Mr. Pendleton.

– Calma, calma, não chora assim – consolou a tia. – Talvez qualquer dia desses você consiga se levantar. Mas espera. Ainda não contei tudo o que Mrs. Payson disse. Ela também me pediu para dizer que eles vão continuar juntos e que vão jogar o jogo exatamente como ensinou a eles.

Pollyanna sorriu com os olhos cheios de lágrimas.

– Vão? Que bom! Estou muito contente com isto!

– Sim, ela disse que esperava que ficasse contente. É por isto que ela veio aqui, para deixá-la contente, Pollyanna.

Pollyanna ergueu os olhos para a tia, atônita.

– Mas, tia Polly, a senhora fala como se conhecesse tudo sobre o jogo! É verdade?

– Sim, querida. A Nancy me contou tudo. Acho que é um jogo muito bonito. E agora quem vai jogá-lo contigo sou eu.

– Oh, tia Polly, a tia vai jogar comigo? Fico tão contente! O que eu mais queria era que a tia jogasse comigo.

A tia Polly respirou mais fundo, pois era cada vez mais difícil manter a voz firme. Mas conseguiu.

– Sim, querida, e todos os outros estão também jogando. Acho que toda a cidade está jogando o jogo; até o pastor! Ainda não tinha tido a oportunidade de dizer a você, mas esta manhã encontrei Mr. Ford quando ia para a cidade e me pediu para dizer que, logo que puder, vem fazer uma visita e que nunca mais deixou de estar contente com os oitocentos textos alegres que ele aprendeu contigo. Como vês, a cidade inteira está jogando o jogo e todos estão muito felizes e contentes. E tudo graças a uma menina que lhes ensinou um jogo novo e como jogá-lo.

Pollyanna bateu palmas.

– Oh, estou tão contente – exclamou. E o seu rosto iluminou-se. – Já descobri uma coisa para estar contente, tia Polly. Eu estou contente por ter tido as minhas pernas. Se não as tivesse tido, nunca poderia ter feito tudo isto!

Capítulo XXIX

Através de uma janela aberta

Um por um foram se passando os dias curtos de inverno. Mas, para Pollyanna, não eram curtos. Eram longos e, por vezes, cheios de dor. Apesar disso, resolutamente, a menina fez renascer em sua alma, aquela maravilhosa antiga alegria. Quanto não valia, por exemplo, poder agora jogar o famoso jogo com sua tia? E como Miss Polly sabia contar histórias maravilhosas. Foi ela quem descobriu aquela da velhinha que só possuía dois dentes – e que vivia muito alegre com o fato de que os dois dentes estarem exatamente na mesma posição: um em cima e o outro em baixo.

Agora, Pollyanna, como Mrs. Snow, tricotava lindas malhas em cores vivas e isso era motivo para que ela, tal como Mrs. Snow, ficasse muito contente por ainda ter braços e mãos.

De vez em quando, Pollyanna já podia receber visitas, de modo que as vezes costumava conversar com algum dos seus numerosos amigos, e quando não tinha visitas, recebia recados, cartas e bilhetes, que sempre lhe traziam motivos para ficar contente.

John Pendleton já a tinha visitado uma vez e Jimmy Bean por duas vezes. John Pendleton tinha contado como Jimmy estava se comportando bem e como ele próprio se sentia bem na companhia do menino. Jimmy contou sobre o belo lar que tinha agora e como fazia uma boa família com Mr. Pendleton. Ambos manifestaram a Pollyanna a sua gratidão. Pollyanna confiou então à tia:

– Isto faz com que eu me sinta ainda mais contente por ter tido as minhas pernas.

O inverno passou e chegou a primavera. Apesar do tratamento, Pollyanna pouco melhorou. Parecia que as previsões mais pessimistas do doutor Meed estavam se concretizando e que Pollyanna nunca mais poderia voltar a andar.

Toda a cidade procurava manter-se informada sobre Pollyanna e uma pessoa em especial estava excepcionalmente impaciente. Entretanto, como os dias passavam, e as noticias não eram nada animadoras, algo mais do que ansiedade começou a estampar-se no rosto do homem. Por fim, transformou-se em desespero e numa firme determinação de intervir, de entrar na luta contra a misteriosa doença. Foi por causa disto que Mr. John Pendleton recebeu, com surpresa, a visita do doutor Thomas Chilton num domingo.

– Pendleton, vim aqui visitá-lo porque você, melhor do que qualquer outra pessoa da cidade, tem conhecimento da minha relação com Miss Polly Harrington.

John Pendleton manifestou-se surpreso, pois apesar de saber alguma coisa sobre a relação entre Polly Harrington e Thomas Chilton, fazia quinze anos que o assunto não era mencionado entre eles.

– Sim – disse ele tentando fazer com que a sua voz manifestasse simpatia e não curiosidade.

– Pendleton, eu quero ver aquela criança. Quero examiná-la, eu tenho que examiná-la.

– Por que não o faz, então?

– Não posso! Sabe muito bem que eu não entro naquela casa há mais de quinze anos. Você não sabe, mas vou lhe contar. A dona daquela casa declarou que se por acaso eu for chamado algum dia, isso significará pedido de perdão, que tudo voltaria a ser como antes e que se casaria comigo. Assim, não imagina que ela vá me chamar, não é?

– Mas podia lá ir sem ser convidado?

O médico franziu a testa.

– Isso é difícil. O orgulho me impede.

– Mas se está tão ansioso, não pode engolir o seu orgulho e esquecer a discussão?

– Esquecer a discussão! – interrompeu o médico violentamente. – Não estou falando desse tipo de orgulho. No que se refere a isso eu seria capaz de ir até lá de joelhos. É do orgulho profissional que estou falando. É um caso de doença e eu sou médico. Não posso chegar lá e dizer “aqui estou eu, me aceite como o seu médico”.

– Chilton, qual foi a discussão? – perguntou Pendleton.

O médico fez um gesto de impaciência.

– A discussão? Foi uma briga de namorados, uma coisa sem importância. Talvez uma discussão qualquer sobre o tamanho da lua ou a profundidade de um rio. Sem qualquer significado se compararmos com os anos de infelicidade que se seguiram! A discussão não teve qualquer importância! No que me diz respeito, estou disposto a esquecê-la completamente. Pendleton, eu tenho que ver aquela criança! É um caso de vida ou de morte. Acredito honestamente que Pollyanna tem nove chances em dez de voltar a andar de novo!

O médico pronunciou estas palavras bem alto e com muita clareza. Foi assim que Jimmy Bean que ia passando do lado de fora da janela ouviu o que ele disse.

– Andar! Pollyanna! – dizia John Pendleton. – O que quer dizer com isso?

– Significa que, tanto quanto eu sei do que me dizem, o caso dela é muito semelhante ao que um colega meu curou. Há anos que ele se especializou nesta área. Tenho me mantido em contacto com ele e também estudei o assunto. E do que tenho ouvido... mas preciso ver a menina!

John Pendleton endireitou-se na cadeira.

– Sim, precisa! Não pode ir por intermédio do doutor Warren?

O outro abanou a cabeça.

– Receio que não. Warren tem sido muito decente. Ele me disse que tinha sugerido a Miss Harrington uma consulta comigo, mas que ela tinha recusado e ele não se atreve a pedir de novo, mesmo sabendo do meu desejo de ver a criança. Ultimamente, alguns dos seus melhores doentes passaram para mim e isso me constrange ainda mais. Mas tenho que ver aquela criança! Imagine o que isso poderá significar para ela!

– Temos que fazer com que ela lhe peça para ir lá! – disse Pendleton.

– Como?

– Não sei.

– Se você não sabe, ninguém sabe. Ela é orgulhosa e está muito zangada comigo para me pedir. Depois do que disse, há anos, isso também teria outro significado. Mas quando penso naquela criança condenada a ficar paralítica, eu tendo na mão a sua cura e só não posso agir por uma questão de orgulho e de etiqueta profissional. – O doutor caminhava, fora de si, de um lado para o outro da sala.

– Mas se conseguíssemos fazer com que ela compreendesse – repetiu John Pendleton.

– Sim, e quem é que fará isso? – perguntou o médico virando-se bruscamente.

– Não sei, não sei – resmungou o outro desanimado.

Do lado de fora da janela, Jimmy Bean deu um salto de alegria.

– Quem? Pois eu sei! – sussurrou ele cheio de alegria. Eu vou! – e desatou a correr em direção ao solar dos Harrington.

Capítulo XXX

Jimmy assume o controle

– É Jimmy Bean. Ele quer ver a senhora – anunciou Nancy da porta.

– A mim? – perguntou Miss Polly, surpreendida. – Tens certeza de que não é Miss Pollyanna que ele quer ver? Se quiser, ele pode vê-la durante alguns minutos.

– Já disse, mas ele insiste em falar com a senhora.

– Muito bem, estou descendo. E Miss Polly levantou-se da sua cadeira com um ar enfadonho.

Na sala encontrou o menino muito corado que começou a falar imediatamente.

– Minha senhora, eu sei que é horrível o que estou fazendo e que estou falando, mas eu não posso deixar de fazer isso. É por causa da Pollyanna. E por causa dela eu era capaz de andar sobre um braseiro, ou de enfrentá-la ou qualquer outra pessoa. E eu acho que a senhora faria o mesmo se pensasse que há alguma possibilidade dela voltar a andar. E é por isso que eu vim aqui para falar consigo, pois se é só uma questão de orgulho que impede Pollyanna de voltar a andar, eu tenho certeza de que a senhora vai chamar o doutor Chilton aqui, se compreender que...

– Quê? – interrompeu Miss Polly olhando-o com cara de poucos amigos.

– Eu não queria que se zangasse. Foi por isso que eu comecei dizendo que ela podia voltar a caminhar. Pensei que a senhora me escutaria por causa disso.

– Jimmy, está falando sobre o que?

– O que estou tentando dizer é que Pollyanna pode voltar a andar.

– Então me fale tudo. Mas comece do início e me explique tudo. Não se precipite, pois mistura tudo.

Jimmy passou a língua pelos lábios com determinação:

– Bem, para começar, o doutor Chilton foi ver Mr. Pendleton e eles foram conversar na biblioteca. Compreende isso?

– Sim, Jimmy – mal se ouvia a voz de Miss Polly.

– Bem, a janela estava aberta e eu estava arrumando um canteiro de flores, quando escutei a conversa.

– Oh! Escutando a conversa dos outros?

– Não era a meu respeito, nem eu quis ouvir. Mas estou contente por ter ouvido. A senhora também vai ficar quando eu lhe explicar. Porque isso pode fazer Pollyanna voltar a andar!

– Jimmy, o que isso quer dizer? – exclamou Miss Polly aproximando-se, já interessada.

– É isso que eu estou dizendo. O doutor Chilton conhece um médico que talvez possa curar Pollyanna e fazer com que ela volte a andar, mas não pode ter certeza sem examiná-la primeiro. Precisa, sabe? E ele disse a Mr. Pendleton que a senhora não o deixa entrar.

Miss Polly ficou muito corada.

– Mas Jimmy, eu não posso! Isto é, eu não sabia!

Miss Polly começou a torcer as mãos nervosamente.

– Pois é, e foi por isso que eu vim até aqui para que a senhora soubesse – afirmou Jimmy ansioso. – Eles disseram que por uma certa razão que eu não entendi bem, a senhora não deixava o doutor Chilton entrar aqui e que tinha dito isso ao doutor Warren. E que o doutor Chilton não podia vir aqui por iniciativa própria, sem a senhora pedir, por causa do seu orgulho profissional. E eles estavam pensando em alguém que poderia explicar tudo para a senhora, mas não sabiam quem. Como eu estava do lado de fora, pensei comigo mesmo: eu vou! E aqui estou! A senhora entendeu?

– Sim. Mas Jimmy, quem é esse médico? O que ele já fez? Eles têm certeza de que ele pode fazer Pollyanna voltar a andar?

– Eu não sei quem ele é. Eles não disseram. É o doutor Chilton que o conhece. Ele já curou outra

pessoa como ela. Mas não era com o médico que eles estavam preocupados. Era com a senhora que eles estavam preocupados, porque não quer que o doutor Chilton apareça aqui. A senhora compreendeu tudo?

Miss Polly balançava a cabeça de um lado para outro. Sua respiração estava um pouco ofegante. Jimmy, com ansiedade, achou que ela iria chorar. Mas não chegou a chorar. Passado um minuto, disse quase gaguejando.

– Sim, eu deixo o doutor Chilton examiná-la. Agora corre para casa, Jimmy! Tenho que falar com o doutor Warren que está lá em cima. Eu ouvi quando ele chegou alguns minutos atrás.

Um pouco depois o doutor Warren ficou surpreendido ao encontrar Miss Polly muito agitada e corada. Ficou ainda mais surpreso ao ouvir a senhora dizer um pouco atrapalhada.

– Doutor Warren, o senhor me pediu tempos atrás para permitir que o doutor Chilton fosse chamado para ver Pollyanna e eu recusei. Entretanto, eu reconsiderei minha decisão. Gostaria muito que o senhor convocasse o doutor Chilton. Será que seria possível, por favor, chamá-lo imediatamente? Muito obrigada.

Capítulo XXXI

Um novo tio

Na próxima vez que o doutor Warren entrou no quarto, onde Pollyanna estava deitada observando os reflexos do arco-íris no teto, um homem alto e de ombros largos seguia atrás dele.

– Doutor Chilton! Oh, doutor Chilton, como estou contente em vê-lo por aqui, – gritou Pollyanna. E diante da alegria daquelas palavras, os olhos de todos no quarto se encheram de lágrimas. – Mas claro, se a tia Polly não quiser...

– Está tudo bem, minha querida, não se preocupe, – atalhou Miss Polly agitada, aproximando-se da cama. – Hoje de manhã, eu disse ao doutor Chilton que eu queria que ele a examinasse junto com o doutor Warren.

– Ah, então foi a senhora que pediu para ele vir me ver? – murmurou Pollyanna cheia de contentamento.

– Sim querida, eu pedi. Isto é... – mas já era tarde demais.

A alegria que, de repente, tinha enchido os olhos do doutor Chilton era inconfundível e Miss Polly já tinha percebido. Muito corada virou-se e deixou o quarto apressadamente.

Junto à janela, a enfermeira e o doutor Warren falavam muito sérios. O doutor Chilton estendeu as duas mãos para Pollyanna.

– Minha menina, acho que uma das coisas que pode dar mais alegria para alguém foi o que fizeste hoje, – disse ele com a voz trêmula de emoção.

À tarde, depois que os médicos se retiraram, uma Miss Polly completamente diferente entrou no quarto. Elas estavam a sós.

– Pollyanna, minha querida, vais ser a primeira pessoa a saber. Um dia, o doutor Chilton será seu tio. E foi você que conseguiu tudo isso. Oh, Pollyanna, estou tão contente! E tão feliz, minha querida!

Pollyanna começou a bater palmas, mas parou.

– Tia Polly! Então era a senhora que ele queria há tantos anos? Tenho certeza que era! E era isso que ele queria dizer quando disse que eu, hoje, havia dado a maior alegria para alguém. Estou tão contente! Estou tão contente que agora não me importo com nada, nem com as minhas pernas!

A tia Polly conteve o choro.

– Talvez, algum dia, minha querida... – Mas a tia Polly não concluiu. Não se atreveu a contar, ainda, as grandes esperanças que o doutor Chilton tinha colocado no seu coração. Mas disse o seguinte que soou maravilhoso aos ouvidos de Pollyanna:

– Pollyanna, na semana que vem você vai fazer uma viagem. Vamos levá-la com todo o conforto a um médico que tem uma grande clínica a alguns quilômetros daqui, e que se dedica a cuidar de pessoas com a tua doença. Ele é um grande amigo do doutor Chilton e vamos ver o que ele pode fazer por você!

Capítulo XXXII

Uma carta de Pollyanna

Querida tia Polly e tio Tom:

Oh, eu posso – eu já posso caminhar! Hoje eu caminhei da minha cama até a janela! Foram seis passos. Meu Deus, como é bom estar de pé outra vez.

Todos os médicos estavam em volta e as enfermeiras choravam. Uma senhora da enfermaria ao lado, que esta semana andou pela primeira vez, veio espiar, e uma outra que espera poder caminhar dentro de um mês, também foi convidada para a festa. Até Tilly, a mulher da limpeza, me olhava pela janela e dizia “linda menina” quando conseguia deixar de chorar.

Não sei porque eles choravam. Eu só queria cantar e gritar: Olhem! Eu posso caminhar – caminhar! Agora já não me importo de estar aqui faz quase dez meses, porque, de qualquer modo, eu não perdi o casamento. A tia Polly foi muito querida em vir aqui e se casar ao lado da minha cama, para eu poder assistir. A senhora sempre se lembra das coisas que me dão muita alegria.

Eles dizem que em breve poderei voltar para casa. Quem me dera poder ir a pé até aí. Acho que nunca mais vou querer andar de carro. Vai ser tão bom andar a pé. Estou tão contente! Estou contente por tudo. Estou contente até de ter perdido as minhas pernas por um tempo, pois só quem já perdeu as pernas sabe o valor que elas têm.

Amanhã eu vou andar oito passos.

Com montanhas de amor para todos,

POLLYANNA